

ABRIL - 1941

REVISTA DO BRASIL

(FUNDADA EM 1916)

Director: OCTAVIO TARQUÍNIO DE SOUSA

JOÃO GASPAR SIMÕES — O CASO DE JAMES JOYCE — 1 * BARRETO
LEITE FILHO — O DESASTRE — 6 * FERNANDO MENDES DE ALMEIDA —
A CATECHESE DOS JAPONESES E OS VALIOSOS SERVIÇOS DO
JESUITA PADRE GUIDO DEL TORO — 11 * MARQUES REBÊLO —
SERRANA — 16 * LUÍZ FORJAZ TRIGUEIROS — ANTONIO PEDRO E A
POESIA DIMENSIONAL — 20 * HELIO LOBO — A LIÇÃO SUIÇA —
24 * PAULO CORRÊA LOPES — POEMAS — 31 * HELIO VIANNA — DES-
COBERTA DE CASIMIRO DE ABREU — 32 * HENRIQUE FRANCK S. J.
— A PHILOSOPHIA ACTUAL: FUNÇÃO DA NEO-ESCOLASTICA — 40

O CONTO BRASILEIRO — A Viagem a Napoles, Sergio Buarque de
Hollanda — 54

LIVROS — Valdemar Cavalcanti, Ruy Coutinho e Helio Vianna — 66 * LE-
TRAS PORTUGUESAS — Lucia Miguel-Pereira — 80 * LETRAS NORTE-
-AMERICANAS — Affonso Arinos de Mello Franco, Gilberto Freyre, Guilherme
Figueiredo, Lucia Miguel-Pereira, Manuel Bandeira e Mario de Andrade — 82
* ARTES PLASTICAS — Santa Rosa — 89 * THEATRO — R. Navarra —
91 * POLITICA INTERNACIONAL — Austregesilo de Athayde — 94

NOTAS E COMMENTARIOS — 97 * PESQUISAS E DOCUMENTOS — Carta
de Varnhagen a Francisco Freire Allemão — 100 * VARIEDADES — 101 *
A' MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS — 103 * RESENHA DO MÊS
— 106 * REGISTRO BIBLIOGRAPHICO — 110

O CONFLICTO EUROPEU — Raul Lima — 111

Anno IV

3. phase

N.º 34

REVISTA DO BRASIL

Director:
OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA
Redactor-Secretario:
AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA

Gerente:
L. SANTOS

Publicação mensal

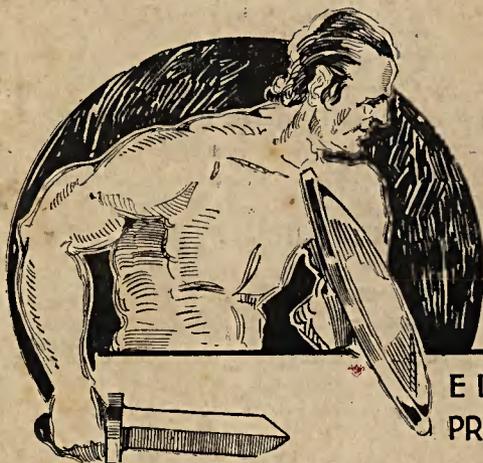
Direcção e Redacção: AV. RIO BRANCO, 129-31 — 3.º — Tel. 43-7073

Administração: RUA DO LIVRAMENTO, 191 — RIO — Tel. 43-2741

ASSIGNATURAS: Balcão dos "Diarios Associados", Av. Rio Branco, 129-31

ASSIGNATURA (registrada): Annual, 36\$000 — Semestral, 20\$000

NUMERO AVULSO..... 3\$000



*Defenda os
seus pulmões*

**E DEFENDERÁ A
PRÓPRIA VIDA!**

O COGNAC DE ALCATRAO XAVIER é o remedio mais efficiente contra a grippe, as tosses e os resfriados.

Não deixe que o seu mal se agrave: corte-o immediatamente com o

COGNAC DE ALCATRÃO XAVIER

REVISTA DO BRASIL

(Fundada em 1916)

ANNO IV

3.^a PHASE

N.º 34

ABRIL DE 1941

O CASO DE JAMES JOYCE

Acaba de morrer na Suíça um escriptor mais conhecido do que lido, mais discutido do que admirado, mais estudado do que apreciado. E' um caso novo na historia literaria. Comquanto não se possa dizer que a sua personalidade fosse mais importante do que a sua obra, a verdade é que aquella avulta mais do que esta. Pelo menos discute-se mais o que ella pretendeu realizar do que aquillo, que de facto realizou. Por que? Era este escriptor critico ou doutrinario, estheticista ou philosopho da arte? Não. Que eu saiba nenhuma pagina doutrinarias deixou publicadas. Salvo num passo ou outro dos seus romances, nunca se referia, como critico, aos problemas estheticos. Como explicar então que a sua personalidade tenha sido mais discutida do que a sua obra?

James Joyce — eis o escriptor de quem falo. Nome, universal! Onde quere que se fale de romance moderno, James Joyce apparecerá. Todavia poucos leitores o terão lido. Poucos, pelo menos, o terão lido completamente, não obstante o numero reduzido das obras que deixou. Escreveu, ao todo, cinco ou seis volumes, um dos quaes de fama universal. Refiro-me ao famoso *Ulysses*, o menos lido de todos... De facto, este grosso volume de perto de oitocentas paginas goza mais de fama que de proveito. Não admira: a sua leitura exige um esforço de applicação penosissimo. Trata-se de uma dessas obras a que é de uso chamar-se "difficeis".

Levantemos uma pontinha do véo. Quando se trata de fama — vibrante despertador da opinião publica — há que contar com um certo numero de reacções classicamente consideradas os *passos da fama*. Ora o escandalo continua a ser um dos seus passos obrigatorios. Em literatura o escandalo é meio caminho para a gloria. Vale



mais fazer escandalo do que ter talento. James Joyce, além do talento que tinha, começou por fazer escandalo.

E' sabido que o primeiro livro deste escriptor — *Dubliners* — não chegou a sair de casa do editor. Quando ia ser lançado no mercado, um desconhecido entrou na casa editora, comprou a edição e mandou-a queimar no pateo da livraria. Um só exemplar se salvou, que o desconhecido deixou de presente a James Joyce. Mais tarde, quando a revista *Little Review*, dos Estados Unidos da America do Norte, começou a publicação do famoso *Ulysses*, a policia interveio e a revista foi suspensa por quatro meses. Passava-se isto em 1918. Só em 1922 apparecia em Paris a primeira edição desta obra, prohibida na Inglaterra e na America do Norte.

Que mais seria preciso para celebrar James Joyce? Ei-lo desde logo um dos mais conhecidos escriptores do mundo. Insisto: um dos mais conhecidos, *não um dos mais lidos*.

Há uma classe de obras literarias de facil identificação: refiro-me áquellas em que as intenções do escriptor sobrelevam ao temperamento. Sem termos lido uma pagina do *Ulysses* qualquer de nós pode fazer immediatamente uma idéa do genero de obra que elle é. Trata-se de um romance que se define pela qualidade e natureza da technica. Estudar o *Ulysses* é estudar-lhe a technica. Eis por que não é difficil concebermos esta obra intellectualmente muito antes de a termos lido. Apoiados nas informações da critica, seguiremos com relativa facilidade — talvez com mais facilidade que através da propria leitura — o plano e intenções da obra. E logo veremos que em *Ulysses* o plano e as intenções são o mais importante. Eis o que de balde tentaremos fazer para uma daquellas obras em que o temperamento sobreleva as intenções. Por melhor que nos resumam criticamente *Os Possessos*, de Dostoiewski, de nada nos servirá. E' necessario ler os romances de Dostoiewski para realmente os conhecermos. As intenções do autor fundem-se com a obra — são a propria obra. A technica é invisivel: está no romance como o vigamento nos edificios.

Aqui está por que a leitura da obra de Joyce foi supprimida pela leitura da critica. O que na construcção havia de engenhoso tornou-se patente aos leitores e dispensou-os de ler *Ulysses*. Isto no que diz respeito ao *Ulysses*. Mas as outras obras de Joyce foram offuscadas por esta. E como muitos daquelles que se arrojarão á leitura do *Ulysses* ficaram desilludidos, os demais romances de Joyce nunca chegaram a conhecer a popularidade do seu nome. Sim: é preciso não ter medo de dizer que o rei vai nu. Muitos dos que julgaram ir encontrar no *Ulysses* grandes novidades, geniaes revelações, viram-se apenas perante um formidavel exercicio de virtuosismo literario.



E' tempo de recuperarmos o perdido. James Joyce, esse famoso escriptor que se dizia ter tentado a mais ousada das empresas: descer á terra para da terra arrancar viva a vida, qual outro Orpheu descendo aos infernos para delles arrancar Eurydice, não desceu tal á terra: ficou no labiryntho da sua intelligencia, quedou embriagado pelos recursos infinitos do seu talento literario. Entre os escriptores do nosso seculo, James Joyce há de vir a ser considerado um dos mais *literarios*, um dos mais *intellectuaes*, um dos mais *classicos*.

Façamos um inventario da sua obra. De 1907 a 1941 publicou James Joyce cinco volumes. Só dois delles são, porém, de grandes proporções. O seu *Portrait of the Artist as a Young Man* levou dez annos a escrever. Trinta e quatro annos para escrever portanto quatro obras. Que laboriosa tarefa! Sim: James Joyce é antes de mais nada um escriptor laborioso.

O seu estilo é batido e rebatido: todos os seus elos são limados! O futuro dirá se o estilo não é a maior virtude da sua obra hoje tão gabada pelas suas audacias technicas. De facto, James Joyce é sobretudo um estilista... mas um estilista sem originalidade apreciavel, em que pese aos seus admiradores. Quero crer que uma das maiores torturas de James Joyce deve ter sido a vã pesquisa de uma originalidade natural. Foi por lhe faltar originalidade natural que James Joyce se consagrou ao virtuosismo.

Não parece isto paradoxal? Pois não é o contrario que se deprehende da leitura dos estudos dos seus criticos? Por mim, antes de o ter lido, imaginava-o avido de fundos contactos com a realidade viva, com o vulcão psychologico, com os sentimentos nativos, com a vida candente e tumultuosa. Era grande o meu erro. James Joyce não era nada disso. Fechado dentro de si mesmo, Joyce consagrara-se inteiramente a uma tarefa byzantina: colleccionara estados de consciencia como quem collecciona cacos archeologicos.

James Joyce foi discipulo dos jesuitas. A casuistica é um dos seus fortes. As doutrinas da Igreja absorveram-no. Aristoteles foi o seu mestre de esthetica. Ao contacto com a escolastica, as faculdades intellectivas de Joyce desenvolveram-se num sentido *abstractivo*, deixem-me dizer assim. Note-se, no entanto, que a capacidade dialectica não se lhe desenvolveu. Não há romances menos discursivos e dialecticos que os de Joyce. Recriar o mundo *in mente* — eis um proposito que nunca o tentou. Os seus romances são tudo quanto há de menos *microcosmos*. Pelo contrario: são fragmentarios, dispersivos, verdadeiras colleções de imagens estaticas. Dir-se-á que Joyce retalha a realidade, trá-la a si, guarda-a no alcool da intelligencia, e só depois a devolve á escripta. Isto explica o que nos seus romances há de nitido, de recortado, de retalhado, a par de não sei quê de frio, de estereotypado, de embalsamado, vamos.

Romance é progresso, tempo, antes de mais nada. Não o romance de James Joyce. Posto que *Ulysses* pretenda ser um romance temporal — decorre entre as oito horas da manhã e as três da madrugada do dia seguinte — o certo é que não há tempo nesta obra: tempo real, entenda-se. Para sugerir o fluir das horas, recorreu Joyce a artificios taes como a sobreposição de pormenores em momentos diferentes no espaço e identicos no tempo. Por exemplo: o caso das nuvens vistas simultaneamente por Dedalus e Bloom em occasiões que no romance não coincidem.

A arte é uma replica da realidade projectada num plano ideal. E' ahi, nesse plano ideal, que envelhecem as personagens de romance. Mas para que as vejamos envelhecer é preciso que as sintamos trituradas pelo tempo. Nos romances em que as personagens envelhecem o tempo passa. As personagens de Joyce nunca envelhecem. Os seus romances são fragmentos immoveis da vida. Joyce escolhe de preferencia acções de curta duração. *Ulysses*, como vimos, decorre em vinte e quatro horas; *A Portrait of the Artist as a Young Man*, como o titulo o diz, é um retrato de uma adolescencia. Não dura mais do que isso; as suas novellas de *Dubliners* são momentos da vida das personagens: duram horas apenas. Ora a replica da vida realizada no plano ideal do romance deve ser animada de um movimento continuo. Não devemos ser postos em presença de episodios fraccionados da existencia das personagens, mas sim deante do proprio fluir dessas existencias. Os romances caminham como progressões geometricas. Para passar de uma quantidade a outra é necessario adicionar-lhe a quantidade anterior. Em vez de uma exposição de parcellas, o romance é uma addição dessas mesmas parcellas.

Eis o que Joyce não toma em conta. Os seus romances são compostos de parcellas autonomas, pois o romancista era dominado por dois movimentos oppostos. Por um lado uma intellectualização extrema, por outro uma extrema acuidade visual. Se era certo abstrahir a realidade do real, condensando-a em quadros intellectualizados, tambem era verdade ver o real com aguda penetração. Daqui ser incapaz de se desprender de todo do real e ao mesmo tempo sentir-se impotente para realizar esse real longe d'elle. Isto faz com que os seus romances sejam successões de quadros immoveis: instantaneos desconnexos. Aliás, Joyce, de accordo com as concepções estheticas de Aristoteles, parecia defender o principio de uma arte estatica: No seu *Portrait*, faz dizer a Stephen Dedalus: "...a emoção tragica é estatica. Ou antes a emoção dramatica é estatica. Os sentimentos excitados por uma arte impura são cineticos, desejo e repulsão. O desejo incita-nos á posse, incita-nos a mover-nos para alguma coisa; a repulsão incita-nos ao abandono, incita-nos a afas-



tar-nos de alguma coisa. As artes que suggerem estes sentimentos, pornographicas ou didacticas, não são, portanto, artes puras. A emoção esthetica é por conseguinte estatica. O espirito queda-se paralisado para além de todo o desejo, de toda a repulsão." Eis aqui uma authentica concepção classica da arte.

Em que consiste então a originalidade de Joyce? Numa nova expressão da realidade? Numa mais profunda visão do homem? Numa mais complexa explicitação psychologica? Não. A originalidade de Joyce está na technica dos seus romances: principalmente na do *Ulysses*. Joyce alterou a esthetica classica do romance. Em vez de uma progressão no tempo, para elle, o romance é uma analyse em sobreposições immoveis. Aquillo que no *Ulysses* pode parecer movimento, não é mais que uma serie de instantaneos de um mundo em marcha. Quão longe nós estamos da visão ao retardador de Marcel Proust! Para Proust, sim, existia o tempo; a realidade offercia-se-lhe agitada por um movimento ininterrupto. Não para Joyce. Joyce não vê ao retardador, antes opera como os photographos nas suas photomontagens, os quaes vão collando uns sobre outros pormenores estaticos de differentes photographias. Eis por que a obra de Proust é essencialmente cinematographica, emquanto que a de Joyce é eminentemente photographica: radiographica, antes, visto que incide mais sobre o intimo da vida que sobre o seu exterior.

Que errada a idéa que muita gente tem de James Joyce! Escriptor dynamico? Escriptor de fundas incidencias no fluir do tempo? Não. Exactamente o contrario. Joyce é um escriptor que procura o lado estatico da realidade: é um escriptor que immobiliza a vida. Por isso mesmo poderemos considerar *A Portrait of the Artist as a Young Man* como a sua obra mais perfeita — como a verdadeira medida do seu genio classico. *Ulysses*, quanto a mim, é uma aventura fallhada. Só como aventura merece attenção.

Lisboa, 31 de janeiro de 1941.

JOÃO GASPAR SIMÕES

O DESASTRE

Os testemunhos já publicados a proposito da derrota francesa serviram para nos apresentar uma serie de imagens amplas ou minusculas dos factos, circumstancias e aspectos concretos da situação que arrastou o país ao desastre. A dois delles tive occasião de me referir nesta revista: os de André Maurois e Jules Romains. Por mais interessantes que fossem, e o seu valor é muito desigual, não poderiam, porém, fugir ás limitações inherentes a todo testemunho. Ao prestar um depoimento, o seu autor é obrigado a cingir-se aos episodios a que assistiu, ou de que teve conhecimento. Nos casos indicados, tratando-se de dois escriptores de renome, era natural que procurassem seleccionarem as suas recordações de modo a fornecer uma idéa geral do conjunto do quadro que contemplaram. Cada um delles logrou attingir o seu objectivo com mais ou menos felicidade, conforme, em primeiro lugar, a altitude do proprio espirito, e depois as oportunidades que lhe foram offerecidas de ver e annotar, as funcções que exerceu, a sua maior ou menor intervenção nos acontecimentos e a natureza dessa intervenção.

E' por todos esses motivos que, como já assignalei aqui, o livro de Jules Romains me parece muito mais significativo do que o de Maurois. Mas, antes de ir adiante, desejaria fazer mais uma observação sobre este ultimo. *Tragédie en France* está sendo encarado um tanto desdenhosamente, pelo menos entre as pessoas com quem tenho conversado, pela sua superficialidade e pelo espirito de pura reportagem, no pequeno sentido da palavra, com que o seu autor o escreveu. Creio, porém, que exactamente nisto reside o seu merito, ou que isto formá uma especie de merito proprio do livro em relação ao thema. Por mais imponente que nos pareça o espectáculo da queda de um país tão admiravel, é necessario notar que elle se compôs de uma enormidade de mesquinhos incidentes, de miserias, inepcias e dramaticos ou grotescos disparates, que em outras condições teriam passado despercebidos, mas que, em uma atmospheria dentro da qual tudo parecia se combinar para a derrota, formaram o proprio tecido da tragedia. Esta ausencia total de grandeza no mecanismo interno de uma catastrophe tão descommunal a torna sem duvida muito mais dolorosa para os que se habituaram a amar a França e nos

obriga a indagar se não haveria uma inelutável adequação histórica nesse desenlace. Quando estudamos um pouco mais attentamente a derrota de Waterloo, procurando passar além das simples peripecias militares da batalha, somos levados a concluir que não houve nada de fortuito no que aconteceu ali e, ao contrario, que tudo se tinha preparado para transformá-la no epilogo necessario da prodigiosa epopéa do Corso. A propria ausencia de Grouchy, no momento decisivo, apparece como um detalhe destinado a rematar os effeitos de uma serie de outros e por sua vez condicionado por um conjunto de circumstancias anteriores que tinham collocado á frente daquelle corpo de exercito um marechal sem iniciativa e sem a experiencia das grandes campanhas. E em Waterloo havia um Napoleão.

Maurois é um observador talhado á medida dos pequenos factos a que lhe tocou assistir. Outros de maior vulto teriam a tarefa de esclarecer as grandes questões levantadas pelo desastre. Mas ao tomarem os acontecimentos dentro de uma perspectiva mais ampla e indubitavelmente mais fecunda, arriscavam-se a deixar perdidos para a historia exactamente aquelles detestáveis conflictos de pygmeus que arrastaram a esplendida nação a um transe tão espantoso. Tanto quanto é possível julgar, até agora só um homem ou só um caso individual seductor surgiu em toda a corrida francesa para o colapso. Foi o de Gamelin. Precisamente por isto o melhor depoimento a seu respeito já não poderia caber no livro de Maurois e teria de ser dado por Jules Romains. Mas é pouco provável que tivéssemos ficado sufficientemente instruidos se uma testemunha de reduzida visão não se tivesse occupado dos pormenores aparentemente secundarios do quadro cujas linhas principaes tocaria a outros apreciar.

De qualquer modo, as narrativas dos assistentes directos e dos proprios actores da tragedia nunca poderão esgotá-la, por importantes que sejam elles. Tem sido aliás observado que, em relação a muitos pontos, as memorias das personalidades de primeiro plano, longe de contribuirem para esclarecer, procuram deliberadamente confundir certas passagens mais delicadas, porque são escriptas com intenções de defesa ou de justificação. A historia da outra guerra, e especialmente das suas origens, teve de ser feita quasi toda á margem das reminiscencias autoapologeticas de Poincaré, Asquith e demais figuras que occupavam posições de relevo na politica europeá, em 1914. Na melhor das hypotheses, quando esses propositos tendenciosos não intervêm, o que só é possível nos individuos não comprometidos pessoalmente nos assumptos, o insubstituível valor desses depoimentos reside em que, dentro dos limites impostos pela faculdade humana de apprehensão, elles se mantêm em um terreno objectivo. Mas exactamente por isto só conseguem fornecer uma representação fragmentaria da realidade, muito precisa, talvez, em certos

pontos, mas omissa ou obscura em outros, o que não pode deixar de conduzir a uma perda do sentido das proporções e da noção dessa complexidade funcional que é inerente aos grandes processos políticos. A exposição mais acabada de "como as coisas aconteceram", que permanece desde as suas origens a finalidade essencial da história, só poderá vir com a divulgação dos documentos. Mas enquanto não se chega lá e não se pode, pois, começar a fazer história, as primeiras syntheses feitas sobre a observação directa dos acontecimentos não são menos uteis e, de certos pontos de vista, talvez até o sejam mais, do que as simples accumulações de materiaes informativos.

O livro de Jacques Maritain, *A travers le désastre*, apparecido há pouco como quarto volume da collecção "Voix de France", tem esse merito notavel. O seu proprio autor, com a infatigavel vigilancia critica, que se observa em cada linha do volume, previne contra qualquer tendencia a tomá-lo como uma interpretação definitiva das causas do colapso francês. Faltam para isso as peças documentarias essenciaes, que só mais tarde, quando os archivos secretos forem abertos aos investigadores, poderão ser examinadas. Não pretendeu tambem fazer um estudo completo de todas as causas do desastre, mas apenas das principaes. E nesta tarefa se conduz com um rigor, uma imparcialidade e uma lucidez exemplares. A sua analyse não se compromette por qualquer preferencia de ordem estrictamente partidaria. A todos elle denuncia. Jacques Maritain tem uma posição philosophica conhecida. E' um dos maiores pensadores catholicos do mundo actual. Mas declara que "há muito tempo tomou como regra, para resguardar a sua independencia de philosopho, não adherir a nenhum agrupamento politico". Esta independencia permitte-lhe agora discriminar a responsabilidade de cada um. Os primeiros capitulos do seu livro têm um merito e um defeito. O merito consiste na confirmação de todas as conjecturas que podiamos fazer aqui sobre o mechanismo da catastrophe. Neste sentido contribue para eliminar todas as duvidas que nasciam do receio de um conhecimento insufficiente da situação. A partir da sua leitura, todos os que vinhamos procurando encontrar um fio conductor naquella tempestade de disparates á primeira vista desconcertantes, já podemos avançar com muito maior confiança. O defeito consiste em que não accrescenta nada áquellas conjecturas. Mas, mesmo nessa parte, a precisão, o equilibrio, a extrema subtileza com que procura avaliar cada um dos factores, imprimem ao conjunto uma nitidez admiravel. Esta nitidez, já por si, representa uma grande conquista. E' impossivel trabalhar quando não conseguimos estabelecer pelo menos uma hypothese provisoria, que permita liquidar a primeira impressão confusa para aprofundar depois. Neste particular, embora não avan-



cem sobre o que podíamos suppor, as delimitações de Jacques Maritain são de uma utilidade ainda não atingida.

E' evidente que todos os partidos franceses tiveram responsabilidade na perda da nação. Era muito importante, porém, distinguir a dose de responsabilidade de cada um delles. Jacques Maritain consegue, não só estabelecer as responsabilidades geraes, como discriminar, pela sua proporção de influencia, as que cabem a cada um. Do ponto de vista da attitude dos homens, há um factor que sempre me pareceu dos mais significativos, em toda essa crise, e que o autor do *A travers le désastre* assignala com insistencia, em varias passagens. E' a perda do senso da grandeza. A politica francesa, e tambem a britanica até um certo momento, se orientava pelo que os seus defensores chamavam de "realismo", expressão que Maritain admite, embora pondo-a entre aspas, mas que na verdade de realismo não tinha nada e que não passava do mais primario, mais estreito, mais estúpido e insensato opportunismo, destituído por completo de perspectiva e da mais elementar comprehensão do sentido profundo dos acontecimentos. E' desse "realismo" que ainda se reclama um Laval, e basta isto para comprehender-se de que se trata. Contra elle, o philosopho reivindica a necessidade historica do senso da grandeza, que há de se desprender, nos instantes cruciaes de crise, das pequenas circumstancias de uma realidade mesquinha, para attingir as suas consequencias mais amplas, que vão decidir do proprio destino dos povos. E' muito frequente, sobretudo em politica, que os que se julgam mais espertos sejam exactamente os mais cegos. Ao se collarem a cada uma das variações quotidianas dos acontecimentos os homens perdem a noção do seu conjunto e, em lugar de extrahir delles os effeitos necessarios, ficam inconscientemente submettidos ao seu jogo chaotico. O autentico realismo politico tem um alcance muito diverso. Ser "sujeito e não apenas objecto da historia", como Spengler, com outras intenções, reclamava para a sua Alemanha, é o verdadeiro papel do politico. O politico vulgar jamais consegue passar de objecto e nunca consegue agir em escala historica.

Através dessa questão torna-se inevitavel o cotejo entre Maritain e Bernanos. E' interessante observar as opposições e as analogias das attitudes desses dois homens, ambos franceses, ambos catholicos, mas ambos independentes e imparciaes. Quem leu o livro do primeiro depois de ter lido os artigos do segundo mal comprehenderá, á primeira vista, que possa haver qualquer parentesco nacional ou philosophico entre elles, tão diversa é a maneira por que um e outro reagiram. Bernanos está animado pelo senso da tragedia. A sua reacção foi a de um "propheta de calamidades", como elle proprio se definiu, talvez sem prestar muita attenção ao que dizia. Em tempos como este, o senso da grandeza, a que se referia Maritain, é insepa-



ravel do senso da tragedia. Deste ponto de vista, tanto um como outro não podiam deixar de assumir a posição que assumiram, deante da França devastada. Os seus objectivos são igualmente os mesmos e as suas conclusões são pelo menos muito semelhantes. Maritain declara que "alguma coisa deve ter cedido sob a terra em um ponto muito profundo, e em torno desse desabamento o solo se inclinou e todas as razões do infortunio se puseram a convergir para o mesmo abysmo ao longo de innumeraveis pendentos."

No fim do seu livro elle especifica o que foi que afundou assim. A seu ver a fallencia fundamental foi das camadas dirigentes da sociedade francesa. Esta se tornou, na sua opinião, a grande causa do desastre. Basta ler um dos artigos de Bernanos para comprehender que o seu juizo é identico. Maritain chega, porém, a esse resultado depois de uma analyse estritamente racional dos acontecimentos, ao passo que Bernanos o attingiu por uma especie de illuminação. A nem um nem outro falta um agudo sentido politico, o que é raro em escriptores cujas preoccupações ordinarias jamais conduziram para esse lado, ou quando conduziram foi de atravessado, por preconceitos de outra ordem, como é o caso do monarchista Georges Bernanos. Um, que é philosopho, não dispensa, entretanto, por um momento, os recursos da mais pura razão logica para extrahir cuidadosamente, pouco a pouco, os seus effeitos, depois de os demonstrar detalhe por detalhe. O outro, que é poeta, tem uma especie de allucinação apocalyptic. Cada qual tem o seu genero de seducção. Maritain será talvez mais convincente e sobretudo muito mais claro. Mas não estou certo de que o outro não veja mais longe, com a sua visão do outro mundo, que os antigos attribuiam aos loucos, as coisas deste mundo.

Os dois ultimos capitulos do *A travers le désastre* estão cheios de esperanças sobre o destino da França, mas deixam muito poucas esperanças. Porque os elementos de que o autor espera a salvação do seu país são de uma natureza tal que, em um espirito tão lucido e tão logico como o seu, dão a impressão de só terem sido invocados pela completa ausencia de outros mais positivos. Uma coisa é capital, e esta ambos assignalam: a gravidade do perigo não reside, para a nobre nação, simplesmente na derrota, mas nas condições da derrota e no uso que se procura fazer della. Perder uma guerra não é tão grave como perder a alma.

BARRETO LEITE FILHO

A CATECHESE DOS JAPONESES E OS VALIOSOS SERVIÇOS DO JESUITA PADRE GUIDO DEL TORO

I — INTRODUÇÃO

O problema da interpretação dos methodos de vida dos japonezes, no Brasil, tem sido, até á presente data, objecto de observações tendenciosas, em geral traçadas segundo plano preconcebido de gratuitamente encher columnas de jornaes.

Nossa affirmação não implica exaggero algum. A maior prova de que ella procede reside no passo dos Annaes da Assembléa Ordinaria de 1936 em que, em opposição aos argumentos expendidos em favor da emigração nipponica pelo deputado Moraes Andrade, as mais descabidas opiniões eram reveladas, sem pejo de se mostrarem desprovidas do conhecimento.

Ora, festejou-se, há meses, um dos centenarios da fundação da Companhia de Jesus. Conferencias, nótulas, artigos e quejandos pulularam pelos jornaes e revistas, repetindo velhos conceitos ou deformando o sentido de taes afim de cair necessariamente no programma de má-vontade obrigatoria pelas realizações catholicas, tal qual acontece systematicamente aos que forjam a sua originalidade á custa de um programma de verrinas anachronicas e aggressões inuteis. Mas se o pouco que se andou dizendo nobremente constitue consolo para os leitores serenos, ainda assim de nada lhes valeu, pois que se limitou a informações historicas de todos já sabidas.

2 — VEJAMOS A ACTUALIDADE

A Companhia de Jesus, para o Brasil-nacional, isto é, para as regiões que prescindem da catechese como elemento de adaptação, não pode, hoje, representar o que, em tempos, representou. Sobre o que ella foi — depois do depoimento conhecidissimo de Robert Southey, que, aliás, era protestante! — ninguem pode, de boa fé, oppor dissensões. Comtudo, não é pequena a obra que vem realizando na actualidade a bem da incorporação progressiva dos japonezes no *habitat* na



cional. Para esta obra — até certo ponto mais difficil do que a que se processou no Brasil-colônia — é que nos cumpre chamar a attenção.

A catechese nos tempos coloniaes importou em fazer de civilizações primitivas, agrupamentos de progressão consciente. A catechese dos nippo-brasileiros implica a transferencia de uma civilização — baseada em principios determinados secularmente — para outra — tão forte quanto ella.

Convenhamos em que é mais arduo adaptar do que educar. A primeira operação (adaptação) tem de recommençar o que já está feito; a ultima é questão apenas de inicio habil e conforme o experimentalismo que a observação dos factos orienta.

3 — UMA OBRA DIGNA

S. Francisco Xavier converteu japoneses propriamente. Foi obra meritoria que não pode passar despercebida. Mas a obra do Padre Guido del Toro, até certo ponto é mais complexa, porque esse digno jesuita se desincumbe de catechizar japoneses que já se acham no Brasil. Claro é que, exteriormente, os resultados colhidos parecem dirigir-se ao sentido de augmentar e fortalecer o nucleo catholico. Essa apparencia, comtudo, vale como mera impressão. Em summa, porque, na realidade, a catechese nesse sector tem comprehensão mais ampla, essa apparencia, por nós acima assignalada, não resiste a uma analyse seria.

Enganam-se quantos suppõem que a catechese japonesa aproveita somente á Igreja. Só o simples conhecimento do pensamento japonês originario afasta a hypothese suscitada.

4 — POSIÇÃO DA OBRA, QUANTO AO SEU SIGNIFICADO

Entre japoneses e seus descendentes, o Imperador não é apenas um monarcha a que a tradição e a fatalidade historica attribuiram o poder temporal. O Imperador do Japão é o deus dos japoneses.

Destarte, religião e Estado se fundem numa só directriz, designada, entre elles, pelo nome de “xintoismo”. Qual a consequencia? Obvio é que converter um nippo-brasileiro ao christianismo significa tê-lo desligado integralmente do presupposto basico do “xintoismo”.

Se não, vejamos.

O “xintoismo” tem suas raizes na theocracia. Entretanto, em sua realização objectiva, a theocracia, entendida nessa religião, se reduz a conferir aos seus crentes a idéa de que seu Deus é o Imperador. Raciocinemos, para ir adeante. Com essa ordem de concepções, seria viavel acreditar que um nippo-brasileiro pudesse psychologicamente ser

brasileiro? Evidentemente não seria. Pois a obra de catechese, catholicando, nacionaliza. Como o faz? Também é logico sabê-lo.

O primeiro cuidado do catechizador consiste em incutir no espirito do catechizando que existe um Deus e que esse não é o Imperador, sem embargo de se deverem muitos respeitos ao Imperador.

O resultado obtido após pleno convencimento do catechizando se resolve do seguinte modo:

- a) a acceitação de um Deus dos catholicos;
- b) o respeito relativo e humano ao Imperador ao lado do respeito absoluto a Deus;
- c) a preparação obrigatoria e decorrente afim de que o novo catholico sinta a necessidade de, como brasileiro ou estrangeiro residente, penetrar o sentido da ordem juridica brasileira, senão estranhá-la.

5 — PRIMORDIOS DA CATECHESE DO PADRE GUIDO DEL TORO, S. J.

O Padre Guido del Toro, S. J. iniciou a sua obra de catechese, por assim dizer, fortuitamente.

Em 1926, uma menina catholica, de nacionalidade brasileira, disse-lhe que queria levar ao catecismo da Igreja de São Gonçalo umas crianças japonesas, pedindo-lhe o seu consentimento. O virtuoso sacerdote, mal sabendo que de seu consentimento resultaria a missão que já o vae notabilizando, não fez objecção alguma ao pedido. Assim é que começaram a frequentar as aulas de catecismo algumas crianças japonesas e descendentes de japoneses.

Essa experiencia valeu ao padre como chave de idéas mais amplas. Não tardou que elle fosse correr, de porta em porta, as casas dos paes daquellas crianças, afim de lhes solicitar permissão para baptizar os seus filhos. Os colonos recebiam-no gentilmente, mas, a se rirem, indicavam que estavam reputando a proposta descabida. O padre não desanimava e, fazendo-se acompanhar de um interprete, insistia com os paes das crianças. Afinal, estes consentiram na catholização dos filhos. Esses episodios se deram em 1926.

Em 1927 o Pe. Guido del Toro decidiu levar avante o seu programma apenas iniciado. Verificou, então, que a propaganda não seria jamais efficiente se ella se limitasse a conferencias esporadicas e procedimentos rituaes sem continuidade. Compreendeu ainda que a obra deveria ser lenta e que só deveria colher resultados quando pudesse ser ensaiada em escolas de ensino especial e casas para onde fossem attrahidos os japoneses.



Assim é que em 1927 fundou o Collegio de S. Francisco Xavier, cujo escopo principal residia na obra de nacionalização e catechização dos japoneses. Com a caridade dos particulares, alugou uma casa, onde funcionaram as primeiras secções da acção catholica prevista pela sociedade Collegio de S. Francisco Xavier.

Lutas e perspectivas de desanimo, por certo, sentiu-as o Padre del Toro. Estava elle a ver que a caridade particular não se podia desdobrar, quando, conversando com um homem rico e muito catholico, fez sentir ao mesmo que se lhe fosse doado um terreno adequado ao funcionamento do collegio, maiores seriam as vagas de alumnos e, com o tempo, maior seria o ensejo para desenvolver a obra das vocações sacerdotaes entre japoneses. Os propositos assim expressos amuraram o fiel com quem conversava e, como consequencia, obteve o padre um terreno de area regularmente apreciavel, afim de expandir o programma de acção que vinha realizando.

O Collegio de S. Francisco Xavier, sobre já estar com 7 noviços no Seminario Jesuitico de Nova Friburgo, tem em preparo, para a carreira ecclesiastica, 25 meninos japoneses.

Em 1927, as aulas desse estabelecimento se iniciaram com 15 discipulos. De 1928 a 1930, o numero oscillou entre 200 e 300 alumnos annuaes e, desde esse anno, com a installação de edificio proprio, a media annual de matriculas sempre excede a 600.

Trata-se de uma escola especialmente para japoneses, do sexo masculino. Há tambem uma escola de meninas, á rua Galvão Bueno, dotada de um jardim-da-infancia.

6. — PROCESSOS ADOPTADOS

Um japonês ou nippo-brasileiro, quando se matricula no Collegio de S. Francisco Xavier, não se acla baptizado.

A obra do laborioso jesuita se inicia com o emprego de todos os meios suasorios que tendam a convencê-los de que devem ser baptizados.

Pois bem. Em contacto diario com os principios catholicos durante seis annos, o menino deixa o collegio, crente de Deus, incorporado ao catholicismo e respeitador das instituições brasileiras.

Interessante é assignalar que as crianças assim formadas exercem influencia nas suas familias, pois raro é o japonês cujos filhos tenham sido convertidos que morra sem adquirir o estado de catholico.

Ellas orientadas, com a necessaria continuidade, levam até aos seus parentes e amigos o respeito e o acato ao sentimento de nacionalidade brasileira. E' que nellas não mais perdura o "xintoismo" e, por isso, se sentem plenamente descompromissadas de uma "religião do Estado" incompativel com a consciencia de uma nacionalidade brasileira irreductivel. Dahi, a excellencia dos resultados da catechese.

7 — NECESSIDADE DE MELHOR APPARELHAMENTO

Com a formação dos jesuitas de origem japonesa que se acham em Nōva Friburgo, certamente a incorporação da colonia se poderá fazer mais efficazmente. Falar-lhe-á quem della saiu para converter os seus descendentes. Mas, por ora, as difficuldades não são de pequena monta. Com effeito, as iniciativas em plano e as que já se estão realizando não se cingem á mera questão de fundar um collegio especial para japoneses. O intuito de excepção, ahi, não aproveita somente aos japoneses. Aproveita tambem ao Brasil, que não só terá seus filhos de ascendencia nipponica ensinados em geral por professores brasileiros, como tambem futuramente poderá contribuir com sacerdotes bastantes para evitar que a obra iniciada pelo Padre Guido del Toro pereça, isto é, sacerdotes que, conhecendo, pela causa e pelo effeito, a psychologia conservadora de seus antepassados, logrem, com mais amplitude, continuar os serviços que aquelle jesuita iniciou.

8 — SAIBAM QUANTOS...

Uma obra tal não deve ser indifferente aos poderes publicos. Antes é urgente cercá-la de favores de varia ordem, tendo em vista que, nas escolas superiores, estudando com brasileiros, já não é pequeno o numero de japoneses e descendentes de japoneses.

A indifferença por taes resultados implica preliminarmente a negação de qualquer programma de nacionalização previsto. Demais, já é tempo de commedidamente estudarmos os problemas que qualquer embaraço a tal obra traduz.

Somente a indesculpavel cegueira intencional dos indifferentes pode imaginar que a nacionalização se processa como tarefa do acaso. Seemlhante cegueira, entretanto, não responderá pelos damnos oriundos de seu modo de "não querer ver", quando já for tarde para qualquer providencia.

FERNANDO MENDES DE ALMEIDA



SERRANA

Nas manhãs cicatrizantes, a tortuosa estrada de terra vermelha me recebia como uma amiga generosa para os longos passeios a pé, passeios cheios de descansos, aqui numa pedra, ali sobre um velho tronco caído, mais adiante na encosta de um barranco, onde passaros pretos faziam ninhos.

O ar secco, fino como um punhal, entra nos pulmões enfraquecidos como um remedio de Deus. O azul do céu deslumbra. Os passaros cantam, voam. Há estalos no mato, mysteriosos rumores... E as folhas ainda guardam, rutilantes, o branco véo de geada que a noite gelida lhes trouxe.

Caminhava vagarosamente, respirava fundamente — sim, era bom respirar, sentir o peito cheio, expirar com energia uma nuvem de vapor. Os pensamentos são lucidos, tranquilos, as formigas são minhas irmãs... Uma bondade de convalescente enche o meu coração. Uma alegria de convalescente enche os meus olhos. E' para mim que as borboletas voam, é para mim que o regato murmura, que as nuvens fazem-se e se desfazem, que os bois vagueiam nos prados com os seus grandes olhos tristes. As sombras são frias. Azues, brancas, amarelas, modestas florezinhas sem nome, desabrocham na beira da estrada sua escondida belleza sem perfume. Os passantes me cumprimentam, humildes, tirando o chapéo, me desejando saúde. E lá vão, de pé no chão, roupas de riscado. Todos com os seus porretes lustrosos, pitando cigarros de palha, trazendo bornaes a tiracollo.

Ladeada por cercas de xuxu, a casinha perto do correjo, rente á estrada, me fala docemente ao coração.

Foi ali... Fazia os meus primeiros passeios. Ella era morena, enfezadinha, tinha um jeito arisco de corça. Olhava-me sempre, sonsa, com o rabo dos olhos, quando eu passava. Seguia-me com o olhar, mas escondia-se, rapida, abafando risadinhas, se eu me virava para vê-la.

Um dia, eu lhe dirigi uma pergunta. Ella fugiu. Mas no outro dia me esperava como sempre. Ficamos amigos. Parava todas as manhãs ali para descansar e era o mais longo dos meus descansos. Sentava-me no tronco derrubado, punhamo-nos de prosa. Ella não se sentava nunca — ficava em pé na minha frente, os braços cruzados sobre o peito que nascia, alisando com os pés descalços a poeira macia do chão. Estava de pouco no lugar. Era de um arraial proximo.

— Bonito?

— Feio toda a vida!

Viera com o pae, que era oleiro, depois que a mãe morrera.

— De que morreu sua mãe?

Confundiu-se — morrera de doença, uma pontada na barriga, que respondia nas costas... Não explicava bem, parecia querer esconder qualquer coisa. Desconfiei que ella mentia e não insisti.

E um dia ella me perguntou:

— O Rio é bonito?

— E'.

— Mais bonito que Barbacena?

— E' maior...

Ella parecia não acreditar muito. Não sabia ler, tinha quatorze annos (eu lhe dava mais) e uns olhos meio verdes, meio azues, que tinham muito dos olhos dos gatos.

— Você gosta muito de Barbacena, não é?

— Demais!

— E do Rio, você gostaria?

— Não sei. Nunca provei...

Encontrei-a numa volta de estrada, muito antes da casinha.

— Você por aqui?

— Estava lhe esperando.

— Esperando? Por que?

— E' melhor. O povo já está falando muito. Já estou de ouvido quente.

Sorri:

— Mas falando o que?

— Falando, uai!... Que é que o povo havia de falar?...

— Povinho damnado!...

— Medonho!

Eu peguei-lhe na mão:

— E se fosse verdade o que o povo anda dizendo?

Ella fugiu:

— O senhor é que sabe...

Subimos por uma trilha, fomos nos sentar sob um ipê. O corrego serpenteava lá em baixo, uma pequena vargem de canna se estendia na direcção da estrada de ferro. Um bambual coroava um morro, bois pastavam na encosta opposta. E no azul muito vivo do céu voavam urubus.

Um pouco commovido, falei:

— Boa terra esta, não é?

— Nem por isto... Do outro lado do bambual, sim, é que ella é boa.. Terra de plantação. Tudo do Zeca Baptista, um unha-de-fome desgraçado!

Eu me ri, peguei-lhe na mão e ella agora não fugiu. E a mão cra aspera, os dedos todos rachadinhos, encardida. Ella percebeu:

— E' de sabão da terra... Arrebenta com as mãos da gente.

— Use outro sabão.

— Onde o pae vae caçar dinheiro?

Houve um silencio demorado. Foi ella que veio:

— Perdeu a fala, homem?!...

*

Diomar tinha sardas de sol no nariz petulante, um cheiro de palha de milho nos cabellos, que ella prendia atrás com uma fitinha preta. O santinho de aluminio era pendurado por um alfinete de fralda á beira do corpinho. Esticara-se no chão, eu me estendera ao lado, o ipê nos protegia.

— Por que é que você fugia de mim no principio, hein?

Mostrava os dentinhos miudos de rato, ligeiramente acavallados, ligeiramente amarelados:

— Fugir não é não gostar...

— Mas por que ria então?

— Achava você engraçado.

— Engraçado? Engraçado como?

- Não sei não! Você parece padre.
- Padre é assim?
- E'. Não sabia não?
- Não. Nunca me confessei.
- Faz mal. Devia. Homem sem religião não presta...
- Muito obrigado.
- Ella ria:
- Não tem nada que agradecer.
- Você sabe o que é uma criatura sarcástica?
- Como é?!
- Sarcástica.
- Não sei que é isto não.
- Ainda bem.
- E' coisa feia?
- Depende...
- Está me xingando, bem?
- Eu ri, abracei-a:
- Você sabe o que é uma criatura adorável?
- Sei só o que é adorável.
- Diga.
- Marca da cachaça do Manuel Ignacio.
- Espremi-a nos meus braços:
- Você vae me pagar estas zombarias todas com um beijo, sabe?
- Ella fingia fugir:
- Não sei não.
- Pois vae pagar.
- Beijo não paga nada. E' esmola.

*

Pedia que eu lhe contasse como era o mar. E' salgado, Diomar. Tem ondas, ora é manso, ora é furioso, como o coração dos homens... (Não brinca. Fale direito.) Não estou brincando, Diomar. O mar é assim: um dia é manso como uma pomba, no outro destróe tudo. Ella já tinha visto numa revista... Mas que côr elle é? perguntava. Varia, Diomar. Ora é azul, azul-claro, azul-escuro... Ora é verde, verde-claro, verde-escuro... Algumas vezes fica cinzento...

- Cinzento-claro, cinzento-escuro?
- Isto.
- E os navios?
- Que é que você quer saber dos navios?
- São grandes?
- São grandes, pequenos, de todos os tamanhos.
- Mas os grandes são do tamanho de um trem?
- Muito maiores, Diomar. Do tamanho de dez trens.
- E o mar não tem fim?
- Fim tem, mas é tão longe, tão longe, que é como se não tivesse fim mesmo.

Diomar fica pensando.

*

Veio uma quinzena de chuva intermina. Os dias tinham a duração de seculos para mim, preso em casa, vendo através das vidraças de guilhotina a chuva cair, cair sem cessar, encharcando a estrada (onde os cavallos patinavam arriscadamente na lama alta de três palmos), escondendo os morros com o seu manto dum branco sujo e triste.



Os livros não me acalmavam, e não era desespero o que eu sentia. Viera para ficar bom, precisava ficar bom, seria incapaz de uma imprudência. Mas sentia falta de Diomar, uma falta physica, a necessidade de sua presença para encher o vazio da vida que levava naquelle vasto casarão deserto, naquelle casarão de cura de altas e lisas paredes caiadas, de amplas janelas antigas, de tecto de esteira e iluminação de kerosene. Vagava pelas salas vazias como um pobre fantasma. Revistava commodas e armarios, descia ao porão onde guardavam o milho, onde uma cadella perdigueira protegia a sua ninhada com rosnares ameaçadores. Punha-me á frente do papagaio, ficava observando os seus olhos desconfiados, ouvindo as tolices que dizia e que nem engraçadas eram. E a chuva caía, caía sem parar. E eu me lembrava de Diomar, me perguntava por que ella não me viera ver, ella que sabia onde eu estava, ella que sabia que eu não podia me arriscar num mau tempo, ella que... Encostava-me á vidráça. A agua escorria dos vidros como o pranto dum gigante invisível. As gallinhas arrepiadas cisca-vam sob o telheiro da lenha. O terreiro era um lago. As trepadçiras pareciam tremer de frio. Punha os olhos na estrada numa esperança vaga. O dia escorria. Escorria como a agua do céu de chumbo. E Diomar não apparecia.

Quinze dias! e afinal o sol surgiu como uma redempção. E quando a lama ainda não seccara na estrada, eu saí. O caminho estava escorregadio, o ar tinha um cheiro differente, o corrego transbordara, e lá ia com sons roucos na sua cheia, cobrindo pedras, desmanchando barrancos, ameaçando pinguelas.

A volta de estrada em que ella passara a me esperar todos os dias estava triste sem ella. Olhei para o nosso ipê — nada! Fui para a frente. A casinha estava fechada, silenciosa, deserta. Voltei desolado.

Mas no outro dia me enchi de coragem e fui me informar na casa proxima.

— “Se mudaram-se”, me disseram.

— Mas para onde? perguntei um pouco sem graça.

Responderam-me com risinhos — tinham ido para Vasconcellos, de repente, pois o pae arranjara melhor trabalho lá. Afastei-me sob os risinhos. Senti-me ridículo. Pensei em ir a Vasconcellos no outro dia, sonhei com Diomar, mas adiei a viagem.

MARQUES REBÊLO

ANTONIO PEDRO E A POESIA DIMENSIONAL

No principio da estação de inverno e ao mesmo tempo que appareceram nas ruas de Lisboa as primeiras gabardines e no Salão chamado das Bellas-Artes os primeiros quadros de pintores mais ou menos conformistas, inaugurou-se, a dois passos do Chiado, uma estranha exposição: dois pintores e uma esculptora ali mostraram ás pessoas de bom-gosto os seus ultimos trabalhos. Dois pintores e uma esculptora, melhor diria, três poetas, porque de poesia, acima de tudo, dava signal aquella pequena galeria inesperada e affirmativa.

Os dois pintores eram Antonio Pedro e Antonio Dacosta — dois ilhéos que a Capital juntou. Antonio Pedro, ilhéo de Cabo Verde; Antonio Dacosta, ilhéo dos Açores. A esculptora era Pamela Boden, tambem insular, porque nascida em Inglaterra. E não foi, talvez, sem razão que o meu querido amigo Dutra Faria notou num artigo das *Novidades* este insularismo traço de união de três temperamentos diferentes que uma semelhante mensagem aproximou.

Por que me occupo especialmente de Antonio Pedro nestes apontamentos breves? Antes de mais nada porque, dos três, Antonio Pedro me parece, sem duvida, o artista mais *encontrado*, isto é, aquelle que melhor soube aprender, numa ansia constante de procura subjectiva, o seu proprio destino criador. Antonio Dacosta, apesar de qualidades proprias innegaveis, talvez ainda mais pintor que Antonio Pedro, é, no entanto, nitidamente seu discipulo. Pamela Boden, pessoalissima, audaciosa, é uma esculptora e, dos três artistas, porventura o artista menos literario. E como se estas razões não bastassem para justificar este artigo, Antonio Pedro partiu há dias para o Brasil, cansado, como tantos artistas e como tantos homens de espirito, duma Europa que não tem conseguido ser fiel á sua missão.

Vae para dez annos que acompanho a evolução de Antonio Pedro no trilhar do seu caminho esthetico. Uniu-nos uma aventura politica, quando, em 1932, certas aspirações representavam ainda aos meus olhos de adolescente e aos olhos de tantos outros um desejo de legitima justiça social, um descobrimento de novos processos politicos proprios da nossa mocidade. E a vida que nos unira não conseguiu separar-nos, embora, desse grupo, cada um de nós tivesse seguido o desenvolver da sua propria personalidade literaria ou artistica.



Já então Antonio Pedro tinha publicado *Os meus sete peccados capitaes*, *Ledo encanto*, *Distancia*, *Devagar*, volumes de poesia dum lyrismo português de sabor medieval que, no entanto, deixava já adivinhar uma ansiedade modernista do melhor quilate interior. Essa inquietude, presentiu-a Hypolito Raposo, que soube fixar, numa intuição maravilhosa, os proprios rumos futuros de um poeta que, por volta dos vinte annos, começava a viver o milagre da sua descoberta intima: "A estes versos chamarei psalmos de voz distante que se queixa de si para consigo e que se interioriza para além da vida, fugindo de encontrar eco nas pedras dos outros corações; poesia luminosa que flue da alma para o seu proprio pensamento e o vae seguindo pelos encantados trilhos da ausencia até ao limite do amor-saudade. Assim, a commoção da sua arte mysteriosa se liga e irmanna á essencia pura do nosso lyrismo, á poesia do sangue, da alma portuguesa, em que a objectivação, como nos Cancioneiros, é invocada para avigorar a vibração da sinceridade intimista."

A seguir, Antonio Pedro publica *Diario*, em que se esboça uma definição lyrica de sensibilidade colonial. 1931, porém, marca o primeiro degrau na ascensão e na realização das virtualidades poeticas de Antonio Pedro; *Machina de vidro*, que data desse anno, é já a conquista de outro mundo em que a natureza do rythmo dá, por completo, uma technica expressional differente.

A politica absorve a seguir o Poeta. Só em 1935, em Paris, Antonio Pedro attingirá o momento culminante do seu encontro. O sobrerrealismo, na sua propria fonte, levara-o á criação daquillo que o Poeta classificou como *poesia dimensional*. E' esta a mais perfeita expressão, sempre imperfeita, porém, na sua inquieta busca, da intimidade esthetica de Antonio Pedro. O seu livro *15 poèmes au hasard*, publicado em Paris, marca um padrão na sua obra. Define-o nestas palavras um critico intelligente, Garcia Domingues, que sobre a sua obra publicou em livro um ensaio curioso: "Ahi alternam as poesias verbaes com as poesias dimensionaes, expressões immediatas, visuaes, de indeterminadas representações psychicas, de caracter poetico, reveladoras da actividade inconsciente de fabulação imagetica sufficiente definida por Breton." E, mais abaixo, escreve ainda, ao comparar a *poesia dimensional* de Antonio Pedro ao *planismo* de Sirato: "O planismo e a poesia dimensional são duas tentativas differentes, na realização, mas de pontos de partida semelhantes, que se desconheciam mutuamente até á simultanea publicação, em Paris, do livro *15 poèmes au hasard* de Antonio Pedro e do prospecto-resumo do livro *Le planisme* de Sirato."

A poesia dimensional, de Antonio Pedro, marca, na verdade, o primeiro encontro do Poeta consigo proprio. Para além de certas



manifestações abstraccionistas anteriores ao surrealismo, Antonio Pedro procura-se naquillo a que posso chamar uma ebulição do subconsciente em luta com os valores mentaes constantes. Não se trata de pintura poetica, expressão que o proprio artista repudia neste caso, mas, na sua propria phrase, de “uma utilização simultanea do elemento formal e do elemento verbal como meios de realização”.

Não posso atrever-me a fazer comparações nem a procurar semelhanças entre a arte de Antonio Pedro e a da qualquer dos pintores modernos do Brasil, tão pouco e tão mal os conheço, mas penso irresistivelmente, perante certos quadros de Antonio Pedro, em alguns desenhos de Tarsila do Amaral, em algumas das suas pinturas *anthropophagicas*. Isto, evidentemente, sem esquecer nem ignorar o que em Tarsila há de especificamente autochthone ou puramente brasileiro.

Antonio Pedro não é só um artista português, ou melhor — é-o mais por consequencia que por intenção. A sua arte é carregada, por muito paradoxal que isto pareça, de universalidade subjectiva. Nada mais proximo nem mais distante do mundo interior dum homem que o mundo interior doutro homem. Lugar ao sonho, ás forças inconscientes. Freud, e para além de Freud a mechanização lucida da actividade irracional. Não se restringe, assim, a um psychismo mediuñico. A sua revolução esthetica vae direita ao mais profundo da percepção psychologica inconsciente e subconsciente, porque não desiste da intelligencia, embora a subordine. Por isso é, essencialmente, a expressão emocional duma exaltação sensível.

Exaltação sensível? A phrase é do proprio Poeta: “Não há cinco artes. Arte é uma palavra sem plural. A sua objectivação pode servir-se de todos os meios encontraveis. O que differencia especialmente as suas formas de expressão é a “attitude” do artista. Poesia quer dizer: ritual exaltação sensível. Musica quer dizer: ritual exaltação rythmica. Dança quer dizer: ritual exaltação corporal. Pintura quer dizer: ritual exaltação analytica. Esculptura quer dizer: ritual exaltação formal. De restò, tudo isto não tem senão uma importancia particular. A Arte é um rito magico essencialmente humano, tocado de exaltação.”

Indefinível, de tal modo é subjectiva e universal por essa mesma subjectividade, a arte de Antonio Pedro encontra nas phrases acima reproduzidas uma possivel expressão de conhecimento.

*“Pour moi, comme un lotus,
La Poésie, sans mémoire,
(Sonde humaine) est divine
Exaltation sensible,*

*Car, l'aumône des yeux
Sur les choses, compose
L'harmonie où je peux
Déplacer chaque chose.*

(15 poèmes).

Entenda-se bem que esta "exaltação sensível" é acima de tudo de ordem divina. Só assim se comprehende que ella não seja um simples acto de sensualidade. Divina exaltação sensível, isto é: concepção sensorial da irrealdade interior do artista, mas num plano que a transcende e sublima. Por isso, ao occupar-se da sua poesia, um crítico pôde escrever que ella era a *exaltação suprasensível do sensível*. O mesmo se pode dizer da sua pintura — da sua poesia dimensional.

Não pretendi, ao occupar-me da poesia dimensional de Antonio Pedro, definir-lhe a mensagem, explicar-lhe a genese ou o seu conteúdo pessoal. Serviu-me a expressão para maior commodidade, pois, na sua obra, ainda quando só como pintura se apresente, é sempre de poesia que se trata.

Veja-se, por exemplo, o seu quadro *Intervenção romantica*, tão forte de symbolismo subconsciente e poetico. Veja-se esse extraordinario *Il tempo di guerra*, grito sarcastico e magoadó, pujante da fusão visual da pintura com a poesia, dos sentidos e da intelligencia. Estes complexos não prejudicam, no entanto, antes valorizam o lyrismo subjectivo de Antonio Pedro. Na galeria aqui perto do Chiado, aonde expôs agora, lá estavam os seus olhos virgens de primeiro homem adivinhando sombras no *Nocturno* que é uma das suas realizações mais emotivas e profundas.

Desse grupo de rapazes que ainda não chegaram aos trinta annos, ou que têm pouco mais, e um mesmo sonho de solidariedade espirital uniu há perto de uma decada, Antonio Pedro foi um dos que se souberam manter fieis ao seu destino — peregrino incansavel de busca interior, de sonho e de exaltação. Quando foi a Paris encontrou com o russo Kotchar, esculptor de vazios e pintor no espaço, com a tchecoslovaca Priner, pintora em volumes e em planos juxtapostos, com o hungaro Sirato, poeta que desenvolvia no plano seus poemas, uma encruzilhada commum para a redescoberta do mundo. Seguiu depois seu caminho de descobrimento e de surpresa. Ao partir agora para o Brasil, o Brasil prompto attento e aberto a todas as experiencias da intelligencia, o Artista não vae, apenas, em busca de novas fontes e de segredos novos; leva consigo a sua mensagem de poeta-pintor, e, com ella, a sua voz de portuguez, isto é, de homem do Atlantico que, sem renegar a Europa, confia ainda e sobretudo nos caminhos mysteriosos do mar e nelles procura uma derradeira esperança.

LUIZ FORJAZ TRIGUEIROS



A LIÇÃO SUIÇA

I — A GEOGRAPHIA

Em territorio, é a Suíça um dos menores países da Europa, pois não tem mais de 42.000 kilometros quadrados. Abaixo lhe ficam a Belgica e a Hollanda, mas com a immensa vantagem do contacto com o mundo pelo mar, e, ainda, de uma superficie em geral plana.

Definiu-se “um planalto entre duas montanhas”. As montanhas são o Jura e os Alpes, que lhe tomam cerca de dois terços do territorio, os ultimos preponderantemente. O planalto é um corredor, de cerca de 50 kilometros de largura e 300 de comprimento, que vae do Lago Lemano ao Lago de Constança e no qual pulsa a vida nacional e se localizam seus maiores centros: Zurich, com 320.000; Basiléa, com 165.000; Genebra, com 123.000; Berna, com 121.000; Lausanne, com 88.000.

Escreveu-se num livro padrão:

“A palavra Suíça evoca logo a dos Alpes.

“Entretanto, não nos enganemos. Se a Suíça dos Alpes é, sem duvida, a mais extensa e a mais caracteristica, no aspecto physico, e tambem a mais attrahente, o planalto, com suas ricas lavouras, suas grandes cidades, suas industrias, é, por assim dizer, mais importante: no aspecto humano até prepondera.” (1)

Partem os Alpes suíços de um grupo central, o Gottardo, que significa desfiladeiro de Deus: na velha maxima, quem o detem, possui a chave do continente. Nos seus grandes valles, Tessino, Rheus, Rheno, Rhodano, a raça preservou-se, perpetuando-se. Rios e lagos, por outro lado, ligam o país ao mundo: dois dos primeiros têm irradiação européa: e quatro dos segundos, longos e bellos, são internacionaes.

E' o que accéntua outro livro de polpa:

“A Suíça é um país de fronteiras. Poder-se-ia mesmo defini-la uma fronteira em si, independente das grandes nações que une, e ao mesmo tempo separa.

“E' um país aberto em todas as direcções, uma casa de corren-

(1) — Alfred Chapuisat, *La Suisse dans le monde*, Lausanne, 1939.



tes de ar, a mais européa de todas as nações, aquella que menos dispensa a convivencia das outras." (2)

Com uma população total de cerca de 4.200.000 almas, a Suíça ainda neste aspecto tem caracter proprio. No Canadá, duas raças compõem o tecido nacional. Na Suíça, nada menos de três, sendo dois terços de origem germanica e um terço de origem franco-italiana, preponderando aquella.

Em religião, identica situação, pois se 58% da população são protestantes, 40% têm crença catholica, distribuido o restante entre seitas secundarias. Demographicamente, a media por kilometro quadrado é de 100, com variações de 21 em Uri (Alpes) para 155 em Neuchatel (Jura) e 357 em Zurich (planalto). Constituindo mais de metade do territorio, os Alpes não abrigam mais de um sexto da população.

II — TRAÇOS GERAES

Três cantões, Uri, Unterwald, Schwyz, assignaram, no 1.º de agosto de 1291, um pacto de vida e de defesa commum. Foi o berço da nacionalidade. De três, passaram os cantões a oito, depois a treze, para se consolidarem nos vinte e dois actuaes.

Não succedeu isso sem luta, nem sacrificio, tanto maior quanto, varia na formação ethnica, a Suíça já soffria a attracção vizinha. Houve luta com os Habsburgos, guerra com a Borgonha, coroando a victoria sempre as armas suíças. Marignan encerrou esse periodo guerreiro, depois do qual a nação se recolheu no trabalho.

Soldados seus, entretanto, andaram, depois, batalhando por outros governos, em toda a parte, como os que souberam morrer nas Tulherias em 1792 ou no Louvre em 1830. Durante três seculos o país forneceu á Europa dois milhões de soldados, sessenta e seis mil officiaes e setecentos generaes. Tacito, já para seu tempo, considerou os helvetas acima de todos os gauleses no valor guerreiro. E Cesar soube delles servir-se, porque força util.

Com o desaparecimento do espirito militar, tomaram corpo, consolidando-se, os traços que se tornaram classicos na Suíça: milicia, federação, liberdade, cooperação internacional.

Não existe, com effeito, na Suíça exercito permanente, mas todo cidadão se obriga, qualquer que seja a idade, a prestar na milicia serviço militar, prômpto ao primeiro chamado. Desde 1939, como entre 1914 e 1918, cerca de 400.000 homens montam guarda ás fronteiras, obrigação civica acima da qual outra não existe.

Na federação, por sua vez, a base das instituições politicas. Antes da norte-americana, a suíça já attendia, nos differentes grupos do país, ás respectivas divergencias de interesses e de vida. *Fédéra-*

(2) — Gonzague de Reynold, *Conscience de la Suisse*, Neuchatel, 1938.



lisme de la terre escreveu-se num axioma, igual áquelle outro, tambem do país, segundo o qual *montagnard est égal à homme libre*. Necessidades nacionaes, como em toda a parte, deante do perigo exterior crescente, obrigam a um reforço da autoridade central. Mas com a condição de não ameaçarem o bem perenne, sem preço, a liberdade.

Deixou dito Pourtalès numa formosa pagina:

“Compreendeu o povo suiço, desde cedo, que, dividido como estava numa multidão de pequenas patrias loaes (para uns é um estreito valle; para outros a margem de um lago; para estes uma cidade patricia governada puritanamente; para aquelles o campanario de uma aldeia que fala ainda o dialecto de outrora) compreendeu o povo suiço que, dividido por idiomas e interesses, não poderia perdurar numa Europa em busca de unidade, se não preservasse a sua, organizando-se em federação ao redor de alguma cousa acima de conceitos ethnicos, geographicos ou economicos. E não achou nada mais efficaz nem superior do que essa idéa, aparentemente abstracta, de que faria realidade pratica, a liberdade.” (3)

III — DEMOCRACIA VERAZ

E', assim, a Suíça, a mais antiga das democracias européas.

Para isso não lhe faltou a disciplina, muito menos o espirito de cooperação, que noutros povos se impõe e nella representa corollario natural da personalidade humana.

Tem-se abusado do termo, para cobrir mesmo regimes que lhe são a antithese. Não ali, onde a igualdade social, o nivelamento economico, a tolerancia religiosa, a ausencia de luta de classes, o repudio ás doutrinas extremas se acham em terreno proprio.

Asylo foi a Suíça, em todos os tempos, para opprimidos do Estado ou da Igreja. Calvino fez della o teatro de sua doutrina, Lenine antesala para a destruição do maior imperio da terra. O ambiente é, comtudo, de tal equilibrio, que não vingam as más sementes.

Situação geographica, composição ethnica, posição internacional, respondem muito por esse bom-senso, que se tornou tradicional. Num continente de poderes pessoas absorventes, por exemplo, o governo continua entregue á sete homens, que se revezam na direcção suprema. Só a dedicação ao bem publico inspira a continuidade; e reelegem-se porque bem servem. Nenhum funcionario publico, aliás, tem contrato por mais de três annos, afim de que, se incapaz ou desnecessario, a eliminção seja automatica.

(3) — Guy de Pourtalès, *La Suisse, terre de liberté*, conferencia, 1 mai 1939.



Pôs-se recentemente em mesa internacional, como prefacio a hegemonias oppressivas, o thema das minorias asphyxiadas por governos estrangeiros. Ainda nesse ponto offereceu a Suíça modelo, pois lhe dirigiu o sector mais delicado, as relações exteriores, durante mais de quinze annos, e em épocas ás vezes difficeis, quem na apparencia menos poderia fazê-lo, Giuseppe Motta: de fé romana, quando a maioria é da igreja reformada; de origem italiana, quando as duas outras raças pesam mais nos destinos nacionaes. Escreveu-se que a Suíça "é exemplo de uma Europa reconciliada consigo mesma". A' sua imagem, quanto horror não se teria poupado á civilização?

IV — SITUAÇÃO INTERNACIONAL

Cruzamento de estradas, ou, ainda, minuscula casca de noz entre três grandes rochedos, como se escreveu, a Suíça não poderia viver, entre nações, sem um regime especial, que a neutralidade firmou. Essa neutralidade, porém, não se fiaria só na palavra das potencias, que a garantem desde 1815, porque repousaria tambem no animo da nação em defender-se a todo o preço, quando necessario.

Ella permite ao país, enquanto raiva a luta em torno, prestar serviços benemeritos, como os da Cruz Vermelha, inspiração de um genebrino, Henri Dunant. Troca de prisioneiros, repatriamento de feridos, sua localização e correspondencia, são alguns aspectos dessa tarefa, a mais nobre que nenhum ser humano pode imaginar em beneficio alheio.

Conciliava-se o principio da neutralidade, a principio, com o chamado regime das capitulações, segundo o qual nações estrangeiras podiam levantar no territorio suiço os contingentes militares, de que precisassem para suas operações. Soldados suiços acharam-se assim por toda a parte, o que lhes valeu o nome de mercenarios; e não era exacto porque serviam em virtude de tratados ou convenções. O perigo dessa prática ficou evidente, prohibindo-se.

Quando da criação da Sociedade das Nações, attenuou-se a neutralidade suiça, para adaptar-se ao systema internacional, por ella instituido. Mas foi breve, porque a guerra entre a Italia e a Abyssinia deixou o país em attitude falsa, modificando-se. Nenhuma instituição humana, entretanto, mais adequada para ter sede em Genebra, pelo espirito de tolerancia, o senso da fraternidade humana, o empenho de collaboração internacional, tão proprio do povo helveta. Identicas, nos esforços e nos ideaes, á Repartição Internacional do Trabalho, outras instituições de boa-vontade depararam ali ambiente apropriado.



V — PENURIA MATERIAL

E o país é pobre, o que prova, ainda, quanto nelle pode o engenho humano. Outros, vastos e ricos, por ahí vegetam, sem expressão nenhuma.

Assim, quanto á vida agricola, mais de um quarto da Suiça não se presta a nenhuma cultura; e o restante deixa a nação na dependencia do estrangeiro. O trigo, por exemplo, não fornece alimentação para mais de 72 dias dos 365 que tem o anno; nos cereaes, a producção nacional cobre apenas metade do consumo; quasi todo o açucar é importado de fora; e só de carne e leite tem o país bastante.

Quanto aos recursos industriaes, a Suiça possui pouco ferro e não tem carvão; sobrando-lhe, em compensação, a hulha branca, productora da energia em todo o país: a electrificação rural constitue, de facto, um de seus elementos de progresso. Sobre o petroleo, as pesquisas foram inuteis. São ainda de Chapuisat estas palavras:

“Por sua natureza, a Suiça parecia destinada a ficar puramente agricola. Ora, proporcionalmente á sua extensão territorial e á sua população, ella é uma das primeiras nações industriaes do mundo.

“Paradoxo surprehendente, verdadeiro enigma, que é de facil explicação, como acontece tambem a outro país, a Hollanda. A Suiça economica é uma conquista do homem sobre a terra.”

Nesse esforço, os rios, com excepção do Rheno, pouco auxiliam. E as montanhas difficultam os meios de transporte. Apesar disto, construiu a Suiça uma rede admiravel de estradas de rodagem e de estradas de ferro, três quartas partes das quaes ultrapassam dois mil metros de altitude. Sabe-se que a um suiço, Goudron, se deve o processo de macadamização que lhe conservou o nome e se generalizou depois.

Prova do nivel material e espirital de qualquer povo é o trafico postal e telegraphico. No numero de estações existentes, a este respeito, a Suiça, em 1939, só ficou abaixo da Noruega, que manteve o primeiro lugar, com 98 por mil habitantes. No numero de expedições postaes, durante o mesmo anno, cada suiço fez nada menos de 165, isto é, acima do mais alto, a Alemanha.

VI — RENOME MERCANTIL

Mau-grado a penuria material, a expressão mercantil é das mais elevadas. Como a Hollanda e a Belgica, mantem a Suiça, relativamente, o maior indice *per capita* no continente, quanto ao commercio exterior.

Países como os três referidos têm que viver do commercio de



transito e de exportação, porque o consumo interior é restricto. Escreveu-se num balanço da actividade economica do país:

“Produz a Suíça parte pequena das materias alimenticias que consome. Por outro lado, está obrigada a importar a maior parte das materias-primas, que transforma.

“Ao passo que, noutros países, a industria trabalha de preferencia para o consumo interno, há na Suíça fabricas que só existem para a exportação.

“Graças á sua organização industrial, pode a Suíça reter no país milhares de operarios, que, de outro modo, estariam obrigados a emigrar. Ao mesmo tempo, essas trocas têm por effeito multiplicar as relações com o estrangeiro. Dahi a importancia do commercio exterior para a nação.” (4)

Há na Suíça industrias basicas, como as de tecidos, da seda artificial, do ferro e aço; e industrias especializadas, como a da relojoaria. São cerca de 350.000 operarios, distribuidos entre 8.400 fabricas. A industria do turismo, a dos sanatorios, trazendo ao país, annualmente, um numero de viajantes por vezes igual á sua população, têm reputação mundial.

A posição commercial do país é tanto mais para assignalar, quanto os grandes vizinhos lhe tomam a parte do leão; o que, necessariamente, obriga a um constante equilibrio para manutenção de uma estrutura internacional geral.

Nesse esforço, convem lembrar que o genio mercantil foi sempre irmão da proibidade. Sabê-se o renome universal que o suíço granjeou a este respeito. De longe veio elle. Thomas Platter confessou, no seculo XVI, que causara boa impressão em negocio “porque de talhe pequeno e suíço”.

VII — IRRADIAÇÃO ESPIRITUAL

Lingua triplice, — recentemente uma quarta, a dos Grisões, se admitiu, — a da Suíça podia conspirar com exito contra a originalidade da vida espiritual. Em 1.000 habitantes, 698 falam o alemão; 220, o francês; 67, o italiano; 12, o romanche; 3, outros idiomas.

Ahi, tambem, a personalidade do país prevaleceu, com feição sua. Para lembrar ainda o Canadá, foi o problema mais difficil porque o centro de attracção é mais de um e não está a muitas milhas de distancia, senão na propria fronteira. Neste aspecto é de assignalar a these segundo a qual os dialectos alemães preservaram a Suíça de absorpção germanica, do mesmo modo que a Reforma contribuiu não pouco para a autonomia da Suíça, francesa.

(4) — Jaccard et Spreng, *Géographie Economique de la Suisse*, Lausanne, 1927.

O pensamento, em escriptores e artistas, teve influencia muitas vezes além do terreno nacional. Basta lembrar, entre os maiores, J. J. Rousseau; e, entre os menores, Benjamin Constant no campo político e Pestalozzi no educativo.

Do primeiro, qualquer que seja o conceito sobre sua obra, escreveu-se:

“Rousseau foi o mais extraordinario exemplo de acção de um homem sobre o seculo.

“Delle data uma era nova em religião, em politica, em pedagogia, em esthetica, em literatura.

“Como bem disse Philippe Godet, Rousseau reanimou a alma resequida pela ironia voltaireana, restabelecendo a seriedade do factor moral, ou, ainda, como affirmou Amiel, fez desabrochar alguma cousa nova na alma humana.”

O respeito ás prerogativas humanas, o senso da liberdade, tiveram na Suiça, em todos os tempos, seu lugar de expressão oral ou escripta. Genebra, por isso, se chamou por Talleyrand de quinto continente, e sua irradiação estava longe de ser o que foi depois. Sainte-Beuve viu nella “un belvédère d'où on pourrait contempler à loisir le passage intellectuel de l'Europe”.

Por ali passaram cabeças primazes, entre algumas Wagner, que escreveu ás margens do lago azul a instrumentação dos *Mestres Cantores*; Chateaubriand, que compôs algumas das paginas das *Mémoires d'Outre-Tombe*; Listz, que deixou no piano a agonia de seu amor por Maria d'Agoult; e Lamartine; e Victor Hugo; e Dickens... Foi de Fernay, a poucos passos, que Voltaire teve a Europa sob seus caprichos; e de Coppet, não distante, que Madame de Staël fez frente, apenas com a penna, a ninguém menos que Napoleão.

Dias de ontem, tormentosos, que se diriam placidos na comparação com outros, que vieram depois.

Quando se accumulavam as nuvens, para a tempestade que devastava a Europa, o suiço, por indole sobrio e grave, ainda mais se retrahiu. Elle presentira que estariam ameaçados, com as raizes mesmas da nacionalidade, os ideaes que a inspiraram através de toda sua historia. E mais firme ficou na decisão de não mudar, de permanecer o que sempre foi.

Em torno raiva o odio; corre o sangue, a miseria e o soffrimento predominam. Perdeu a palavra sua significação, a lei seu imperio, a dignidade humana seu esplendor. Orgulho de uma civilização, a Suiça della não desespera. Poderes mais altos do que a força varrerão, afinal, do continente, o espectro da escravidão e da morte.

Montreal, Canadá, dezembro de 1940.

HELIO LOBO



POEMAS

CLARINS

*Aurora, os teus clarins me falam de alegrias idas.
Só eu sei, aurora, como pude resistir a tanta magia,
e como ainda vivo e confio na vida.
Aurora, os teus clarins são mais puros do que a luz de uma estrella,
e me falam da ternura de meus paes que já morreram.*

VIDA

*Quando o vendaval acorda os mortos no tumulto, quando o mar
enche a terra com sua musica selvagem, gosto de me perder no abys-
mo profundo da vida.*

*A vida tem para mim o fascínio do mysterio. Flor que nasce e
que morre num dia, a vida tem a duração da eternidade.*

*Antes do homem existir, a vida já cantava sobre as aguas. E
quando o homem abriu os olhos para a luz, foi a vida que lhe pôs no
coração o primeiro fremito e o primeiro espanto.*

PAULO CORRÊA LOPES



DESCOBERTA DE CASIMIRO DE ABREU

Entre os poetas brasileiros da phase romantica, na opinião unanime da critica, nunca foi considerado dos menores Casimiro José Marques de Abreu. Apesar de collocado entre os mais representativos, caracterizou-se, entretanto, essa classificação por se fazer acompanhar de toda uma serie de restricções, singularmente diminutivas de seu merito proprio, capazes, por si mesmas, de retirar ao autor das *Primaveras* o titulo de grande poeta a que tem incontestavel direito. Provindas de diversas fontes, adquirindo força de lei, por repetidas e aparentemente solidas, essas acusações vieram alcançar, sem contestação, o centenario de seu nascimento, commemorado em 1939.

Passado, porém, o momento das obrigatorias homenagens, Casimiro de Abreu apparece-nos sob novo aspecto em volume recente, que, embora sem a pretensão de ser uma "edição critica", apresenta-se como a mais completa e rehabilitadora tentativa de restauração e interpretação integral do texto primitivo de uma obra poetica entre nós já emprehendida.

Obras de Casimiro de Abreu — organizadas, corrigidas e fartamente annotadas pelo prof. Sousa da Silveira, intitula-se esse tomo precioso para a nossa historia literaria com que foi, afinal, condignamente lembrada aquella ephemeride (1).

Não se dizendo *Obras Completas* — pois ainda há ineditos do poeta a serem examinados (2), encerra o erudito trabalho do illustre cathedratico de Lingua Portuguesa da Faculdade Nacional de Philosophia todo o material em prosa e verso de autoria de Casimiro até agora recolhido em volumes, inclusive alguns de publicação periodica. Como, entretanto, não será grande, nem muito importante, o contingente de novidades que ainda pode offerecer a bagagem literaria do cantor dos *Meus oito annos*, o apparecimento da referida edição com-

(1) — *Obras de Casimiro de Abreu* — Edição Commemorativa do Centenario do Poeta (1939) — Organização, apuração do texto, escoreço biographico e notas por Sousa da Silveira. 3.º volume da serie *Livros do Brasil*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1940.

(2) — Fornecidos pelo dr. Pache de Faria e divulgados em longo artigo que sobre Casimiro de Abreu publicou o Cel. Alves Cerqueira na *Revista do Clube Militar*, de junho de 1940, precedido de outros do sr. Lindolfo Gomes.



memorativa já oferece oportunidade para que sejam feitos outros estudos á margem de sua obra. Assim, por exemplo, o que se refere ao estabelecimento das influencias que agiram sobre a formação poetica de Casimiro de Abreu; e, por extensão, o exame das repercussões, proximas ou longinquoas, que a sua propria poesia pôde obter junto á poesia brasileira que se lhe seguiu. E' o que aqui tentaremos fazer, á margem da magnifica edição ora apresentada pelo prof. Sousa da Silveira, e aproveitando, quasi sempre, as suas preciosas anotações.

*

Compete, naturalmente, aos românticos francezes, o primeiro lugar entre os fornecedores estrangeiros de citações e epigraphes a Casimiro de Abreu, apresentando o respectivo exame amplo material para a apuração de suas leituras e reminiscencias.

Chateaubriand, cujas personagens apparecem no prefacio das *Primaveras*, é o inspirador das primeiras linhas da *Virgem Loura*, além de autor da patriotica epigraphe da sua *Canção do Exilio*.

Lamartine, citado no mesmo prefacio, como na pagina seguinte, antes da primeira poesia do livro, deu, tambem, a epigraphe de *Mi-nh'alma é triste* — um dos mais caracteristicos poemas de Casimiro. Foi, mesmo, indirectamente apresentado ao poeta como um modelo a seguir, nos versos que lhe dedicou o amigo F. Gonçalves Braga:

*Inspira-te do céu da patria tua
Ante o qual ninguem há que não se incline
Pela manhã gentil;
Canta a aurora a nascer, á noite a lua,
E assim darás tambem um Lamartine
As musas do Brasil! (3)*

Em quantidade, porém, cabe a Victor Hugo a primazia entre os citados por Casimiro de Abreu, como pouco depois aconteceria tambem a Castro Alves, como aqui já tivemos occasião de apurar (4): seis epigraphes e uma tradução forneceu o francês das *Orientaes* ao fluminense dos *Cantos de Amor*.

Musset, além de figurar numa epigraphe, é citado como prosador, com Vigny, Balzac e Dumas, quando em *Camilla — Memorias duma viagem*, tentando o romance, conseguiu apenas attingir o conto o nosso poeta, elle mesmo um prosador, e não, certamente, dos peores.

Ainda, porém, entre os poetas francezes, mesmo alguns mediores, do seculo XVIII, hoje esquecidos, mostrava conhecer Casimiro

(3) — *Obras*, cit., p. 392.

(4) — Helio Vianna — *Descoberta de Castro Alves*, na REVISTA DO BRASIL de setembro de 1939, n.º 15, p. 19.

de Abreu, como o satirico Gilbert — citado nada menos que ao lado de Dante, e o elegiaco Millevoye — que apontava como exemplo a J. J. C. Macedo-Junior, poeta de treze annos de idade.

Fora, entretanto, das influencias francesas, dominantes, como se sabe, em seu tempo e em nosso país — como em Portugal, onde residiu três annos e meio — as inspirações biblicas não poderiam faltar á obra de Casimiro de Abreu. Epigraphe tirada de um *Psalmo*, referencia á resurreição de Lazaro, invocação de Deus á maneira de São Matheus, lembrança do *Sermão da Montanha* — apparecem em três poemas seus, sem que maiores conclusões a respeito possam ser tiradas.

Como seria inevitavel em sua época, a exaltação do theatro, seu grande significado entre os literatos, não pôde faltar nos versos de Casimiro. Autor, ellè mesmo, da scena dramatica *Camões e o Jau*, como de uma revistinha theatral, precursora de outras do genero (5), não deixou de fazer allusões á “pallida Rachel” e ás “Marcôs modernas”, como não escondeu seu enthusiasmo por duas operas de Verdi então recentes — a *Traviata* e o *Trovador*, sensível, como tambem era, á musica de um virtuose como o luso-brasileiro Arthur Napoleão.

Bom brasileiro que foi, autor de inflammados versos a D. Pedro I e a D. Pedro II, e escriptor modesto, que não desprezava a prata de casa, como tantos, Casimiro de Abreu muito acatou a obra dos romanticos que o precederam, a começar, como é natural, pelo que foi apontado como chefe da escola entre nós, Domingos José Gonçalves de Magalhães, depois Visconde de Araguaya. Como não escapou ao prof. Sousa da Silveira, os cantos das *Primaveras* “saíram conforme as circumstancias e os lugares os iam despertando”, da mesma forma que *Suspiros Poeticos e Saudades* já havia sido “um livro de Poesias escriptas segundo as impressões dos lugares”, como consta dos respectivos prefacios. E, de accordo com observações do mesmo attento annotador, ambos os poetas usaram o “p’ra”, há pouco tão utilizado pelos modernistas; ambos dispensaram artigos quando o exigia a metrica; e todos dois a Thomás Antonio Gonzaga chamaram “Petarca brasileiro”.

A Gonçalves Dias “tinha por mestre”. Autor, igualmente, de uma *Canção do Exilio*, sendo *Canções do Exilio* toda a primeira parte das

(5) — Revelada no art. do Cel. Alves Cerqueira, cit. Com originalidade e graça, essa revista apresenta o Rio, Nictheroy, Botafogo, etc., como personagens, em grande antecipação relativamente a Arthur Azevedo e outros theatrologos de alguns decennios depois.



Primaveras, a epigraphe de *Minha Terra* é o conhecido começo de celebre poemeto:

*Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá*

— que em nosso poeta veio dar o symptomatico inicio:

*Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha...*

Ainda em cousas menores Casimiro segue o autor do *Y-Juca-Pirama*: usa “fitar” como contemplar, olhar; emprega “hastil” por haste; põe um verso de onze syllabas antes de decasyllabo, não se pode mais saber se propositalmente.

Mais tetrica terá sido, sem duvida, a influencia de Alvares de Azevedo. Antes de Castro Alves, é a propria idéa da morte proxima que o cantor de *Berço e Tumulo*, de *No Tumulo de um Menino* e de *A morte de Affonso Messeder* vae herdar do autor do famoso *Se eu morresse amanhã*, verso que figura como epigraphe da poesia *No Leito*. Mencionando-a, directamente, aconselha a um jovem poeta:

*Não vás como Azevedo — o pobre genio —
Embrulhar-te sem dó na flor dos annos
Da morte no lençol! (6)*

Trazendo, porém, essa funebre idéa ao seu proprio caso, diria nos primeiros versos de *Horas Tristes*, de abril de 1858:

*Eu sinto que esta vida já me foge
Qual d'harpa o som final...*

Confirmava-o, um mês depois, no final da poesia dedicada *A Morte de Affonso de A. Coutinho Messeder* — *Estudante da Escola Central*:

*Descansa! se no céu há luz mais pura,
Decerto gozarás nessa ventura
Do justo a placidez!
Se há doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranqullo á sombra do cypreste...
— Não tarda a minha vez!*

(6) — *Obras*, cit., poesia *A J. J. C. Macedo-Junior*, p. 283

E ainda de modo mais prophético, como accentuou o sr. Lindolfo Gomes (7), embora com engano de menos de dois annos desde 1857 teria previsto, em *No Lar*, poesia aberta com funerea epigrapha de Garrett, relativa á morte de Camões em sua patria:

*Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!
De amor a vida me transborda o peito...
Basta-me um anno!... e depois... na sombra...
Onde tive o berço quero ter meu leito!*

Outros poetas brasileiros de seu tempo apparecem com menor frequencia nas citações de Casimiro de Abreu. Se a Francisco Octaviano de Almeida Rosa, menos ao tardio poeta que ao acolhedor jornalista do *Correio Mercantil*, são dedicadas as *Primaveras*, o proprio titulo do livro foi inspirado em Teixeira de Mello, como se vê na epigrapha que abre o respectivo prefacio:

*São as flores das minhas primaveras
Rebentadas á sombra dos coqueiros (8).*

*

Logo depois do conhecimento dos poetas franceses e brasileiros, a prolongada permanencia em Portugal haveria, certamente, de influir na formação poetica de Casimiro de Abreu. A scena dramatica *Camões e o Jan*, representada em 1856, em Lisboa, é a primeira e mais importante manifestação dessa influencia. A já referida epigrapha de Garrett, uma poesia humoristica a Xavier de Novaes, saudando-o em sua chegada ao Brasil e citando, a proposito de sua poesia satirica, o antecessor Tolentino; referencias elogiosas ao romance *O Genio do Mal*, de Arnaldo Gama, e á poesia *Ave, Cesar!*, de Mendes Leal — “grande lyrico português”, autor de “um dos trechos mais sublimes da poesia moderna”, — são outras occasiões em que o poeta brasileiro prestou homenagem ás suas admirações portuguezas. “Porto — a invicta”, “Lisboa — a ufana”, choupos, carvalhos, calhandras, rouxinões, arvores e aves de Portugal, expressões nitidamente lusitanas, como “ratices” e outras — são ainda consequencias dessa estada de mais de três annos na patria de nossos antepassados.

*

(7) — Nas *Notulas* que antecedem o art. cit., do Cel. Alves Cerqueira, cf. nota 2.

(8) — *Obras*, cit., p. 45; epigrapha tirada de *Sombras e Sonhos*, de Teixeira de Mello.

Apesar de não ser muito extensa a obra poetica de Casimiro de Abreu, — contida, com os ineditos que lhe attribuem, em menos de uma centena de poesias, — e embora tenha sido das mais rapidas a sua passagem, em vida, pelo ambiente literario brasileiro de sua época — pois morreu aos 22 annos incompletos, — pode-se dizer que a sua influencia apparece, clara, em poetas de sua propria escola romantica, como em outros da phase seguinte, a do parnasianismo. Apparece, até mesmo em prosadores do vulto de José de Alencar, a cuja descripção do crepusculo, nO *Guarany*, foi Casimiro beber inspiração para o prefacio das *Primaveras*, em compensação antecipando-se a *Iracema*, na imagem do talhe de palmeira (9).

Entre os poetas romanticos, basta citar três grandes nomes: Fagundes Varella, Castro Alves e Machado de Assis; entre os parnasianos, outra trindade igualmente brilhante: Luís Guimarães, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Poetas tão notaveis, todos, que por si mesma é eliminada a hypothese do decalque, quanto ás suas poesias que apresentam semelhanças com outras de Casimiro: coincidência de temas, de imagens, apenas; vagas reminiscencias de leituras anteriores, no maximo.

Exemplifiquemos, porém, tornando mais nitida essa honrosa influencia, que de modo tão firme situa o cantor das *Primaveras* entre os mais importantes poetas brasileiros.

Como Casimiro, Fagundes Varella canta um “manso lago” e registra os efeitos destruidores do vento Norte — faceis observações de fluminenses.

Com Castro Alves, são maiores os contactos. Além da idéa de morte em plena mocidade, recebida de Alvares de Azevedo, e por elles exactamente cumprida, há outras aproximações, igualmente honrosas aos poetas das *Vozes d’Africa* e da *Juriti*. Assim, por exemplo, a imagem dos cabellos desenrolados das amadas; dois versos parecidos, de construcção igual e adjectivação semelhante; e, afinal, o pedido para que a amada venha ser o orvalho de que necessita o lirio — Casimiro, ou o lotus — Castro Alves.

Quadros analogos aos de Casimiro, em que há, apenas, um fundo commum, apparecem, duas vezes, em Machado de Assis, como tambem

(9) — *E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue no ar...*

A primeira edição do *Guarany* é de 1857, as *Primaveras* de 1859. A poesia *Canto de Amor*, a que pertencem estes dois versos, está datada de 1858. *Iracema* appareceu em 1865.

observa o prof. Sousa da Silveira. E apontado pelo poeta Manuel Bandeira, é evidente o parentesco entre o verso das *Primavêras*:

Nas debeis cordas da lyra

— e o do grande romancista:

Nas brandas cordas da lyra.

Passando aos parnasianos, o caso do celebre soneto *Visita á Casa Paterna*, de Luís Guimarães, apparece inevitavelmente como originado na poesia *No Lar*, de Casimiro, como notaram José Verissimo e Manuel Bandeira, e agora tambem o prof. Sousa da Silveira. Entretanto, elle tambem pode proceder, directa ou indirectamente, do poema *A Boa Vista*, de Castro Alves, como nesta mesma revista, a proposito das *Obras Completas* do grande poeta bahiano, procurou demonstrar, há tempos, o autor destas simples observações (10).

Quanto a Bilac, são aproximações apenas no processo de utilização de respostas em fins de versos as que podem ser encontradas entre as poesias *O que?* e *Quando?!...*, de Casimiro, e o seu conhecido soneto *Respostas na sombra*.

Ainda menos importante coincidência de imagens, denotando somente a igualdade de delicadeza compatível em dois quasi conterrâneos, através dos tempos e das escolas poeticas, é a encontrada na poesia *No Jardim*, de 1858, das *Primaveras*, e no poema *Nathalia*, de 1911, de Alberto de Oliveira. Porque este é o final do quadro romantico de Casimiro:

*Iam, vinham, á roda das acacias,
Brincavam no rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia: — Que doidinhas!
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas!...*

E esta a sua passagem para o parnaso, de Alberto:

*Vão espantadas, em confusa dança
Da estrada as borboletas amarelas;
Segue-as Nathalia, a rir, largada a trança,
Borboleta maior, em meio dellas.*

Mais longe, porém, que o parnasianismo, conseguiu chegar a poesia de Casimiro de Abreu: herdeiro dos lirios que tanto amava e que

(10) — Helio Vianna — Art. cit. na nota 4, supra.



tanto cita em seus versos, principalmente pendidos para o chão, humildes em sua beleza ou vencidos em seu orgulho de flor mais pura que todas as outras, — successor de tão evocativo material poetico foi ninguém menos que o grande symbolista. Alphonsus de Guimaraens.

Nessas imagens simples, a todos accessiveis, reside, aliás, um dos maiores e mais permanentes encantos da poesia de Casimiro. E dando prova de seu duradouro valor, a musica de *Meus oito annos* há de sempre cantar em quaesquer ouvidos brasileiros, da mesma forma que os amantes ainda esperançados ou amavelmente desilludidos hão de repetir, sempre, o verso das *Primaveras* que talvez mais popular tenha se tornado:

— *Sympathia* — é — *quasi amor* !

Aproveitando-o, depois da leitura dessas *Obras de Casimiro de Abreu*, que tão excellentemente soube preparar, restaurar e anotar o prof. Sousa da Silveira, parece-nos ter cabimento, agora, a sua applicação ao proprio autor: se Casimiro não pode mais ser integralmente amado pelos exigentes amigos da poesia de hoje, sua *sympathia* pessoal nasce, espontanea, irresistivel, de seus proprios versos. E *sympathia* — convem repetir com elle — é *quasi amor*...

HELIO VIANNA



A PHILOSOPHIA ACTUAL

FUNÇÃO DA NEO-ESCOLASTICA

I I — INGLATERRA

O pensamento anglo-saxão, desde a segunda metade do seculo dezenove, occupa lugar de destaque na historia da philosophia religiosa.

A philosophia dominante era então o empirismo nominalista a que Hume dera completo desenvolvimento. Desconfiando da metaphysica e dando grande valor á experiencia, era acceita e ensinada sem que mesmo as camadas cultas parecessem preoccupar-se com o perigo que constituia para a orthodoxia religiosa.

Stuart Mill (1806-1873) só em obra postuma mostra accuitar um espirito criador e bemfazejo.

Herbert Spencer (1820-1903) contenta-se com affirmar que o relativo exige um absoluto, um infinito, do qual nada sabemos, senão que existe.

Começa então a ter cotação na bolsa do pensamento inglês uma mercadoria de importação alemã, a critica biblica, impregnada de hegelianismo. O mercado, porém, não era favoravel, ante o perigo a que se expunha uma religião fundada na interpretação literal da Biblia. Succede-lhe o transformismo, que, com seu rapido exito, parece uma terrivel ameaça, e é violentamente atacado pelos ecclesiasticos. Denuncia-se um mal-estar intellectual entre os fieis. Dir-se-ia que a descoberta de meia duzia de ossos pode deitar por terra o christianismo.

E' então que se forma uma poderosa corrente, saudada por muitos como a salvação do christianismo e a ancora de certezas abaladas. E' o hegelianismo inglês. Não que Hegel tenha tido discipulos ingleses; mas exerceu consideravel influencia sobre philosophos anglo-saxões. O resultado foi um grande impulso para as especulações philosophicas.

A primeira obra importante sobre o philosopho alemão é *O Segredo de Hegel*, obra que poderia granjear para Stirling, seu autor, a applicação do "clarus ob ejus obscuritatem" de Heraclito.

A philosophia de Kant e Hegel não é malsã, como a de Strauss, Renan e Feuerbach: estas são racionalistas, destroem; aquellas constroem. O hegelianismo é a philosophia christã por excellencia. (Gentile diz o mesmo sob forma mals pittoresca: os verdadeiros atheus são os philosophos catholicos que separam Deus do homem.)

E' principalmente em Oxford que se desenvolve o movimento. Nelle brilham os dois irmãos Caird e sobretudo Thomas Hill Green, considerado sempre o chefe da corrente hegeliana. Green logrou supplantar Stuart Mill e os empiristas. Deus está incluido na con-



sciencia que temos de nós mesmos. Esta consciencia é mais que uma prova da existencia de Deus: é a sua presença em nós. Os dogmas não se hão de entender á letra; são expressões figuradas de verdades centraes da religião, das quaes só a razão pode dar testemunho.

Com Bradley (1846-1924) e Bosanquet (1848-1923) o idealismo inglês se orienta para uma especie de spinozismo agnostico: estamos unidos ao absoluto. Somos espiritos, e nossa vida é uma com a do espirito que é tudo e é o bem; e então somos eternos.

Mac Taggart, de Cambridge (1866-1925), dilue esse absoluto: "Elle é a sociedade de pessoas humanas unidas pelo amor"; e isto é analogo á divinização da sociedade, do americano Josiah Royce.

Assim o hegelianismo, que se introduzira como o salvador do christianismo, começou a ser visto como um presente de gregos.

Aliás o idealismo não quadra com a mentalidade inglesa sempre inclinada ao empirismo. Assim, quer por este motivo, quer pela insufficiencia da concepção idealista da personalidade divina ou humana, quer pela audacia de dialecticas, cujo significado já não via se percebia, surgiu a reacção ou surgiram reacções, taes como o pragmatismo, humanismo, pluralismo e neo-realismo.

Henry James (da Universidade Harvard) ensinou ao filho William James (1842-1910) algumas verdades pragmaticas, e o filho, infelizmente, aprendeu muito bem a lição. Entretanto foi sempre curioso de experiencia religiosa. Esta apresenta todos os caracteres duma verdadeira experiencia: A idéa religiosa pode soffrer perfeitamente o controle da experimentação. O seu objecto é Deus, que é pessoal, mas finito. No fundo, a metaphysica de James é um polytheismo. A divindade é feita á medida de cada um: é o ideal que se adapta aos individuos e varia como elles; é o que corresponde melhor a cada uma de nossas necessidades.

Nas mesmas aguas navega Schiller, cujo Deus é tambem finito. Há uma salvação final, uma harmonia total. E' interessante observar que Schiller, com mais seis membros da Universidade de Oxford, publicou em 1902 o *Idealismo pessoal*, onde se contém um programma, cujos dois artigos principaes são que "toda idéa deve ser experimentada em contacto com o real"; o segundo traduz mais ou menos o: "actiones sunt suppositorum".

O Deus de Alexander é ainda inferior ao de Schiller; nem chega a criador, é criatura. O criador, ou melhor, a matriz de tudo, é o Espaço-Tempo. A vida é a occupação de uma porção deste Espaço-Tempo. Substancia é um espaço limitado por um contorno. Alexander é realista.

Na sua reacção contra os idealistas, que restringiam o ser ao pensamento, os neo-realistas abandonaram os principios que governam o ser e o pensamento, e sem elles, ficaram impotentes para fundar uma verdadeira metaphysica. Mau-grado esforços interessantes, recaíram nos "impasses" do empirismo.

Esta philosophia domina ainda nos meios cultos anglo-saxões, mas, parece que sob a influencia da phenomenologia alemã, começa a esboçar-se uma volta a doutrinas mais intellectualistas. Sa-lientam-se Inge, Temple, Taylor. Inge funda sua philosophia sobre uma ontologia de valores absolutos. Taylor, a principio, soffreu grande influencia de Bradley, que vimos caminhar para Spinoza. Eximiu-se pouco a pouco desse influxo e aproximou-se cada vez mais do thomismo *lato sensu* misturado ao que há de sempre

vivo no pensamento de Platão. Em sua obra apparecem as grandes theses da philosophia perenne.

Tyrrell, que floresceu no principio do seculo, é o representante inglês do modernismo, que vigia então em varios países da Europa.

Bertrand Russell, mathematico eminente, publicou em collaboração com Whitehead os *Principia mathematicæ*, obra de valor. A philosophia entretanto consagra o melhor dos seus labores. Atacando rigidamente o idealismo, mostrou-se a principio francamente realista. Em 1912 começa a evoluir. Persiste em criticar o idealismo, mas não attribue realidade alguma á materia. A's noções de causa e substancia, substitue a de função, e interpreta o universo em termos de dados sensiveis e de *funções logicas*.

Os dados sensiveis não vêm de uma coisa em si. Basta imaginar leis de sua apparição e desaparecimento; ao invés de dizer que uma coisa persiste e me apparece sob diversos aspectos, digamos simplesmente que differentes apparencias, tendo traços de semelhança e succedendo-se de maneira uniforme, me são dadas em certa ordem.

A materia é apenas um agrupamento de phenomenos, assim como o espirito.

A velha idéa de materia ligava-se á de substancia, e esta á do tempo cosmico. A theoria da relatividade aniquilou o tempo cosmico. A materia não é algo que conserve sua identidade através da historia, nem sequer é uma coisa em si hypothetica, conhecida apenas através dos seus efeitos. "Por materia significamos estes mesmos efeitos, sem que seja preciso recorrer a causas incognosciveis para explicá-los." (*An outline of Philosophy*, p. 164). A energia, sob formas diversas, se expande a partir de varios centros, que têm certa persistencia. Podemos descrever correctamente as leis da irradiação, imaginando alguma coisa no tempo.

Hoje a materia não é mais que uma etiqueta commoda para designar certas leis causaes com relação aos acontecimentos" (*Ib.*, p. 290). O mesmo succede com o espirito. Numa sciencia completa, as palavras espirito e materia desapareceriam para dar lugar ás leis causaes relativas aos acontecimentos (*events*), sendo que os unicos acontecimentos conhecidos por nós, assim como por suas propriedades mathematicas e causaes, são as percepções (*percepts*), a saber, os phenomenos situados na mesma região que o cerebro, e tendo efeitos de especie particular, chamados "reacções cognoscentes".

Para conciliar a tendencia materialista da psychologia com a tendencia antimaterialista da physica, a melhor concepção é a de James e dos neo-realistas americanos: a substancia do mundo não é nem material nem mental, é *neutra*, e é desta substancia neutra que é feito o mundo mental e material." (*Analysis of mind*, Pref., p. 8). E' o seu "monismo neutro". (*An outline of Philosophy*, p. 293).

Sua doutrina já não é, pois, um realismo. Elle mesmo o diz: "Prefiro chamar minha philosophia um "atomismo logico", antes que um realismo com ou sem adjectivo."

I I I — ALEMANHA

O seculo XIX caminhará sob o signo do kantismo e do positivismo. Em 1865, Liebmann insiste em que é preciso voltar a Kant, reagindo contra os post-kantianos: há mister contentar-nos com o conhecimento relativo, phenomenal. Lange assevera que os meta-

physicos são uns loucos; a religião e a metaphysica servem como a arte e a poesia, mas não têm valor algum objectivo. A sua escola, a de Marburg, é a mais florescente da Alemanha no principio do seculo XX. Cohen e Natorp são os dois principaes representantes e renovam o mais estricto idealismo.

Alguns pensadores catholicos tentam uma reacção, mas para melhor combater Kant, fundam-se nos idealistas saídos da sua escola, e acabam num racionalismo incompativel com a fé. Por outro lado, pensadores isolados combatem uma concepção mechanista e estreita da vida.

Assim, apesar de destruir todos os valores reaes e sonhar com um superhomem que já nada tem de humano e menos ainda de christão, Nietzsche († 1900) com seus violentos paradoxos contribue efficazmente para abalar o idolo do racionalismo.

Assim tambem Eucken, idealista reformador, que reunia em torno a sua cathedra um grande circulo de ardentes discipulos; é professor na Universidade de Iena, e merece em 1908 o premio Nobel.

O homem deve elevar-se da pequenez do seu eu, resistir à mediocridade, despertar a vida da alma, que é esforço, acção, conquista da personalidade, deve tomar conhecimento dum mundo espiritual fundado no ser divino.

Combate o psychologismo, o naturalismo, o positivismo. Há uma vida do espirito, autonoma, independente do homem puro e simples, que tem seu fundamento em si mesma, que é infinita, que está no homem em potencia e constitue o seu verdadeiro eu.

O dinamarquês Sören Kierkegaard († 1855) exerce tambem grande influencia sobre a jovem geração alemã. E' fideista. Proclama a necessidade do escandalo christão, a opposição entre o pensamento humano e o dogma revelado, escandalo necessario e regenerador.

Não só porém para esta banda sopra o vento. Numerosos pensadores há que, se não formam escola, espalham todavia aos quatro ventos um torvelinho de idéas: Windelband, Rickert, Troeltsch, em Baden, cultivam o kantismo sob o prisma dos valores. Para Simmel, a philosophia é a expressão dum typo de espirito; a alma é eterna, mas não substancial, é uma lei fundamental apenas, que permanece a mesma em condições de realidade inteiramente differentes.

(agora = $f(x, y, z, \dots)$)

Alma (

(depois = $F(u, v, w, \dots)$)

mas: $f(x, y, z, \dots) \doteq F(u, v, w, \dots)$

Há uma corrente pessimista, sobretudo após a guerra; assim Oswald Spengler. Keyserling vê sobretudo as limitações da nossa cultura. Para Klages, a logica é uma via intellectual parasitaria, "que o Espirito, que é um mau demonio exterior ao mundo e à consciencia, impõe áquelle, introduzindo-se na vida da alma.

E', pois, uma sensação de verdadeiro allivio que se experimenta quando saindo deste labyrintho de idéas, ou de carencia dellas, depa-ramos com Husserl Scheler, Heidegger, Hartmann, Jaspers.

Se não chegam á verdade clara e limpida, ou se se afastam della depois de a entrever, ao menos seu pensamento pode se chamar sciencia, philosophia: não é um mosaico de idéas soltas e desencon-

tradas, mas um systema com seus principios, suas theses concatenateadas, suas conclusões.

Fazem-se entender, e sua philosophia é digna da attenção dos que se interessam pela evolução do pensamento humano. Respigando suas idéas veremos em que se aproximam de nós e em que se afastam.

Husserl é discipulo dos neo-aristotelicos: Bolzano e Brentano. Sua doutrina é a Phenomenologia.

O que é: é antes de tudo um methodo philosophico. Quer desbravar caminho ao verdadeiro conhecimento. Quer ser o methodo radical que nos torne possivel a aquisição das verdades fundamentaes e sua justificação absolutamente apodictica.

Sua regra suprema é "adire ad ipsas res" (*zu den Sachen selbst*), dizem-no Husserl e Heidegger, para lhes perguntar o que nos dizem, ellas mesmas de si mesmas. Esta regra contém, pois, dois principios: um positivo, outro negativo.

O negativo: a "absolute Voraussetzungslosigkeit", libertação de qualquer premissa ou presupposição, isto é: nada que não tenha sido apodicticamente justificado, pode ser considerado como definitivamente adquirido. O positivo, regra da justificação radical, é o principio: "ir ás coisas mesmas"; é o principio de intuição immediata como fonte primeira da certeza. Portanto exclusão de qualquer postulado da razão, de qualquer certeza vulgar sem analyse radical e sem reducção á evidencia indubitavel e apodictica.

Definição: phenomeno + logos.

O sentido primeiro generico de phenomeno (*φαινόμενον*) é etymologicamente: o que está a descoberto, o que se manifesta em si mesmo (*das Sich-an-ihm-selbstzeigende*, das Offenbare); ora, manifestação não tem sentido senão numa consciencia, para esta consciencia; logo: phenomeno é o que em si mesmo se mostra numa consciencia, para esta consciencia, a. v., "res cognita ut cognita prout est in se".

Toma elle, porém, o phenomeno em cinco outras accepções:

I) Apparencia (*der Schein*). E' a manifestação duma coisa na consciencia sob forma de semelhança com uma outra coisa. (E' uma modificação privativa do phenomeno tomado no primeiro sentido.)

II) Signal: é o phenomeno ou o indice, o signal que se mostrando a si mesmo, em si mesmo, denuncia outra coisa que não se mostra em si mesma; v. g., os symptomas indicam uma doença. Os symptomas são phenomenos no primeiro sentido; considerado, porém, como indice de doença, é phenomeno-signal, ou phenomeno-indice, ou phenomeno-apparição; a doença indicada é a apparição (*Erscheinung*) no sentido que é o que apparece pelos phenomenos-indices.

III) Signal puro: se o phenomeno-apparição só tivesse por função indicar um ser occulto, de tal natureza que nunca se possa manifestar em si mesmo, teriamos o "puro phenomeno-apparição", v. g., o mundo para os idealistas: não é um ser em si mesmo, mas puro phenomeno duma realidade, que, em qualidade de pura apparição, apparece por elle escondendo-se nelle.

IV) e V): no primeiro sentido, o phenomeno é o "correlatum" da consciencia; não é phenomeno senão emquanto tal. Tomando-o unicamente emquanto correlato, chamamo-lo phenomeno puro. Se tomo a consciencia no sentido vulgar de attitude natural, tenho o phenomeno puro natural, exclusivamente emquanto correlato da consciencia psychologica (directa). Se a tomo como consciencia.

transcendental (reflexa), tenho o phenomeno puro transcendental, ou phenomeno puro, simplesmente. (Note-se que esta terminologia não é propriamente a de Husserl, nem a de Heidegger.)

Logos (λόγος): no sentido de deloûn (δηλοῦν): tornar manifesto o de que se fala; é a expressão verbal do que a coisa faz ver em si mesma, portanto o logos "faz ver aquillo de que se fala" e fá-lo ver do lado da coisa de que se fala. E porque esta enunciação só é possível pela razão, logos toma em segundo lugar os sentidos de razão, conceito, definição, razão de ser, proporção.

Portanto a definição de phenomenologia será: "lógos légon tà fainómena" (λόγος λεγων τὰ φαινόμενα). E' a sciencia cujo fim e acto são "apofainesthai tà fainómena" (αποφαινεσθαι τὰ φαινόμενα): fazer ver por si mesmo aquillo que se manifesta, e fazê-lo ver tal como se manifesta por si mesmo. A. v.: ir às coisas mesmas, para buscar nellas o que ellas mesmas manifestam por si mesmas. Nessa definição, phenomeno se toma primeiro na accepção de phenomeno-coisa, mas tambem em qualquer das outras, excepto a de signal puro, talvez.

Vê-se pois que a phenomenologia offerece materia para um trabalho systematico, cujo fim é descobrir e descrever exacta e integralmente o universo dos phenomenos, e descrevê-los systematicamente, pondo em relevo as relações que têm entre si: v. g., segundo Santo Thomás: o tempo fundado no movimento e o movimento na quantidade continua.

Ora, mostrar as relações é interpretar o sentido dos phenomenos. A phenomenologia é, pois, a organização do conjunto de pesquisas concernentes á descoberta, á descripção, á interpretação dos phenomenos. E como são diversos os typos de phenomenos (maticos, moraes, religiosos), diversos serão a via e o modo empregados no seu estudo.

Mas a phenomenologia é uma philosophia? Até aqui temos visto que é apenas um methodo de pesquisa; como tal não tem pretensão a ser a philosophia unica e total; quer apenas ser a philosophia primeira, ou conduzir á philosophia primeira, que pelas elucidações phenomenologicas, prepare o terreno para a philosophia propriamente dita. Pretende, porém, ser o presupposto, a condição *sine qua non* de toda philosophia de character estrictamente scientifico. Husserl e Heidegger dizem-no claramente: uma philosophia, uma ontologia bem fundadas não são possíveis senão após o esclarecimento radical, pelo methodo phenomenologico, dos phenomenos e dos problemas a estes attinentes.

Entretanto ella não pára aqui; não é só um methodo, pois que indo ás coisas deve ter necessariamente uma ontologia. E' o que veremos. Para Husserl, a philosophia exigida pela sua phenomenologia transcendental é uma philosophia idealista; para Heidegger, sua phenomenologia conduz, pela analyse do ser no horizonte da temporalidade, a uma ontologia, cuja these fundamental é a do character essencialmente finito da noção de ser.

Aqui, pois, dividem-se os campos; segundo a especie de phenomeno que prevalece como fundamental no systema, teremos a phenomenologia de Husserl, ou a de Heidegger.

Para Husserl é o phenomeno transcendental, i. é, o correlato da consciencia pura e transcendental (sem excluir nenhum outro, entretanto). "Ego cogito cogitata"; eu, homem no mundo, penso, percebo, medito, tenho "cogitationes", (actos de consciencia) a cada

uma das quaes corresponde necessariamente, essencialmente, um "cogitatum", um objecto visado pela consciencia, um "correlatum cogitationis". Que são estes "cogitata"? São as coisas, objectos reaes e objectos irreaes, ideaes, taes como os penso (como reaes ou irreaes) na attitude habitual do meu senso commun e das sciencias positivas.

Mas deste mundo não tenho certeza apodictica, por isso ponho-o "entre parenthesis" (é a expressão); faço a "epoché" ($\epsilon' \pi \circ \chi \eta'$), suspendo a mente. Husserl não nega o mundo, nem duvida da sua existencia, e nisto diverge de Descartes; apenas suspende o assenso.

O Mundo são phenomenos-coisas; reduzo-os então a correlatos da minha consciencia psychologica; mas ainda não basta para a certeza apodictica, pois nesta redução ainda fico em phenomenos da ordem dos phenomenos-coisas.

Estendo então a "epoché" ao eu natural e aos seus actos subjectivos; e por esta suspensão, de character reflexivo, entro no campo da consciencia pura transcendental, que não tem por correlatos senão phenomenos puros transcendentaes, i. é, reduzo o eu natural e seus actos a puros phenomenos. O que se me abre é o campo do Eu transcendental e dos actos da consciencia transcendental, de cuja existencia tenho certeza apodictica, pois é inconcebível, por contraditorio, que este Eu e seus actos não sejam senão puros phenomenos: tudo se resolveria assim numa regressão infinita, em puras ficções. Para levantar, portanto, a verdadeira philosophia, é preciso, de inicio, largar pé da margem da experiencia natural, e mergulhar na pura immanencia dos phenomenos, actos e eu transcendentaes.

Este eu transcendental, porém, não é ainda a razão ultima, a fonte de todas as constituições passivas e activas que tornam comprehensíveis o fluxo perpetuo e o modo de ser dos estados vividos. Os Eu transcendentaes meu e dos outros, são elles mesmos constituídos por e numa subjectividade transcendental mais remota; é o Eu primeiro no qual e pelo qual todos os eu multiplos são originariamente constituídos, Eu que tudo constitue e que não é constituído: Deus que vive sua vida, constituindo em e por sua consciencia transcendental, os eu transcendentaes de segunda ordem. É o idealismo transcendental de Husserl. Notemos porém que nada tem a ver com o idealismo psychologico, no qual o eu psychologico de nossa attitude natural constitue o mundo. Para Husserl quem constitue o mundo é o Eu transcendental absoluto, i. é, Deus, e mais, não constitue um mundo puramente phenomenoal, entes de razão, mas constitue as coisas na sua realidade physica, taes como nós as apanhamos na nossa attitude natural. O idealismo de Husserl implica, pois, um accentuado realismo, e sua phenomenologia quer ser comprehendida como synthese original das theses oppostas do idealismo e do realismo tradicionaes.

A redução transcendental de tudo a Deus, é ajudada e completada por uma outra redução, que de resto, chronologicamente, precedeu aquella na evolução do pensamento phenomenologico: é a redução eidetica, que reduz a consideração empirica e particular á consideração essencial: considero não tal ou tal homem, mas o homem "ut sic", o mundo "ut sic", o eu transcendental "ut sic", considero a essencia das coisas. Assim os resultados da phenomenologia transcendental ganham valor universal e *a priori*, que os torna independentes da experiencia. Esta apenas nos dá os exemplares dos quaes extrahimos, pela intuição, as essencias e suas leis necessarias.



A phenomenologia de Husserl pode-se pois chamar uma phenomenologia da essencia.

HEIDEGGER: — Para Heidegger o phenomeno proprio e principal é o phenomeno-coisa, no sentido obvio da palavra; attingimos, pois, o phenomeno proprio e principal sem o intermedio da experiencia transcendental.

Ora, nos phenomenos-coisas, devemos distinguir os “entia” e os “esse”.

Os phenomenos-coisas, emquanto “entia”, são facilmente accessiveis: são objectos das sciencias naturaes, da psychologia, etc....; sob os “entia”, facilmente accessiveis, há porém algo de escondido, e que no entanto é essencial a elles e lhes constitue o fundamento: é o “esse”. O phenomeno “kat'exochén” ($\chi\alpha\rho'\xi\epsilon\sigma\chi\eta'\nu$), no sentido phenomenologico, é o “esse”.

Diz elle: “A noção phenomenologica de phenomeno visa, emquanto coisa que se manifesta, o ser dos seres (*esse entis*), seu significado, suas modificações e seus derivados.” (*Sein und Zeit*, p. 35). Aproxime-se esta exposição da definição thomista de ontologia, e pode-se inferir até onde concordam: “scientia quæ considerat ens, et ea quæ consequuntur ipsum”.

Heidegger, pois, não põe “entre parenthesis” a existencia das coisas para attingir a certeza apodictica, mas busca alcançar directamente e elucidar esse “esse” nos “entia”. Portanto, a “epoché” transcendental não é de importancia decisiva na phenomenologia heideggeriana, que não é assim uma phenomenologia transcendental, mas uma phenomenologia da existencia, uma phenomenologia existencial e ontologica. Numa palavra, a phenomenologia de Heidegger é a sciencia do ser dos seres, a Ontologia, e o significado methodico da descripção phenomenologica é a hermeneutica do ser dos seres e de suas estruturas fundamentaes.

Ora, não me é dado fazer esta hermeneutica do “esse”, senão perscrutando o “ens”. Não posso, porém, comprehender o “esse” dos seres, senão partindo dum ente particular, que tenha na sua estrutura essencial uma “intelligencia” inicial do seu “ens-esse” e dos seres. A essencia deste ser consiste nisto que elle está em relação com os outros seres. Tal é o homem que Heidegger chama: “Dasein”; etymologicamente “estás ahi”, o facto bruto da existencia. “Dasein” é uma identidade de essencia e existencia, que tem, de inicio, embora não explicitamente, conhecimento do seu ser e dos seres. Analysando a existencia do homem, comprehendo o que é o ser, e construo assim uma ontologia fundamental, presupposto necessario duma ontologia integral.

Da analyse radical da existencia humana resultará, segundo Heidegger, que não só o ser do homem, mas o ser “ut sic”, deve ser comprehendido no horizonte do tempo, i. é, que a temporalidade é essencial á noção do ser emquanto tal, e que portanto a noção do “*ón* é *ón*” ($\acute{o}\nu, \eta\acute{o}\nu$) do ser como tal, é de character limitado e finito.

E Deus então? Estamos raciocinando de telhas abaixo, como diziam os antigos; para chegar ao ser, partimos do homem que é finito, e Heidegger declara: a noção de ser é finita; minha doutrina, porém, nada presuppõe quanto ao character finito ou infinito daquillo que é, e do mesmo ser. Todo ente que para comprehender os outros precisa da noção de ser, é finito, e se há um ser que é infinito, não tem necessidade da noção de ser para conhecer os seres. Deus,

sendo infinito, não tem esta necessidade nocional, que Lhe limitaria o conhecimento. Deus não philosopha. (*Gott philosophiert nicht.*)

PONTOS DE CONTACTO COM O THOMISMO — Que a phenomenologia tenha muitos pontos de contacto com a philosophia perenne está fora de duvida. E' facil de ver pelo que ficou exposto, e reconheceram-no os thomistas desde a aurora da phenomenologia. Mons. Noël em 1910, e Melle. Stein, publicaram estudos comparados das duas doutrinas. (1) Husserl mesmo dirigiu D. Matias Tiel em um trabalho semelhante. Mostram-no ainda os estudos de Heidegger sobre Scoto, o cuidado que elle, e sobretudo Max Scheler, têm posto em discutir theses thomistas.

1) E, desde já, uma these fundamental, e prenhe de consequencias, pela qual Husserl se aproxima de Santo Thomás e Aristoteles, desviando-se embora da direcção de ambos, é a noção mesma de philosophia. E' uma sciencia apodictica, exacta; é o grau supremo do conhecimento humano, e não se pode contentar com uma synthese approximativa e provisoria. Deve apresentar uma unidade, levar á concordancia dos espiritos, que é a marca da objectividade scientifica: deve estabelecer asserções cujas contraditorias sejam impossiveis. E', pois, a sciencia que tem por objecto o necessario, e elle a distingue das sciencias experimentaes, approximativas e sempre contingentes.

2) Um segundo ponto de contacto é a intuição de Husserl, que tem sua afinidade com o conhecimento das essencias, que, segundo Santo Thomás, é proprio da nossa intelligencia. Como vimos, pela redução eidetica, attingimos a essencia das coisas e suas leis necessarias, donde o valor universal das conclusões phenomenologicas.

3) Em terceiro lugar, nós, que pomos a essencia realmente distincta da existencia, devemos admittir como possivel e mesmo como fecunda a "posição entre parenthesis" da existencia das coisas para não considerar senão seus caracteres essenciaes. Onde Husserl se afasta de nós é quando illogicamente se firma nesta "epokè", como numa attitude definitiva, supprimindo um problema que se impõe necessariamente.

Notemos ainda que Husserl dedica todo um volume á critica vigorosa e penetrante do psychologismo, relativismo e nominalismo, critica que no dizer de thomistas abalizados é inteiramente utilizavel pelo thomismo.

Se descermos a particulares, muitos outros pontos de semelhança encontraremos, mas o que foi dito basta para termos uma idéa de que é a Phenomenologia em face da Escolastica. Na sua origem, pelo menos, ella favorece o realismo, e é neste sentido que os discipulos de Husserl a desenvolvem.

Assim Külpe († 1915) soffreu sua influencia, e sem ser discipulo de Husserl expõe numa grande obra (*Die Realisierung*) um realismo critico que tem estreitas relações com o thomismo.

Max Scheler († 1928) applica aos valores o methodo phenomenologico, sobretudo aos valores moraes e religiosos. Os valores não são função do sujeito psychico, mas são essencias que uma intuição emocional nos faz apprehender. Nos valores há uma hierarchia: o agradável, os valores vitaes, intellectuaes, e religiosos ou sa-

(1) Vid. tambem: A. Guggenberger, "Zweig Wege zum Realismus. Ein Vergleich zwischen Nicolai Hartmanns 'Erkenntnisponderanz', und J. Maréchal's, 'Erkenntnisdynamismus'", em *Revue Néoscholastique de Philosophie* — T. 41, Février, 1933.

grados. A moral consiste na realização duma ordem de valores em cujo apice está o divino ou o sagrado. A moral é inseparavel da religião. Como as essencias são immutaveis e a religião é a intuição da essencia do sagrado, a religião não padece evolução. Constróe assim sobre a phenomenologia uma philosophia religiosa, que em muitos pontos se aproxima do catholicismo. Há uma revelação; o mundo após a queda original evoluciona naturalmente no sentido duma queda gradual; há um poder satânico que luta contra Deus.

Na evolução do seu pensamento cae infelizmente na doutrina pantheista dum absoluto "in fieri"; emprehende a demonstração racional de Deus não só Criador, mas também Redemptor, chefe da humanidade e da Igreja.

Nas aguas de Heidegger navega Nicolai Hartmann, e isto é significativo. Com effeito é elle o chefe da Escola de Marburgo, fundada por Lange, que há pouco vimos affirmar que os metaphysicos são uns loucos. Hartmann vem se juntar aos phenomenologos na luta contra o idealismo neo-kantiano. Reintroduz a metaphysica na moral e retoma o problema do conhecimento sob o ponto de vista ontologico. O problema do conhecimento envolve necessariamente o problema do ser, e a theoria do conhecimento, mesmo quando é puramente critica, affirma implicitamente que o ser é relativo ao conhecimento. E', pois, uma affirmação de realismo.

Citemos ainda Johannes Rehmke, cuja doutrina é mais ou menos realista. Combate o pantheismo, o psychologismo, o phenomenologismo. O homem não é um individuo, mas uma unidade de acção de dois individuos: a consciencia e o corpo. E' platonizante pois. Nada pode agir sobre si mesmo; não há pois immanencia.

A escola theologica protestante de Karl Barth oppõe ao idealismo, que ella considera como uma negação da theologia, um realismo total.

Tendencia animadora, também, é a que se esboça no campo biologico: Reinke, Hans Driesch e Erich Becher, refutam o mecanismo ou o darwinismo e recorrem ao principio de finalidade para dar conta da organização vital.

Podemos pois concluir com Peter Wust: não se pode mais negar que nos ultimos vinte annos a idéa dum absoluto metaphysico já não encontra o desprezo ao qual estava exposta na época precedente, hostil á metaphysica.

E assim sob o titulo de *A Resurreição da Metaphysica* descreve em 1920 a ascensão espiritual do pensamento alemão, começada varios annos antes da guerra, mas mais ardente e resoluta desde 1918.

IV. ITALIA

A philosophia dominante na Italia na segunda metade do seculo XIX é o idealismo. Ajello, Vera e Spaventa são os introductores. Croce e Gentile são não só os seus representantes actuaes, mas os dois nomes de maior projecção na philosophia italiana hodierna.

Hegelianos, ambos. A doutrina de Hegel é o pantheismo logico: o "absoluto" é a "idea-ens" que primeiro se põe a si mesma capaz de evolução, e é a idéa pura, "idea in se"; depois oppõe-se a si mesma, e é o mundo, "idea extra se"; por esta opposição tem consciencia de si mesma e é o espirito: "idea pro se".

E' isto o que de Hegel toma Benedetto Croce. O espirito é synthese de contrarios (ser e não ser, bem e mal, verdadeiro e falso).

Mas para elle é tambem nexo de distinctos: de bello, de util, de bem, etc., assim como, por exemplo, a nossa alma é synthese das nossas faculdades.

No espirito há duas actividades, especulativa e pratica, cada uma com dois graus; na especulativa: o grau imaginativo que dá a intuição ou a arte, e o logico que dá o conceito ou a verdade; na actividade pratica: o grau economico e o ethico. A vida do espirito consiste em passar de um grau para outro por um movimento continuo e alternativo. Em torno destas quatro formas espirituaes elle desenvolve a sua Philosophia do Espirito.

Giovanni Gentile não acceta nem as distincções de Croce: toda distincção é abstracção irreal. O espirito todo se acha só no pensamento actual; o concreto, o real, é só a "cogitatio cogitans", dahi o seu nome de "actualismo".

Nada existe como presupposto ao pensamento, nem mesmo o pensamento existe como ente, mas só como um "fieri". A unica realidade é o pensamento "acto puro" que é ao mesmo tempo "autoconsciencia", synthese de sujeito e objecto, e "autocriação", posição e criação de si mesmo: numa palavra é Deus.

Pensando, projecto imaginariamente fora o conteúdo da minha consciencia: esta projecção constitue a natureza, que não existe senão emquanto pensada.

Unificado o sujeito e o objecto, Gentile vae mais longe: unifica os objectos; a distincção destes é apenas empirica, mas todos se resolvem no "Eu absoluto" ou transcendental que é o pensamento que, pensando outros sujeitos, emquanto os distingue de si, pelo facto mesmo de pensá-los os inclue em si. Na unidade da autoconsciencia há três momentos (como para Hegel): posição do sujeito, posição do objecto, synthese dos dois, aos quaes correspondem três formas: arte, que é consciencia do sujeito; religião, que é consciencia do objecto; philosophia, que é consciencia da synthese do sujeito e do objecto. E pois que o sujeito e o objecto não têm realidade alguma senão na autoconsciencia que é a sua synthese, a arte e a religião não são senão duas formas incompletas do espirito que se completam e concretizam na philosophia. E' mais ou menos o mesmo que diz Croce, para o qual a religião não é senão uma antecipação imperfeita da philosophia.

Como se vê, o caracter de immanencia absoluta do idealismo de Croce e de Gentile torna-o irreconciliavel com qualquer religião que reconheça um Deus pessoal. Estas doutrinas perdem terreno nitidamente nos dias que correm. Pensadores independentes como Francesco Orestano (que há pouco esteve entre nós) combatem-no com valor; Francesco de Sarlo, em Florença, tomou com brilho e autoridade as posições dum realismo do ser e do conhecimento que não andam longe do thomismo. Bernardino Varisco foi o iniciador do combate ao immanentismo absoluto, sobretudo de Gentile. Catholico, tentou conciliar sua religião com o idealismo e introduziu a cizania no campo idealista. Deus não é totalmente transcendente, pois então não o poderiamos conhecer; tampouco é absolutamente immanente, pois não nos seria superior. Deus é, pois, um "immanente integrado" ou um "transcendente relativo". Esta reacção de Varisco se accentua notavelmente de dois annos a esta parte; há um eschema commum a todos os reaccionarios e é o apontado por Varisco: introduzir a transcendencia na immanencia para affirmar a religiosidade do espirito (*Civiltà*). A principio mantêm-se no

idealismo; continuam negando a pés juntos o real, mas pouco a pouco ir-se-ão chegando e vão-se chegando. Há dois annos diziam: "Voltemos francamente á metaphysica; voltemos a propor-nos o problema da existencia sem temor de sermos accusados de reproduzir os velhos themas do espiritualismo." Nesse tempo o P. Giacon S. J. num artigo da *Civiltà* previa que da affirmação da religiosidade do espirito passariam á fé, á revelação e ao christianismo, e se queremos nos capacitar de que esta affirmação não parece ser uma cartada no escuro, oiçamos o prof. Sciacca, talvez o mais resolutivo dos dissidentes, num artigo cujo titulo já é de si bastante significativo: "Necessidade duma consciencia metaphysica" (*Rev. Logos*, 1939 — I — p. 69): "A cultura contemporanea deveria readquirir a convicção de que sem uma base metaphysica não há cultura, como não há cultura sem o senso da caridade; que sem a fé numa Realidade transcendente (e pondo de parte as periphrases, sem a fé em Deus) e a esperanza na nossa immortalidade, ruem todos os principios da moral e da verdade. A solução da crise da consciencia contemporanea é, pois, a *restauração daquella metaphysica tradicional, christã-catholica*, que foi sempre a espinha dorsal de toda verdadeira, authentica civilização, o fundamento inabalavel de toda verdadeira, authentica concepção moral da vida. A ancora da metaphysica do ser é a unica ancora que pode salvar a agitada barquinha da existencia humana." (*Civiltà Cattolica* — 5 agosto 1939).

A este movimento estão ligados nomes como o de Armando Carlini, reitor da Universidade de Pisa e que acaba de ser chamado para fazer parte da Reale Accademia d'Italia.

Carlini partiu do idealismo como posição de combate ao materialismo e ao positivismo.

Seu idealismo não era, porém, o idealismo logico, (o qual sempre combateu), i. é, aquelle que "considera o sujeito autoconsciente, como pensamento logicamente comprehendido: racionalidade ou actividade conceptual". (*La Vita dello Spirito*, p. 115). Na sua doutrina a sensação, que é conteúdo originario do espirito, é innegavel realidade e tem primordial importancia.

O principal motivo de suas pesquisas não era entretanto revalidar a exigencia sensista, embora o affirmasse, senão um motivo existencial: "A individualidade e a personalidade existencialmente determinada do eu" é o centro de suas preocupações.

Desde o principio, o problema para elle era o problema moral. No desenvolver sua philosophia, chega a estabelecer a exigencia da religião fundada na fé, fé contra a qual nada tem que dizer a philosophia.

Sua orientação é cada vez mais espiritualista e apresenta já conclusões que têm muito de christão e de catholico.

Podemos portanto concluir que apesar da aversão antimetaphysica, herança do criticismo e do positivismo, que exerceram por tanto tempo sua ditadura sobre a philosophia, a metaphysica entra a resurgir. Sem falar dos escolasticos modernos e dos que se lhes aproximam: Taylor, Boutroux, Bergson, Blondel, Varisco, Sciacca, Carlini, Husserl, Heidegger, etc. — são nomes que se impõem no pensamento moderno. E' esse o indicio da tendencia incoercivel da razão a buscar uma explicação mais profunda das coisas. Notemos ainda a tendencia para uma affirmação de transcendencia; e não é só na Italia, pois na França Boutroux, Blondel, Bergson não que-

rem que se interprete sua philosophia como pantheismo. Havemos de reconhecer que são vãs algumas destas tentativas para alcançar o transcendente e o real; e é preciso que se libertem de uma vez da critica kantiana que lhes faz construir sobre fundamentos puramente subjectivos. Só a Escolastica soube manter içada a flammula da Metaphysica, da transcendencia, da objectividade do conhecimento. Nem por isso deixa entretanto de ser verdade que se forma uma forte corrente para uma philosophia digna deste nome, para uma philosophia cada vez mais proxima do Thomismo. Gonzague Truc, que é um agnostico, um atheu mesmo, escreveu um trabalho interessante, *Le Retour à la Scolastique*, em que preconiza francamente a volta á disciplina e ao methodo escolastico. Diz: "o ponto de ruptura com a escolastica coincide com o ponto inicial da decadencia humana; a Escolastica tem um valor perpetuo de doutrina e methodo; só ella é capaz de formular, analysar e resolver o problema philosophico. Para restaurar o espirito é necessario voltar á Escolastica, pedir-lhe um fundo e um methodo; o fundo: a exposição completa do problema ultimo e a volta á metaphysica; o methodo: a exploração desinteressada da intelligencia pelo uso da deducção, e a analyse das consequencias logicas e dos aspectos que ellas deixam entrever."

Ora, dizemos, não é exactamente isto o que se processa nas philosophias que temos examinado? Que posição então devemos tomar nós em face destas correntes? Claro está que é lhes dar a mão. John Zybura fez um inquerito (que reuniu depois em livro) entre os philosophos da Europa e America sobre as relações entre os pensadores modernos e o Neo-Escolasticismo. No capitulo dos "conselhos" aos neo-escolasticos eis o que encontrei de interessante para nós:

- 1.º damos a impressão de que nos queremos isolar dos não-escolasticos, parece que a Escolastica é só para nós;
- 2.º usamos uma terminologia inaccessivel, antiquada: devemos modernizá-la;
- 3.º na exposição da doutrina parecemos sujeitos á Theologia;
- 4.º devemos mostrar os pontos de contacto da Escolastica com os modernos;
- 5.º nossa attitude deve ser mais razoavel e sympathica para com os adversarios e para com os progressos da sciencia.

Como vemos, são difficuldades de pouca monta. Muito mais importantes são as difficuldades de doutrina, que vimos começam a ter um terreno commum ou ao menos mais proximo ao nosso. Poderíamos responder ponto por ponto: foram elles que abandonaram a Escolastica, a desprezaram, quizeram mettê-la a ridiculo; quanto á terminologia, quem quer que a examine, aprecia-lhe a precisão que não se encontra nos modernos, e Truc mesmo lhe preconiza o emprego. Mas fiquemos por aqui. O que resalta desse inquerito é o seguinte: sentem elles a necessidade duma aproximação, queixam-se de que não collaborem em suas revistas; já dão valor ao nosso pensamento, embora não todo o valor que tem. Esse trabalho de aproximação já se vae fazendo e seus effeitos se vão sentindo. E' a obra das universidades catholicas de Milão, Lovaina, etc.; das nossas revistas philosophicas. conferencias... A nós só resta concorrer para esse trabalho de aproximação e corresponder á expectativa dos que pensam differentemente de nós.

Nossa posição não pode ser outra senão a que nos traça a sym-pathica figura que é Gabriel Marcel: "Por mim, julgo que nós, pensadores catholicos, devemos ter o espirito continuamente dirigido para o que eu chamaria o principio de universalidade no interior do catholicismo, e que isto nos obriga, com relação aos que não pensam como nós, aquelles que chamamos nossos irmãos separados, e tambem os não-christãos, a nos esforçarmos por comprehender e recolher com lucidez e caridade tudo aquillo que, em seu pensamento, é elemento ou parcella de uma verdade que nós não possuimos, — a expressão não seria verdadeira, — mas da qual temos o sentimento de que a Igreja possui a expressão humanamente tão completa quanto possivel. (*Dominique Auvergne* — "Regards Catholiques sur le monde", p. 60).

Somos chamados a illuminar o mundo com o facho da verdade, que elle abandonou, e que agora busca nas trevas em que está, e só devemos parar quando a luz se fizer por toda a parte, pois só então será possivel a união perfeita e a posse dAquelle que é a "dulcis prima veritas" (S. Catharina).

HENRIQUE FRANK S. J.

ALGUMAS INDICAÇÕES BIBLIOGRAPHICAS

Archives de Philosophie, vols. 8, 9, 10, 11.

Rivista di Filosofia Neo-Scolastica, 1939, Fascicolo III.

Histoire de la Philosophie, Emile Bréhier — Tome II, Sec. partie.

La Philosophie Chrétienne de Descartes à nos jours — II. "Les temps modernes", par Joseph Souilhé SJ.

La Phénoménologie — *Journées d'études de la Société Thomiste* — I — Juvisy, 12 Septembre 1932.

Present day Thinkers and the new Scholasticism — John S. Zybura, Ph. D.

O CONTO BRASILEIRO

A VIAGEM A NAPOLES

Nascido, a 11 de julho de 1902, na capital de São Paulo, SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA ali fez, no Gymnasio de São Bento, o curso primario e o secundario, e começou os estudos de Direito, transferindo-se depois para a Faculdade do Rio, onde se bacharelou em 1925. Não voltou a residir na sua terra. Lá, ainda na phase dos preparatorios, escreveu no Correio Paulistano, Revista do Brasil e A Cigarra. Foi, no Rio de Janeiro, representante da Klaxon, mensario que iniciou, entre nós, o movimento modernista. Com Prudente de Moraes, neto, fundou a Esthetica. Collaborador de varias revistas, e jornaes, principalmente dos Diarios Associados, que representou na Europa, sobretudo na Alemanha, em 1929. De Berlim enviou, então, um dos seus mais famosos artigos, pagina admiravel de ironia, de fina mordacidade — Os instinctos da sabedoria. Inimigo numero 1 da graphomania, escreve muito pouco, mas é segurissimo no que escreve. Sociologo, critico e ensaista, publicou Raizes do Brasil, na Collecção Documentos Brasileiros, em 1936, traduziu do alemão Memorias de um Colono, de Thomas Davatz, recentemente apparecido, e, desde setembro do anno passado, faz a critica literaria do Diario de Noticias, posto em que succedeu a Mario de Andrade. Visitará brevemente os Estados-Unidos, a convite do Departamento do Estado. A Viagem a Napoles é reproduzida, com alterações de estilo feitas pelo autor, da Revista Nova, de ephemera existencia. E' o mais interessante dos seus rarissimos trabalhos de ficção.

I

Agora que lhe furtaram os dois dentes da frente, a vida vae perder seguramente todo o seu sabor. Bellarmino mexeu-se agitado entre lençoes e enxugou uma lagrima. Já era tempo de Marceniria vir arrumar o quarto. — Anda dahi, preguiçoso! Espera um bocadinho que vou dizer a seu pae, já e já! — O peor é que vae chegando a hora de ir á escola e elle não se pode habituar a essa idéa. Que dirão os collegas quando apparecer?

Bellarmino custou a levantar-se porque tinha um lado dormente. A cadeira em que se apoiou deu um escorregão e quebrou uma perna. Não havia mais remedio. E depois Marceniria tinha espiado da janela e vira tudo. Seus olhos pareciam querer saltar do rosto. Sua pelle cõr de avelã foi embranquecendo a ponto de se confundir inteiramente com a parede do fundo. — Como é que você me faz uma coisa dessas, seu peste! Não sabe que foi nessa cadeira que nasceu Nosso Senhor Jesus Christo?

Bellarmino deu um grito tão desesperado que a mãe delle veio correndo cheia de susto. — Não pense mais nisso, meu filho. Eu sei a causa de sua afflicção. Mas não se incommode, que ninguem há de caçar com você. E é mesmo melhor assim, porque elles respeitarão sua cara e aposto como dentro de pouco tempo você irá para a divisão dos maiores. Se quiser um bom conselho de mamãe, que só deseja seu bem, leve para a escola um copo cheio de agua e beba um gole de cinco em cinco minutos. Desse jeito, quando você chegar á Praça da Republica, os dentes estarão certamente crescidos. Mas cuidado para não entornar na roupa, pois não quero ninguem com veneno aqui em casa.

Emquanto sua mãe falava, Bellarmino observou nella qualquer coisa de extraordinario. A principio as palavras saíam naturalmente, mas logo depois os labios foram ficando parados. A ponta do nariz entrou a crescer de modo desmesurado, esforçando-se por chegar até a boca. Os cabellos, de ordinario escuros, se foram alourando, tal e qual os de Dona Catharina Honorio. E até mesmo o vestido preto, com gola e punhos cõr de creme, era igualzinho ao da professora no dia da Festa da Bandeira. Bellarmino teve vontade de rir, ainda que o facto, na verdade, nada tivesse de risivel. — Já são oito horas no relógio da sala, disse ainda sua mãe, como se se tratasse de um acontecimento importante. E abandonou o quarto com um suspiro.

Agora já não era o medo dos professores, a falta de dentes, as calças curtas, que o desmoralizariam perante os collegas; não era nada disso o que affligia Bellarmino. Elle nunca tinha ido ao Jardim da Aclimação, mas as palavras do Moacyr ainda cantavam seductoras em seus ouvidos. Como não admirar a coragem do irmão desse collega, cujas façanhas prodigiosas conquistavam merecidamente o respeito de todo o mundo? "E' bastante que se pague mil e quinhentos á mulher dos botes e pode-se remar á vontade durante uma hora inteira. A principio é um pouco difficil para quem não sabe, mas tudo é questão de pulso. O principal está do outro lado." "Um rhinoceronte igualzinho ao que vem pintado na Historia Natural de F. T. D." "O homem não tinha deixado o moço entrar na jaula dos leões, mas o pae deu cincoenta contos e elle conseguiu tudo quanto queria. Logo ao começo a fera soltou um enorme rugido, mas o Djalma agarrou-lhe as patas e com um peteleco conseguiu deitá-la. Foi coisa de alguns minutos."

Emquanto Bellarmino se deliciava em recordar e imaginar as aventuras dos seus collegas e dos irmãos de seus collegas, uma mosca veio pousar-lhe na testa. Tentou agarrá-la, mas o bichinho impertinente era mais ligeiro" e pôs-se a voar dali para a orelha, para o nariz, para o pescoço, sem fazer menção de retirar-se apesar do esforço desesperado que elle empreendia para agarrá-la. Por fim, certamente fatigada desse exercicio, installou-se na parede, bem deante dos olhos de Bellarmino. Um sentimento de compaixão pelo pobre insecto impediu-o de matá-la como era ao começo seu proposito. Observou attentamente aquellas asas cobertas de nervuras quasi imperceptiveis e a parte que fica entre as asas, que não é preta como elle sempre julgara, mas cheia de risquinhos mais claros. A mosca dava alguns passos, esfregava uma na outra as patas da frente e tornava a andar para repetir mais adeante aquella manobra.

Finalmente voou para os lados da janela e Bellarmino perdeu-a de vista. — Não se esqueça de fazer suas orações da manhã! — disse a mãe, da sala. Sua voz era hoje particularmente doce como succedia todas as vezes em que desejava obter do filho qualquer coisa contra a vontade delle. Bellarmino achava detestavel esse modo de tratá-lo como se fosse criança de cinco annos, mas desta vez sentia-se disposto a obedecer. Era uma especie de compensação previa pelo terrivel peccado que ia commetter. Depois os seus sentimentos sempre tinham sido religiosos ao extremo, principalmente quando estava para realizar uma acção extraordinaria e perigosa. Ajoelhou-se de um salto, persignou-se cheio de fervor e disse contrito o "Padre-Nosso", a "Ave-Maria", o "Pelo-Signal" e uma prece que tinha aprendido em pequeno e recitava todas as noites antes de se deitar:

*Oh Maria, minha Mãe!
Protegei e abençoaie,
De todo o coração,
Vosso filhinho
Que vos ama,
Bellarmino.*

II

Na rua sentiu a impressão de ser um conspirador. Uma coisa desagradável subia-lhe do estomago. O mesmo exquisito mal-estar que experimentara quando fumou escondido o primeiro cigarro, quando roubou a *gillette* do cunhado para raspar os cabellos da perna, ou quando subiu ao sótão da casa da rua Helvetia para ler os cartões postaes que o avô guarda na mala grande. Marceniria diz que é a dor da consciencia.

Todos os transeuntes o encaram com um olhar alarmado. Há tempo elle já observara que as pessoas desconhecidas têm qualquer coisa de commum. Agora ellas apresentavam, além disso, um aspecto extraordinario, quasi assustador. Passam pelo seu caminho homens silenciosos, muitos delles barbados, que pelo modo de olhar fixamente dão a impressão de ter saído dos cartazes. De vez em quando essas visões parece que se dissipam momentaneamente e dão lugar a figuras mais familiares, a aspectos e *physionomias* menos inacessíveis. Atrás dos platanos amarelados da rua Sabará quasi não se viam as casas guarnecidas de jardins. Duas raparigas, uma de branco e outra com um vestido verde de pintinhas amarelas, dão uma gargalhada. Acham graça, provavelmente, no seu ar desajeitado. Logo adiante, bem em frente, uma senhora jovem e elegante encontra-se com um rapaz de chapéo verde. Como se sentem felizes por esse encontro !

Elle tinha pensado nella precisamente agora. O que está fazendo por aquellas horas ? O rapaz accende displicentemente um cigarro, deixa sair uma longa baforada e enquanto ella explica qualquer coisa excessivamente interessante, atira o phosphoro no meio da rua. O pequeno collegial deve ter produzido alguma curiosidade, porque a moça parou de repente sua explicação e o rapaz de chapéo verde pôs-se a falar tão baixinho que não se lhe podiam distinguir as palavras.

Por que motivo ninguem olha naturalmente para elle, se é um transeunte igual aos outros ? Bellarmino sente em si qualquer coisa que o differencia, que o desmerece perante os outros, que faz delle um personagem particular e quasi extravagante. Sabe as exquisitices que pratica, muitas vezes sem mesmo reparar, e que elle proprio considera como um estigma humilhante. A mania que lhe vem certas vezes de contar os passos que dá desde casa até o bonde. Ou o habito de cobrir as orelhas quando se deita, de medo que alguem as venha puxar durante o somno. Agora mesmo dava-se, sem pensar, ao seu antigo costume de pisar só no meio de cada um dos quadrados de cimento marcados na calçada, sem tocar com os pés nos riscos. Isso torna-lhe o jeito de andar francamente extravagante, porque em vez de caminhar como os outros, como todo o mundo, dá ora passinhos minusculos, ora verdadeiros saltos de extensão. Essa mania detestavel accentua-se ainda mais durante a noite, quando vem sozinho para casa e acha que está sendo perseguido pelo demonio. Não é pois de admirar que chame a attenção dos passantes.

O mais grave é que essas exquisitices, além do seu jeito desengonçado de fazer tudo, da dificuldade de ouvir, de entender e de se fazer entender com clareza, produziam, não raro, episodios grotescos e por vezes lamentaveis. Justamente agora toda essa grande inquietação que possuia Bellarmino resultava principalmente de um desses episodios, occorrido na vespera. Ao ser chamado pelo professor Dr. Zenon Cleantes de Oliveira para definir uma planta da familia das leguminosas, conseguiu dizer, depois de muito gaguejar:

— Como feijão.

A resposta do professor foi apenas um signal para a mixordia geral:

— Sei muito bem que o senhor come feijão, mas explique-se com maior clareza.

Seu companheiro Neiva aproveitou o momento para puxar a aba do paletó de Bellarmino e fê-lo com tamanha violencia que o pobre caiu sentado no banco. As gargalhadas, os guinchos, os assobios e os gritos só tiveram um fim quando, entre risonho e severo, o professor Zenon exclamou, batendo com a regua na mesa:

— Sr. Neiva para o canto!

III

Elle tinha bem na memoria a sala onde depois dessa scena, e sem saber por que, foi trancado de castigo. Não havia ali nenhuma cadeira, de modo que seria forçado a ficar encostado em um canto durante todo o tempo. Além da porta e das duas janelas, que ficavam do lado opposto, nada se destacava sobre as paredes brancas, a não ser, em uma dellas, o retrato de Tiradentes cercado de uma moldura de ouro. Por baixo do retrato cruzavam-se um ramo de cafeiro e outro de tabaco, as duas principaes producções agricolas do Brasil. No assoalho, ao centro, via-se um grande espaço mais claro que o resto. Certamente haviam tirado dali um tapete.

De repente, veio-lhe a idéa de que atrás do retrato de Tiradentes devia haver qualquer coisa. Toda a questão era retirá-lo dali. Como estivesse em lugar muito alto, Bellarmino tomou algumas folhas de papel do bolso para lançar atrás do precioso retrato. Mas depois de umas duas tentativas sem resultado, a bola prendeu-se no cordão que o pendurava á parede. Era de todo impossivel retirá-la daquelle lugar. E, além disso, o quadro ficara entortado e todo o mundo acabaria descobrindo o autor dessa miseria. O facto era tanto mais grave quanto o patriotismo dos professores não podia admittir qualquer irreverencia, ainda que involuntaria, á figura do Martyr da Inconfidencia. Seria possivel remediar, talvez, esse mal, caso Bellarmino tivesse no bolso outros papeis com que fazer mais uma bola. E ainda nesse caso, quem sabe se a outra bola não ficaria junto com a primeira, augmentando a desgraça. Emquanto se entretinha nesses cogitações, elle se lembrou subitamente de um facto, que acabou por lançá-lo no maior desespero. Justamente naquelle dia um dos seus collegas, o Pessoa, que era um rapaz alto e silencioso, com o rosto coberto de espinhas, passara-lhe por debaixo do banco, na sala de aula, um papel com desenhos representando um homem e uma mulher inteiramente nus, além de muitas indecencias. Se esse papel estivesse entre os que Bellarmino jogara atrás do quadro? Na verdade não podia estar em outra parte. Bellarmino teve então um grande medo e começou a chorar. Mas não havia tempo a perder e procurou em torno algum objecto que pudesse lançar atrás do quadro para deslocar a bola de papel. Desde o principio pôs-se a pensar no relógio. Seria uma pena estragar á toa um objecto de estimação que, além do mais, elle recebera em dia de anniversario. Mas raciocinou bem e viu que não se salvaria por outro jeito. Em casa era só dizer que o relógio tinha caído durante o recreio; todo o mundo acabaria acreditando e mandariam consertá-lo. Assim mesmo, para que a queda não fosse muito violenta, Bellarmino teve o cuidado de estender o paletó sobre o assoalho, por baixo do quadro.

Mas, seja pelo receio de estragar demasiadô o relógio, seja por qualquer outro motivo, não o jogou com muita energia e o resultado foi o mais desastroso que se possa imaginar. Em vez de ir para as costas do quadro o relógio bateu no vidro, que — Santo Deus! — se quebrou em uma porção de pedaços. Bellarmino, pallido de susto, mal pôde conter um grito. Viu que só lhe restava apauhar os cacos de vidro espalhados pelo chão. Mas justamente quando se preparava para agir, sentiu um ruído para os lados da porta e apenas teve tempo de vestir o paletó, collocar o relógio na algibeira e tentar compor a physionomia, para não lhe notarem a emoção e o desastre que a produzira.

Foi então que entrou solenemente na sala trazendo uma laranja em cada mão o professor Sr. Carvalho. Depois de dar alguns passos aparentemente sem perceber o resultado da imprudencia de Bellarmino, fez a este um signal para que se retirasse e ficou sozinho na sala.

Eis ahí o que se passara naquella maldita tarde da vespera e continuava perseguindo o pobre collegial com tanta insistencia.

IV

Bellarmino já respirava difficilmente quando deparou os portões do Jardim da Aclimação. Ainda tinha uns poucos niqueis no bolso, pois sua mãe o avisara de que os bondes estavam dando muita escarlatina e que, por isso, seria conveniente andar a pé. Agora só lhe restava sentar-se numa pedra e esperar pacientemente que as coisas tomassem seu verdadeiro rumo. Mas não havia nenhuma pedra e Bellarmino estava tão cansado de andar, que chegou a cair, como um morto.

Então surgiu um transeunte desconhecido, que exclamou: — Levem-lo sem demora, pois muito se parece com o nosso Bellarmino. (Ora tratava-se justamente de Bellarmino, mas o transeunte ainda não sabia.) Depois deu ao collegial um copo cheio d'agua e disse que se chamava Dicotyledoneo. O transeunte possuía bigodes espessos e opulentos, terminados em ponta, e que lhe davam, na verdade, um aspecto admiravel. Os enfeites e dourados do seu uniforme realçavam-lhe ainda mais o busto bem formado e os largos ombros. Os olhos desprendiam uma doçura singular, que offerecia accentuado contraste com o seu porte marcial. Comquanto jamais tivesse ouvido falar no nome pelo qual se annunciava o desconhecido, Bellarmino viu logo que aquelle bonito uniforme só podia pertencer a um personagem da mais alta importancia e merecedor de toda a boa-fé. Deante dessa reflexão entrou a narrar-lhe toda a sua historia, desde o principio. Explicou detalhadamente o motivo pelo qual tivera receio de comparecer á Escola Modelo Caetano de Campos e de que jeito, atrahido pela nomeada do Jardim da Aclimação, chegara áquellas paragens.

Depois de ouvir atentamente as palavras de Bellarmino, Dicotyledoneo exclamou subitamente:

— Agora vamos ter a nossa casa. Nossa filha está á espera de que cheguemos para um grande almoço. Ella é aquella mesma Dona Leonor que vós já conheceis do collegio.

Bellarmino accitou sem resistencia essa proposta e os dois seguiram por uma rua estreita, que a julgar por todas as apparencias, deveria conduzi-los á residencia de Dicotyledoneo. Mas qual não foi o arrepio de Bellarmino ao descobrir-se de repente na Praça da Republica, bem defronte ao portão do collegio! Passado o susto, procurou desvencilhar-se de Dicotyledoneo, que sorria bondosamente. Mas essa resolução foi obstada pelo apparecimento de Dona Leonor. Depois de abraçar Bellarmino uma porção de vezes, ella foi postar-se ao lado de Dicotyledoneo, seu pae. Este adquirira subitamente uma physionomia tão severa e respeitavel, que já não era possivel fazer-lhe qualquer indagação. E assim dirigiram-se os três para os lados do Jardim da Infancia, dando a volta pela ala direita do edificio grande. Um protesto de Bellarmino seria não só inconveniente, como tambem inutil. O braço de Dicotyledoneo, collocado como por um gesto displicente sobre os ombros, na verdade empurrava-o na direcção visada, tornando infrutifero qualquer movimento de rebeldia.

Quando chegaram ao pateo, como fosse hora do recreio, Bellarmino encontrou logo á primeira vista uma scena que já lhe era familiar: o professor Carvalho divertindo-se em jogar peteca com os alumnos do quarto anno.

Ao perceber o trio que se aproximava, o sr. Carvalho pôs-se a olhar furioso para Bellarmino:



— Jovem! (foram suas palavras) você commetteu um grave e hediondo crime, que depõe contra o bom nome desta casa de educação, e, por isso mesmo, vou conduzi-lo, sem perda de tempo, ao Alto Tribunal da Escola. Fique desde já sabendo que ali não há meias medidas nem condescendencias. Timbrei sempre em ser correcto e, até certo ponto, complacente para com os meus alumnos. Mas seu acto encheu as medidas de minha longa paciencia. Não há como perdoá-lo. Devo responder perante mim proprio e perante a boa-fé dos paes que confiam os seus filhos á sabedoria e á experiencia proverbias deste seu criado. Orgulho-me de ter tido como discipulo um Tiradentes, um Benjamin Constant e sobretudo um Floriano Peixoto, estrellas de primeira grandeza no céu da historia patria. E é por isso mesmo, por isso que quero formar cada um de vós á imagem dessas figuras insignes, que sou levado, muitas vezes, ás ultimas extremidades.

Os alumnos ouviram esse discurso num silencio religioso. O olhar de Dicotyledoneo perdera muito da doçura de pouco antes, mas via-se que esse homem tudo faria para ser agradavel a Bellarmino. Dona Leonor tinha começado a chorar.

A scena modificou-se com o apparecimento de Dona Catharina Honorio. Aproximou-se do grupo e, reconhecendo Bellarmino, a professora manifestou-se excessivamente irritada. E no instante em que todos olhavam para o alto por causa do aeroplano de Edu Chaves, chegou a puxar com tamanha violencia os cabellos de seu alumno, que elle sentiu vontade de gritar por soccorro.

— Vem ou não vem? — exclamava.

E suppondo que ninguem reparava seus manejos, pôs-se a dar terriveis socos no pescoço, nas faces e sobretudo no ventre de Bellarmino.

Mas Dona Leonor, que assistia a esse spectaculo, não pôde conter sua voz chorosa, mas energica.

— Os estatutos do collegio prohibem isso — falou.

— Mas não prohibem menos que se atirem papeis obscenos atrás do retrato do Martyr da Inconfidencia.

Dicotyledoneo pareceu aprovar com um gesto de cabeça a intervençao de sua filha. As demais pessoas mantinham-se silenciosas.

— Vem ou não vem? — falou de novo Dona Catharina Honorio, a voz agora menos rispida. — Anda — continuou — você vae ter uma conversa com os encarregados do Tribunal da Escola.

— Não vou — exclamou desta vez Bellarmino criando coragem.

Mas sua coragem não tardou a ser dissipada pelo olhar aterrorizado que lhe lançou Dona Leonor.

— Você verá se alguem pode resistir ás minhas ordens — gritou Dona Catharina.

(E ella tinha razão.)

Dito isso, agarrou a gola do paletó de Bellarmino, conduziu-o em direcção ao edificio, acompanhada do sr. Carvalho, Dicotyledoneo, Dona Leonor e alguns alumnos. Antes de entrarem no Tribunal, o sr. Carvalho e Dicotyledoneo abotoaram os casacos e pentearam-se defronte do espelho do corredor.

A sala era a mesma em que Bellarmino ficara de castigo no dia anterior. Mas desta vez um exquisiteso mobiliario, innumeradas bandeirolas verde-e-amarelas e serpentinas com as mesmas côres, distribuidas por todos os lados, davam-lhe um aspecto particularmente festivo. Além disso, justamente no lugar onde Bellarmino percebera na vespera um espaço mais claro, achava-se uma cama, onde repousava o sr. Zenon.

Quando todos se achavam dentro da sala, o professor Zenon sentou-se no meio da cama, ao mesmo tempo em que afastava o cortinado transparente e exclamava:

— A sessão está aberta!

Então os professores puseram-se a falar ao mesmo tempo, de modo que ninguém podia perceber com nitidez o sentido de suas palavras. Dona Catharina Honorio parecia exigir expressamente que Bellarmino fosse condemnado a um supplicio identico áquelle que D. Maria I impusera ao Martyr da Inconfidencia, cujo retrato dominava o recinto. O proprio sr. Zenon interveio no debate para suggerir que antes de qualquer deliberação definitiva a mão de Bellarmino fosse espalmada sobre a chapa ardente de um fogão, permanecendo ali durante cinco minutos. E tirou de sob o travesseiro uma folha de papel, coberta de desenhos obscenos, feitos a lapis de côr e subordinados a este titulo: "Diccionario de gravuras". Era o corpo de delicto. Bellarmino reconheceu promptamente a mesma folha que, num gesto imprudente, lançara, entre outras, atrás do quadro veneravel de Tiradentes. O papel passou de mão em mão, foi attentamente considerado por todos os professores, que proferiram exclamações indignadas, por Dicotyledoneo, e finalmente por Dona Leonor, que o collocou dentro da bolsa.

— Não! Já não posso mais! — falou bruscamente o sr. Zenon. — Vou retirar-me deste ambiente empestado. Vou lavar as mãos... como Pilatos...

Seus cabellos fortemente anelados pareciam querer desmanchar-se sobre os olhos, sobre o rosto acobreado e mesmo sobre o queixo, aquelle seu queixo dividido em duas partes e que lhe dava um ar tão expressivo.

— Como? — exclamaram os professores esboçando um gesto inutil, pois o sr. Zenon já se sentara outra vez na cama.

E depois de uma pausa, voltando-se para Bellarmino dirigiu-lhe este discurso:

— O seu acto é de qualquer maneira imperdoavel. Um jovem de sua idade, que leva os maus instinctos ao ponto de desenhar semelhantes immundicies, deveria ser escarnecido pelos seus collegas, pisado pelos professores, cuspidos, enxovalhado, jogado fora, como se faz com qualquer coisa que não presta. Os burros têm mais compostura, os animaes do campo são menos ousados!

O curto silencio que succedeu a essas palavras foi interrompido por Dicotyledoneo, que, certamente para distrahir a attenção dos presentes, propôs que Bellarmino recitasse uma poesia. Todo o mundo pareceu aceitar com agrado a proposição de Dicotyledoneo. Foi então que Bellarmino se pôs a dizer uns versos que começam assim: *São Paulo, terra de heróes e berço de guerreiros, tu és a estrella mais brilhante e pura, o mais bello florão dos brasileiros!*

Mas aqui Dona Catharina, que detestava a probabilidade de Bellarmino sair-se bem no recitativo, interrompeu-o dizendo:

— Vejam só que falta de entonação; que miseria de dicção. Dir-se-ia que elle esqueceu tudo quanto me canso de ensinar todos os dias. E querem ouvir mais? Até hoje elle não conseguiu aprender uma unica lição de Historia Natural. Quanto á Arithmetica, não passou dos numeros primos. Ignora a existencia da prova dos nove. Jamais aprenderá a dividir numeros compostos de mais de dois algarismos.

— Mas talvez seja um alumno distincto em portuguez... — exclamou Dicotyledoneo.

— Distincto? E' boa! Escreve nomes proprios com letra minuscula; não data nem assigna suas provas... Querem uma amostra?

E voltando-se para Bellarmino:

— O que quer dizer anastrophe?

— E' a figura de syntaxe que consiste na...

— Bobo alegre! Ignorante! Que consiste propriamente...

— Que consiste propriamente na inversão dos termos, isto é, na deslocação pela anteposição ou posposição dos termos.



— Um exemplo! Anda! Não quero que meus alumnos decorem que nem papagaios! — gritou Dona Catharina.

Toda a sua physionomia demonstrava uma grande impaciencia.

Mas Bellarmino calava-se. Então Dona Catharina Honorio, vermelha de indignação, exclamou:

— Agora não é ignorancia somente. E' tambem teima e capricho. O exemplo que sempre tenho ensinado é este: "Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Meneses." Todos os seus collegas já conhecem essa phrase, que é um exemplo admiravel.

— Pode ser que sim, pode ser que não! — exclamou o sr. Carvalho. — Quanto a mim, achô preferivel a esse exemplo portuguez, este outro do nosso genial Gonçalves de Magalhães: "E *em montes* alquebrado o *dorso* enrugá."

— De qualquer maneira — continuou Dona Catharina Honorio — creio que a familia desse moço pensa que isto aqui é hospital de doentes mentaes. Mas saiba elle que eu não nasci para enfermeira. Tenho mais que fazer.

— Realmente — disse então o sr. Zenon.

E depois de uma pausa, voltando-se para Bellarmino:

— Veja que ninguem mais o defende, nem mesmo Dicotyledoneo. A propria Dona Leonor está calada!

(Mas ella não estava calada, ella chorava.)

— A julgar pelo desprezo com que trata os heróes da historia patria, imagino bem que não há de ser muito profundo em Geographia do Brasil — disse o sr. Carvalho.

— Profundo? — E Dona Catharina Honorio deu uma gargalhada. — Imagine que nem ao menos sabe quaes são os portos do Estado de São Paulo.

— Menino! — exclamou o sr. Zenon — quaes são os portos de mar do Estado de São Paulo?

— Ubatuba, São Sebastião, Santos, Iguape, Cananéa — respondeu Bellarmino de um só folego.

— Isso elle aprendeu agora — disse Dona Catharina. — E aprendeu mal, pois faltam alguns portos e sobretudo falta a população de cada municipio. Além disso é um dos menos assiduos ás aulas. Ainda neste mês falhou quatro dias seguidos sem trazer justificção de ausencia.

E voltando-se para Bellarmino, gritou enfurecida:

— Vamos ver essa justificção que você prometeu para hoje?

Bellarmino estava pallido como cera. Sentia uma dor nos pulsos e no peito. Tinha a impressão de que o suffocavam. "Onde está a justificção?" Essa pergunta lembrou-lhe a carta que ainda tinha guardada no bolso, a carta de justificção escripta há uma semana e que elle não tivera a coragem de entregar por causa de um grave erro de grammatica. O que pensariam Dona Catharina e todos os professores e sobretudo os alumnos quando soubessem que a mãe de Bellarmino escrevia a palavra "esperança" com dois *ss* em lugar de um *c* cedilhado? E que o proprio nome da professora estava escripto no envelope sem *h*? Então veio-lhe uma nuvem aos olhos e o labio inferior começou a tremer.

O proprio sr. Zenon pareceu commover-se um pouco com a confusão do pobre rapaz. Seus olhos fizeram-se pensativos e deixou cair sobre uma das mãos o queixo, aquelle queixo dividido em duas partes. Mas de repente ergueu-se ligeiramente e disse estas palavras terriveis:

— Sou certamente pela condemnação.

Depois disso, parece que desejava falar alguma coisa, mas não chegou a dizer nenhuma palavra. Ouvindo de novo o ruido do aeroplano, todos tinham corrido para as janelas. Então Bellarmino pôde escutar uma voz muito doce que lhe cantava ao ouvido. Essa voz, que era a de Dona Leonor, dizia:



— Você naturalmente está condemnado á morte. Mas não chore, que há um remedio. Fugamos.

— Fugir para onde? — sussurrou Bellarmino.

— Para Napoles.

E' os dois sumiram. Antes disso, porém, Dona Catharina, tendo virado para trás e percebendo a manobra, pôs-se a gritar desesperadamente, ao mesmo tempo em que lançava pedaços de giz na direcção da porta.

V

Logo que se viram em lugar mais seguro, a distancia regular da Praça da Republica, os dois fugitivos começaram a sentir grande appetite. Já era tempo de repararem as forças. Bellarmino, lembrando-se de que lhe restavam alguns niqueis, fez signal a D. Leonor para que o esperasse e entrou em uma casa de frutas afim de comprar de qué se nutrirem. Infelizmente essa casa era muito mal sortida, pois só vendia mangas e nozes. E D. Leonor não comia nenhuma dessas frutas. As mangas por causa do excesso de fibras e porque ella tem as gengivas delicadas; as nozes porque fazem espinhas. Não havia outro remedio senão adiarem a realização de seu projecto.

Bruscamente veio aos dois a lembrança de que deveriam partir para Napoles e o mais depressa possível. Então Bellarmino suggeriu que fossem á Repartição dos Correios, onde melhor poderiam indagar do itinerario a seguir. Mas justamente quando se dispunham a procurar o dono da Repartição, Dona Leonor puxou-o pela manga do paletó:

— Não faça perguntas inuteis e arriscadas — disse. — Isso poderia ter más consequencias. O que cumpre fazer é seguir o corredor até onde está aquella mão indicadora. Depois é virar á direita. Mas antes disso passe um lenço em seu chapéo, que está coberto de poeira.

Quando chegaram ao fim do corredor onde se via a mão indicadora, tiveram que atravessar ainda uma galeria e, finalmente, viram-se ante um soberbo jardim. No meio passava um grande rio. Metteram-se em um bote, que parecia estar collocado ali propositalmente para a travessia e em dois tempos desembarcaram do outro lado.

— Agora estamos fora de perigo — disse Dona Leonor.

Bellarmino tinha sua atenção distrahida por uma casa enigmatica, com as venezianas pintadas de preto. Mas Dona Leonor disse-lhe que aquella casa era Napoles.

Uma grade de ferro com proporções gigantescas fechava a entrada dessa mansão estranha. Ao lado da grade encontravam-se diversas pessoas esperando certamente que a cidade se abrisse. Um senhor tirou o relógio e declarou:

— Só nos resta esperar que chegue o rebanho. Então poderemos penetrar, juntamente com os pastores.

Preocupado com as conversas que ouvia, Bellarmino não deu pelo desapparecimento de Dona Leonor. Também ella voltou poucos minutos mais tarde e fez-lhe signal para que a acompanhasse. Assim puseram-se os dois novamente em caminho, dessa vez como se fossem contornar a mysteriosa mansão. Mas chegando aos fundos surgiu-lhes á vista uma especie de caramanchão coberto de trepadeiras, que mal disfarçavam uma segunda porta de ferro. Entraram. Essa porta dava accesso a uma velha escada, cujos degraus rangiam aos seus passos. Era a velhice e a umidade, aliás claramente denunciadas pelo insupportavel cheiro de mofo desprendido de todos os cantos. Ninguém procuraria esse ambiente de boa vontade e o medo que se apoderara de Bellarmino era apenas vencido por sua irresistivel curiosidade. A propria Dona Leonor, sempre decidida e corajosa, não parcia menos inquieta.

Finalmente chegaram a um corredor. A' direita e á esquerda, grandes portas, solidamente aferrolhadas, pareciam destinadas a occultar mysterios. Uma dellas, entretanto, offereceu menos resistencia aos empurrões de Bellarmino e deixou ver uma fresta, através da qual era possivel distinguir-se sufficientemente o interior. Mas o que o deixou francamente estupefacto foi perceber, sentado á grande mesa do centro, com as costas voltadas para a porta, um vulto de mulher, que um exame prolongado revelou ser sua propria mãe. Já se dispunha mesmo a ir beijá-la quando um gesto providencial de Dona Leonor deteve-o ainda a tempo. Mas seu espanto chegou ao cumulo quando a companheira lhe declarou com ar de mysterio:

— E' o Imperador de Napoles.

Bellarmino encarou-a alarmado, procurando descobrir se ella falava com seriedade, mas encontrou uma physionomia preocupada e até receosa. Quis protestar, teimou, oppôs argumentos, mas acabou cedendo, sem palavra, vencido, contra todas as evidencias.

Apesar do barulho que os efeitos desse equivoco poderiam ter produzido, o Imperador não pareceu dar pela presença de pessoas estranhas ali perto. Continuou sentado áquella mesa do centro, de costas para a porta, em attitude de meditação. Os dois continuaram sua caminhada sem encontrar, assim, o menor obstaculo.

Não tardaram em chegar a um salão bem menor que o do Imperador, mas, assim mesmo, bastante espaçoso. Um dos cantos era occupado por um enorme piano de cauda. Um biombo japonês dissimulava, em outro canto, um canapé estragado, de onde partia um cheiro acre de suor e de percevejos. Um espelho partido reproduzia toscamente o semblante livido de Bellarmino e o de sua companheira.

Lá fora, a noite já começava a apagar todas as coisas. Nem ao menos a luz de um lampião manifestava qualquer tentativa de resistencia ás trevas invasoras.

Dona Leonor lembrou-se de que era necessario accender o gás.

— Espere um momento — disse — vou pedir alguns palitos de phosphoros ao Imperador. Será um pretexto para apresentar-lhe nossas homenagens.

E como Bellarmino fizesse um gesto para acompanhá-la, disse com voz autoritaria:

— Não! Fique aqui. Ninguem lhe fará mal. E depois é muito feio um menino de doze annos com medo de ficar sozinho. Sente-se nesta cadeira de couro, que ainda pertenceu a Libero Badaró. Se estiver fatigado, deite-se no canapé e cubra-se com aquelle sobretudo que está pendurado á parede. Ouviu?

E foi-se embora.

Mas Bellarmino sentia, cada vez mais, o terror apoderando-se de seu espirito, e correu ao canapé afim de esconder as orelhas com o sobretudo para que ninguem as viesse puxar. No meio daquelles moveis antigos, daquelle cheiro de mofo e de podridão, da escuridão, que era cada vez mais intensa, os meiores incidentes, uma cortina que o vento sacudia, o ranger do canapé, o reflexo da lua sobre o assoalho, produziam nelle movimentos convulsivos de pavor. Esteve a ponto de gritar por soccorro. Mas foi detido por uma idéa absurda: a idéa de que o metteriam vivo dentro de um buraco de ratos no rodapé, á cabeceira do sofá. A inverosimilhança de tal possibilidade tornou-se afinal bem patente, mas como esperasse a todo instante pelo regresso de Dona Leonor, dispôs-se a contar até cem, depois do que gritaria com todas as forças que lhe restassem. Mas apenas tinha começado a contar, quando foi interrompido por um reflexo de luz e um rumor dos lados da porta e, logo depois, pelo apparecimento de Dona Leonor, que trazia consigo uma lamparina.

Isso restituiu-lhe a calma, embora não se mexesse do canapé. Dona Leonor, depois de accender o gás, foi desmanchar os cabellos deante do espelho. Finalmente aproximou-se sorridente de Bellarmino e disse-lhe:

— Sabe de uma boa noticia? O Imperador manda dizer que podemos ficar á vontade durante toda a noite.

E sentou-se a seu lado.

Os dois calaram-se. Naquella penumbra, que a meia-luz do gás não dissipava inteiramente, a figura de sua amiga, com os cabellos negros desmanchados sobre o vestido azul, pareceu-lhe ainda mais bonita. Então Bellarmino arriscou timidamente a questão que o atormentava desde algum tempo:

— Ficaremos os dois aqui... toda a noite?

— E por que não?

Ella sorria, mas de um sorriso visivelmente forçado, como se simulasse uma grande surpresa. Houve novo silencio.

— Ainda está cansado?

— Alguma coisa. Posso dizer que já me sinto bem.

Dona Leonor deixou-se escorregar ao lado d'elle. Agora sorria novamente. O mesmo sorriso um pouco embaraçado de há pouco. Bellarmino sentia uma agitação estranha. Sua respiração era irregular. Ao mesmo tempo, a presença da companheira enchia-o de sentimentos agradaveis, de um torpor magico que invadia o corpo todo. E estava tão satisfeito que a beijou entre os dois olhos, pois gostava muito d'ella.

E então, como fosse tempo de dormirem, Dona Leonor começou a despir-se rapidamente. Bellarmino não ousava fazer o mesmo e considerava com curiosidade os gestos de sua companheira. Mas quando os olhos d'ella o procuravam, elle fingia olhar para o tecto.

— O que é isso? Está com vergonha? — exclamou ella sorrindo. — Faça o mesmo que eu. A porta está fechada e ninguem nos vê.

Emquanto dizia isso, acabou de se despir. Bellarmino não pôde esconder o espanto que lhe produzia o corpo de Dona Leonor. Seus olhos diziam muito bem o que a confusão dos sentimentos o impedia de exprimir com a voz.

Não era certamente imaginação. Elle via com nitidez o perfil de Dona Leonor com o seu vestido azul, que ella vestira, em um dos momentos de descanso, com os seus grandes olhos risonhos, com suas ligas, suas coxas. E era ella, ella mesma quem o impellia com tamanha insistencia para dentro do buraco de rato. E se tudo aquillo fosse jogo de imaginação, bastaria a angustia em que se achava para ser chamado á realidade. O salão era o mesmo, com os seus moveis antigos, com o espelho quebrado, a cadeira que pertencera a Libero Badaró. As janelas olhavam o mau tempo lá fora. Ouvia-se mesmo o barulho das gotas de chuva, que tinham começado a cair. Entretanto elle supportaria melhor a idéa de passar ali a noite toda a sua vida, do que a de ser obrigado dahi por deante a viver naquelle buraco horroroso. Lá dentro haveria com certeza um outro mundo, calculado de proposito para os ratos e para os individuos da especie d'elle, Bellarmino. Um mundo monotono e tenebroso que se pode imaginar cheio de tudo quanto é desagradavel, de bancos, de carteiras, de professores e de collegiaes. Novo impulso de Dona Leonor distrahiu-o dessas imaginações.

— Não! Não! Não quero!

Elle ainda teve tempo de ver o vestido azul, desaparecendo na claridade, lá fora.

Depois percebeu, enfim, que lhe seria inutil gritar, estendeu ainda os braços para habituar-se ao terreno, para reconhecer esse mundo lamentavel onde, quisesse ou não, seria forçado a viver, dahi por deante. Bem ao lado d'elle, uma coisa molle, repugnante, umida, cedia e retrahia-se aos seus menores movimen-

tos. Imaginou-se invadido pelos vermes, pelos ratos, por toda sorte de imundícies. O seu lado direito, que se apoiava contra o solo, parecia cheio de formigas, que passeavam por elle de modo intoleravel. Lá de fora, a voz de Dona Leonor parecia dizer que tudo aquillo era residuo de café.

Um estremecimento passou-lhe pelo corpo. Procurou escutar.

— Café — exclamava de novo a voz lá fora.

Mais um absurdo! Seus pensamentos pareciam-lhe, aliás, bastante confusos. A figura de Dona Leonor já surgia em sua imaginação estranhamente associada á da copeira Marceniria carregando uma bandeja.

Bellarmino fechou os olhos um momento, num esforço decidido para não pensar, para esquecer todas as impressões boas ou más daquelle dia. Depois tomaria animo para enfrentar o novo modo de existencia. Foi então que um novo empurrão, não se sabe de onde, veio sacudi-lo desse entorpecimento.

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

Berlim, 1930.

Rio de Janeiro, 1931



LIVROS

ARNON DE MELLO —
**AFRICA (Viagem ao Imperio
Português e á União Sul-Afri-
cana)**. — Livraria José Olym-
pio. — Rio, 1941.

O que de inicio importa observar, ao concluir a leitura dessa longa reportagem de viagem, é a distancia percorrida pelo sr. Arnon de Mello em prazo relativamente curto. Não me refiro á distancia physica, entre o Brasil e Portugal, suas colonias e a União Sul-Africana. Alludo, e com particular satisfação, á distancia intellectual existente entre **Os sem-trabalho da politica e São Paulo venceu!** e esse livro delicioso em que o jovem jornalista reuniu as suas impressões do mundo africano. Foi uma longa distancia a que elle percorreu, dando agora prova de uma apreciavel resistencia e de excellente disposição. E' bem verdade que aquelles dois pontos de referencia da carreira literaria do sr. Arnon de Mello representam as primeiras expansões de uma juventude assanhada pela literatura: foram como que os testes iniciais de um provinciano inquieto e com appetite para ver, andar e sentir os homens e as coisas. Foram dos vinte annos aquellas paginas de jornal reunidas apressadamente em volume, no intuito de fixar depoimentos e factos de dois instantes significativos de nossa historia politica. Nesses trabalhos de iniciação talvez não se pudessem adivinhar qualidades de escriptor nem consistencia de cultura nem intimidade com umas tantas subtilezas do methodo jornalístico. Mas ninguem poderá negar a impertinente curiosidade que se revelava no reporter incipiente — curiosidade que ainda é, afinal de

contas, a qualidade primeira de todo reporter — nem o senso da novidade nem o gosto pela informação opportuna. O menino de Alagoas não tinha o necessario lastro de conhecimentos nem aquella experiencia da vida que é, na imprensa, quasi tão necessaria quanto a experiencia technica. Tinha, porém, a capacidade de iniciativa, o faro das pistas de interesse immediato e objectividade de propositos. A sua personalidade se exprimia imprecisa, no cinzento de uma linguagem precaria, e indecisa deante de determinados assumptos ou pessoas, na timidez das estréas; mas já se fazia adivinhar, debaixo da crosta literaria, em perfeita formação. O Arnon de Mello que agora nos apparece, jornalista feito, confirma o Arnon de Mello de há dez annos, apenas em edição revista e augmentada — queira Deus que não definitiva.

A convite do governo português e por delegação especial da Associação Brasileira de Imprensa, o autor visitou Portugal e acompanhou o presidente Carmona, em 1939, numa visita ás colonias lusitanas e á União Sul-Africana. A um jornalista dotado de simples curiosidade profissional occorria decerto a idéa de fixar, num caderno de notas, as imagens do mundo africano, indicando chronologicamente todas as referencias acerca desse contacto com estilos de vida e traços exóticos de cultura. Não foi só isso o que o sr. Arnon de Mello pretendeu fazer: para ver melhor aquelle mundo, elle o procurou sentir, antes, em tomadas-de-corrente literarias. A Africa que elle viu não há de ter sido uma surpresa para os seus olhos nem para a sua sensibilidade, porque os

bons livros já o haviam preparado convenientemente para essa aproximação com aquellas areas coloniaes. De forma que a materia exhaustiva que noutras mãos menos habéis se poderia comprimir humildemente numa reportagem de curiosidades, transbordou numa reportagem de interesse sociologico e anthropologico. De interesse politico, tambem, talvez seja conveniente resalvar, embora seja este um aspecto secundario ou complementar da obra do sr. Arnon de Mello.

Ao registrar as suas observações em torno da terra e da gente africanas e ao conferi-las com as suas reminiscencias de leituras, o jovem jornalista nos dá conta de uma rara vivacidade e penetração, dando-nos idéa tambem do conjunto de conhecimentos de que se achava aparelhado para bem ver a Africa. Será de notar, comtudo, que esses residuos de cultura não lhe perturbam a visão das cousas nem lhe deformam a maneira pessoal de sentir o singular do quotidiano africano. Os rapidos contactos que elle de passagem aqui e ali nos offerece com um Frobenius, um Gide, um Keyserling, tornam evidentemente a viagem mais agradável ainda, em companhia de tão amáveis espiritos.

A's primeiras linhas desse relato, confesso que por um triz não desaniméi. E' que o sr. Arnon de Mello deu início ao seu livro com um quasi exercicio de descripção escolar ou um esforço heroico de redactor do **Jornal das Moças**, a bordo de um Ita qualquer, no sentido da literatura. O autor escreve, exactamente ás nove horas da manhã: "O calor é esaldante e o Rio esplende de luz, desaparecendo pouco a pouco aos meus olhos attrahidos para outras paisagens. Depois de deixarmos a Guanabara, que até certa época fazia o monopolio da cidade, Copacabana ainda nos dá as ultimas despedidas." A impressão que me deixou a leitura desse periodo frouxo e inexpressivo foi das mais penosas e ella não se modificou muito no correr das primeiras paginas acerca da vida de bordo. Paginas de uma trivialidade irritante.

De outro teor é, no entanto, o ca-

pitulo dedicado a Lisboa, logo a seguir. O reporter sente a atmospha de tranquillidade (de relativa tranquillidade, tão relativa é a expressão num mundo como o nosso) que se reflecte em toda a cidade: Lisboa é sem pressa e se entrega ao viajante devagarinho, nos melhores encantos; Lisboa das ruas tronchas e estreitas, das casas de azulejo, nos mais diversos estilos. Observa o autor a reacção que se processa contra o fado, considerado entorpecente social, incompativel com o animo de viver do Portugal de agora — especie de bovarysimo a que em geral se habituam os povos subordinados a um permanente regime de euforia nacional dirigida. Refere-se ao ar grave dos portugueses de Lisboa, mesmo os jovens, parece que intimidados pela herança de tradições que lhes cabe. Ninguém, todavia, acolhe com maior carinho o brasileiro: o tratamento é de irmão para irmão. Nas estações de radio, o autor verificou uma cousa curiosa: os **speakers** são, na sua maioria, mulheres. Os jornaes divulgam obrigatoriamente o noticiario official e publicam no cabeçalho a legenda: "Visado pela censura".

O sr. Arnon de Mello faz uma serie de observações sobre as figuras do presidente Carmona e de Salazar, no primeiro salientando a "nobreza", a "simplicidade e lhanza de trato", e no outro a seriedade e a fibra de solitario, o perfil de monge do antigo professor de universidade que se isola do mundo como para examiná-lo a distancia.

Antes de rumar ao continente africano, o autor deu um breve passeio pelo Norte de Portugal, visitando Guimarães e São Miguel de Seide. Nesta ultima cidade permanece franqueada ao publico, "triste e pobre", "pobre tocando o miseravel, triste tocando a desgraça", a casa de Camillo Castello Branco. Nessa casa, nada do aggressivo nem do arrogante do velho Camillo; só a melancolica tranquillidade do abandono. Depois, a Africa Portuguesa.

Em São Vicente de Cabo Verde, o sr. Arnon de Mello identifica um pedaco do Brasil: é que a formação social dessa ilha foi semelhante á do



nosso país, baseada nos elementos afro-lusitanos. O milagre da miscibilidade do português se repetiu em São Vicente e os traços predominantes das duas ethnias em fusão transparecem em ambas as áreas, a ponto do autor observar muitas pareências de cultura e estilos de vida: "além da semelhança de cozinha, de casa e de costumes, a mesma gente, a mesma musica, a mesma lingua, a mesma literatura do Brasil." Mulatos irmãos dos nossos, o nosso samba, o nosso português amaciado pelos tropicos — mais o dialecto "crioulo", que é o português do seculo XV accrescido de termos africanos e europeus —, nossas as influencias literarias mais fundas — os romancistas da ultima geração. E não são outras as suas impressões de Santiago de Cabo Verde, em que o reporter surprehende, igualmente, "a simplicidade, a doçura, a comunicabilidade, o ar effusivo que nos marcam".

Em São Thomé, o reporter andou por varias roças e viu negros de tanga, a cabeça raspada com cacos de garrafa, no trabalho colectivo, cantando.

"A' noite, um cortejo interessantissimo. Todas as sociedades de dança saem á rua para exhibir seus bailados e estandartes. As mulheres trazem balões e os homens varas. As luzes moveiças, auxiliadas por archotes, dão á multidão trepidante, com o seu vozerio e entusiasmo, o aspecto estranho de incendio, de vaga humana em marcha para revoluções e destruição." (...) "Todos os membros dos clubes — verdadeiros clubes carnavalescos do Brasil — estão vestidos de muitas côres, o preto, o vermelho, o amarelo, o branco. De vez em quando, param e dançam a dança da terra, o socopé, que quer dizer dança somente com um pé. Fazem então o samba (chamam aqui de samba o gesto de encontrarem-se os pares, depois de dar uma volta separados), samba á direita, samba á esquerda, samba de frente, samba ao contrario. A pedido, dançam tambem á européa, com um aprumo admiravel. O mesmo rythmo da musica brasileira." (...) "Em tudo muita sensualidade."

Sempre que possivel, o sr. Arnon de Mello nos offerece alguns traços historicos de cada pedaço de Africa percorrido na sua viagem, fazendo breves retrospectos que nos ajudam a comprehender a realidade actual de determinados nucleos demographicos, tanto quanto as referencias estatisticas de que faz abundante uso. Para nos levar através de Moçambique, elle se demora alguns instantes na historia do imperio vatua — historia que parece confinar com a lenda, pelo que tem de bello e heroico.

Em Lourenço Marques as portas das casas vivem permanentemente abertas e ninguém cuida de roubos e ladrões. Os negros de Marracuene vestem couros de animaes, usam chifres na cabeça e no pescoço, falam o landim e não o português. As mulheres, com um pedaço de pano enrolado da cintura para baixo, o reporter as viu dançando batuques, algumas com os seus são-benedictos pendurados nas costas. Nesses batuques predominam as meninas de 9 a 14 annos, que dançam como umas endemoniadas ou umas doidas desesperadas pela fome do sexo. A cadencia é marcada por apitos e pelo rumor das cabaças com sementes que as figurantes trazem presas nos tomzelos.

Batuque de guerra, o sr. Arnon de Mello foi ver em Magul: um espectáculo de que participam 32 mil negros. É no descriptivo desses instantes africanos que melhor se experimenta a força do jornalista brasileiro em trabalhos de tal natureza. Tambem não é menos interessante, por exemplo, a noticia que elle nos dá da organização social e economica do Territorio de Manica e Sofala, administrado desde há meio seculo pela Companhia de Moçambique. As observações do autor são em geral do maior interesse para o estudo das relações culturaes entre o branco e o preto. A meticulosidade com que o sr. Arnon de Mello registrou essas observações, no que toca em particular á vida social dos nativos, é de merecer o nosso melhor louvor.

Vivem os pretos em Quelimane em contacto com os brancos, embora se



concentrem, dentro da propria cidade, "num bairro que parece saído da terra como as arvores e os legumes". "São casas perdidas entre coqueirais e mato rasteiro, feitas ao acaso, levantadas de repente, sem ninguem esperar.

"Tudo aqui se faz do lado de fora das palhotas. E' adeante da varanda que está o fogo, que se prepara a comida, que se fazem as refeições, que se guarda o material de cozinha, que se conversa, que se vive." (...) "A tatuagem aqui é geral nas mulheres. Crianças ainda, ellas já a têm por todo o corpo, sobretudo no ventre." (...) "Os homens consideram a tatuagem como um estimulante e chamam de peixe á mulher que não a possuiue." (...) "Gastam tudo o que têm, sem nenhum sentido de economia. Só fazem força para ganhar dinheiro afim de pagar o imposto de palhota, o **musoco**, e para conseguir o **lobolo**, o dote em que se funda a instituição do casamento." (...) "Se tem paes [o noivo], no dia do casamento elles o acompanham á casa dos sogros, offerecendo-lhes presentes, em geral de feijão. A noiva deixa a sua palhota como forçada, esperneando, no collo de pessoas amigas, e acompanhada pelo regulo. Sua mãe fica gritando, inconsolavel: Minha filha, minha filha! A tia ou a avó da moça permanece até o dia seguinte na porta da casa dos nubentes, guardando-os." (...) "O regime é o da polygamia para ambos os sexos. Basta dizer que é habito o dono da casa dar a esposa para dormir com o seu hospede, fazendo-se entre os dois uma troca temporaria, na hypothese deste estar acompanhado da sua mulher."

Por esses retalhos de citações bem se pode calcular o vulto de informes que se contém no livro do sr. Arnon de Mello acerca dos costumes e instituições dos negros africanos. E muito longe iria eu se me propusesse a resumir todo esse largo capitulo em que o autor enfeixou as suas observações mais interessantes, do ponto de vista da anthropologia cultural.

As ruas e as casas de Moçambique chamaram a attenção do reporter: as

ruas, uns becos, de tão estreitas, e as casas umas verdadeiras fortalezas, de paredes de metro e meio de espessura. A maior parte da população se veste como os arabes. As mulheres fumam muito e trazem a ponta accessa do cigarro para dentro da boca, com o que dizem aproveitar melhor o fumo. E pintam o rosto de branco, por faceirice, costume que noutras regiões indica luto ou gravidez. Observou o autor, entre outras cousas, "uma certa resistencia á mestiçagem por parte dos proprios pretos", apenas pelo desprezo que lhes inspira o mulato. "Dizem que o mulato não é branco nem preto e que dessa falta de affirmção racial lhe nasce o odio a brancos e pretos, a vontade de esmagá-los."

Uma vez em Lourenço Marquês, o autor visita um museu, onde vive uma Africa empalhada, o que lhe despertou curiosidade pelo "National Kruger Park", do Transvaal, que lhe mereceu o titulo de "paraíso dos animaes".

Depois, a Africa Inglesa — a Pretoria, Johannesburg, Capetown, etc. —, outra paisagem social, em que os traços duros da influencia inglesa apontam nitidos. Depois, Angola. Depois, o ponto de partida. Um longo roteiro vencido no proposito de descobrir algumas pistas de nossa formação social, numa de suas melhores matrizes.

Em Arnon de Mello se observam equilibrio e segurança de visão. Elle sabe ver as grandes cousas e as cousas miúdas com a mesma nitidez e o mesmo interesse. Essas qualidades eu as quero attribuir ao jornalista ou, melhor, ao reporter, contra a opinião de um jovem critico, a quem repugna a imprensa, e que exaltou no autor de **Africa** apenas o escriptor em floração, em detrimento do reporter e do jornalista, numa attitude que evidentemente revela uma completa incompreensão do methodo jornalístico ou do methodo literario ou dos dois em conjunto.

Não é justo levar-se á conta da technica jornalística uma ou outra pagina menos feliz do sr. Arnon de Mello; paginas, para mostrar a cobra, como aquella 111, que é toda ella de

um sensível mau-gosto. Mas, afinal, por que culpar a technica em geral por causa de um rompante individual de vulgaridade?

E' verdade tambem que essa technica em Arnon de Mello ás vezes se mostra indecisa, como que ainda timidamente se experimentando. Outras vezes, ao contrario, o autor se revela de uma emphase inesperada, bem anti-jornalística, deante de cousas ou factos naturais e sem emphase nenhuma em si mesmos. E' o caso, por exemplo, dos enthusiasmos e arrebatamentos repetidos em face de ocasos e madrugadas africanas — arrebatamentos e enthusiasmos que eu gostaria esfriassem numa segunda edição para que não soffresse a linha de sobriedade mantida no todo do livro. Essas exclamações ao contacto com o quotidiano — mesmo o quotidiano exótico — quer-me parecer que não se accomodam ao genero de trabalho que o sr. Arnon de Mello realizou, porque nos dão idéa de uma desproporção entre a materia e o homem que a examina, entre o homem e o thema. E' como se o jornalista se sentisse miúdo e fraco demais deante daquillo que elle deveria ver, comprehender, sentir e interpretar em perfeito á-vontade, mesmo em se tratando da natureza. — **VALDEMAR CAVALCANTI.**

ANNAES DO II CONGRESSO SUL-RIO-GRANDENSE DE HISTORIA E GEOGRAPHIA.
— 4 vols. — Porto Alegre, 1940.

Parte do programma commemorativo do bicentenario da colonização de Porto Alegre, reuniu-se nessa capital, em novembro do anno passado, sob os auspicios do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, o Terceiro Congresso Sul-Rio-Grandense de Historia e Geographia, certame de apreciavel alcance cultural que contou com o apoio das autoridades, o concurso de varias instituições technicas e scientificas e a collaboração de numerosos historiadores e geographos.

São os annaes desse certame que agora apparecem, em edição patrocini-

nada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, sendo justo que de logo se accentue, não só o esmero, como sobretudo a presteza com que se houve o coordenador dessa volumosa obra, o sr. Dante de Laytano. Mal cessados os rumores de festa que alvoroçaram o Estado, nos fins de 1940, já se distribuem pelo país os quatro tomos em que se reúnem estudos e pesquisas do maior interesse, relativos a innumerables aspectos da vida rio-grandense e, em geral, da vida brasileira. E' de ver que, em virtude do curto prazo que se impôs para a divulgação dos **Annaes**, o illustre escriptor gaúcho descurou-se de certas preoccupações de systematica na disposição dos originaes e dispensou menor cuidado á revisão, aqui e ali defeituosa; fallhas á primeira vista pequeninas, que avultam, entretanto, em obra dessa natureza.

O certo é que doravante não se poderá examinar certos traços da cultura brasileira ou, em particular, rio-grandense, sem folhear esse copioso archivo de documentos e estudos. Basta referir que, além de um trabalho especial do prof. Gilberto Freyre, publicado com todo o destaque no primeiro volume, são divulgadas nos **Annaes** 79 theses e monographias, 13 communicacões e 16 memorias.

Neste breve registro não cabe a apreciação detida, descriptiva que fosse, da vasta materia contida nas 2.748 paginas dos **Annaes**. Vale a pena, comtudo, indicar á leitura dos interessados algumas contribuições mais suggestivas, dentro de um liberal criterio de selecção, visto como varias dellas são aqui necessariamente apontadas pelo vulto ou singularidade das informações e pistas que contêm: Feita essa observação, permitto-me citar os seguintes trabalhos: **Como Saint-Hilaire viu o negro no Rio Grande do Sul**, de Dante de Laytano; **Gente sul-rio-grandense**, do Cel. Souza Doca; **Rio Grande do Sul (Explicação da historia pela geographia)**, do Cel. F. de Paula Cidade; **Porto Alegre no seculo XVIII**, de De Paranhos Antunes; **Porto Alegre: synthese historica**; de estancia a capital, de J. A.

L. Tupy de Caldas; **O gado bovino e sua influência sobre a anthropogeographia do Rio Grande do Sul**, de Florencio de Abreu; **Martyrio do veneravel Pe. Christovão de Mendoza S. J.**, de Aurelio Porto; **O ensino commum e as primeiras tentativas de sua nacionalização na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul (1835-1889)**, de Primitivo Moacyr; **Seis mythos gaúchos**, de Luis da Camara Cascudo; **Apontamentos para a historia da imprensa no Rio Grande do Sul e A imprensa do Rio Grande do Sul, da Abolição á Republica**, de Nestor Erickson; e **A imprensa de Porto Alegre (1827-1887)**, de Scylla Soares da S. F. Sousa.

As suggestões que o prof. Gilberto Freyre apresenta "para o estudo historico-social do sobrado no Rio Grande do Sul", nas paginas especialmente escriptas para o Congresso de Porto Alegre, parece-me que são de todo originaes: á base de suas impressões de recente viagem pelo interior daquelle Estado, o sociologo pernambucano faz uma serie de observações em torno das características do typo mais nobre de habitação rio-grandense-do-sul, destacando a sobrevivencia de certas marcas da colonização açoriana e, ao mesmo tempo, as semelhanças "numerosas e evidentes" dos sobrados do Sul com os sobrados do Norte e das demais regiões do país em que prevaleceu a cultura portuguesa transplantada. Não é preciso dizer-se da importancia de que se reveste a pesquisa de sociologia da habitação para a caracterização da paisagem cultural brasileira, e outra cousa não tem feito o prof. Gilberto Freyre senão chamar a atenção dos estudiosos para a necessidade de serem emprehendidos trabalhos de campo nesse terreno — elle mesmo já o tendo feito em relação aos mocambos do Nordste —, afim de que não se dissolvam com o tempo e, peor, com a indiferença, elementos valiosos para toda pesquisa de historia social entre nós. A tal ponto que, para definir a formação da sociedade brasileira sob o regime patriarchal, o escriptor pernambucano foi encontrar expressões características nos

principaes typos de casa adaptados ao nosso espaço social: **casa-grande e senzala, sobrado e mocambo**; termos de antagonismo achatados ás vezes, quando não dissolvidos em parte, pelas condições regionaes de vida social.

Nesse ensaio, Gilberto Freyre nos promete para breve estudo mais longo sobre o assumpto: "um esboço de caracterização do Brasil patriarchal, pelas suas predominancias regionaes de casa de typo mais nobre, tanto rural como urbano." Estudo que, afinal de contas, será o desdobramento de parte de tantos trabalhos de sociologia regional que já devemos áquelle illustre escriptor.

Outras paginas de util leitura se encontram nos **Annaes** cujo interesse não se restringe ao da historia rio-grandense, taes como: **A escravatura e a sua abolição no Brasil**, de Percy Alvin Martin; **A familia brasileira e suas origens**, de Ademar Vidal; **A influencia madeirense e o inicio do cyclo do açucar na Capitania de São Vicente**, de Enzo Silveira; **O colono italiano e a libertação do negro**, de Luis Amaral; **Formação economica do Amazonas**, de Moacyr Paixão; e **Formação territorial de Minas Geraes**, de Resende e Silva.
— V. C.

MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA — **MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILICIAS** — e JOSE DE ALEN-CAR — **IRACEMA**. — Vols. 1 e 2 da Bibliotheca de Literatura Brasileira. — Livraria Martins. — São Paulo, 1941.

Depois de haver lançado, com singular exito, a sua "Bibliotheca Historica Brasileira", em que vêm sendo divulgadas, em excellentes traducções, algumas obras indispensaveis ao estudo do passado nacional, essa editora paulista tomou a iniciativa de reunir numa collecção, primorosamente organizada, os livros marcantes de nossa literatura de ficção. Faz-se devido o applauso a um emprehendimento de tamanho vulto, com que se beneficiam as nossas letras. Velhos textos parece que se renovam e reverdecem nessas

reedições modelares. Livros de ontem, hoje folheados apenas por bibliófilos ciumentos ou, em edições populares, por adolescentes nos primeiros amores pela literatura, surgem livros de hoje, sólidos e eugenicos. As novas gerações recebem todo um patrimonio literario carinhosamente cuidado, ao qual se accrescentaram os attractivos de que já pode dispor a nossa industria bibliographica. Para dar inicio á "Bibliotheca de Literatura Brasileira", não era possível talvez escolher dois romances mais característicos e que melhor definissem o sentido da collecção: o de Manuel Antonio de Almeida — um livro raro — e o de Alencar. Não posso deixar de referir-me, em primeiro lugar, ao trabalho de mestre que é a introdução do sr. Mario de Andrade ás **Memorias de um Sargento de Milicias**; trabalho em que se reaffirmam as excepcionaes qualidades de critico do escriptor paulista. Não se contenta o sr. Mario de Andrade de nos dar uma completa noticia da vida de Manuel Antonio de Almeida, porque nos conduz por inesperados caminhos através da obra, revelando-nos a cada instante uma surpresa, com aquella perspicacia que todos lhe reconhecemos em estudos dessa natureza. Os achados criticos se succedem, de tal forma que não será exaggero considerar-se esse prefacio a melhor resenha da vida e tentativa de comprehensão da obra de Manuel Antonio de Almeida com que podem contar os nossos annaes literarios. Já o mesmo não poderemos dizer da introdução do sr. Guilherme de Almeida ao **Iracema**, em que pese a sympathia com que sempre lemos o poeta paulista. É que elle nada de novo accrescenta ás annotações criticas ou meramente bio-bibliographicas até hoje escriptas acerca do romancista. Nada de novo e nada de interessante: apenas um cavaco literario, o seu tanto academico, em torno da lingua de Alencar e da substancia poetica de seu indianismo. Coisa velha e rala de interesse, pelo que se vê. Emquanto o sr. Mario de Andrade fala firme e consciente — que o **Memorias de um Sargento de Milicias**

é "uma das produções mais originaes e extraordinarias da ficção americana" —, o sr. Guilherme de Almeida se contenta, com evidente mau-gosto, em dizer de Alencar que foi o mais "exaltado coripeu" do indianismo, forte corrente de um "movimento nacionalizador da literatura brasileira", e de **Iracema** este amor de phrase: "talvez o mais legitimo fruto agreste desse pomar tropical". Também não posso deixar sem referencia o facto de haver sido confiada a F. Acquarone a parte das illustrações do romance de Manuel Antonio de Almeida: os seus desenhos, alguns delles a côres, são apenas caricaturas, tanto se accentuam os traços burlescos de seus commentarios á margem do texto. Bom que o nosso grande romancista do Rio de Janeiro nos meados do seculo XIX poderia merecer a attenção de um illustrador mais serio e comprehensivo. Anni-ta Malfatti se houve melhor nas illustrações do **Iracema**, sem no entanto haver realizado nada de extraordinario. — V. C.

ATHOS DAMASCENO FERREIRA — **IMAGENS SENTIMENTAES DA CIDADE**. — Livraria do Globo. — Porto Alegre, 1941.

Com este livro o autor alcançou o primeiro premio no concurso "Roteiro Sentimental da Cidade" (!), instituido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em commemoração ao bicentenario da capital sul-rio-grandense. O esforço que o sr. Athos Damasceno Ferreira desenvolveu no sentido de restaurar a atmospheria do passado de Porto Alegre bem que mereceu esse estimulo. Recorrendo aos textos antigos, folheando velhos documentos e, também, ouvindo certamente depoimentos fidedignos, pôde elle recompor as "imagens sentimentaes" da sua cidade, com um poder evocativo que é de toda a justiça pôr aqui em relevo. Não discuto que o escriptor ainda apresente deficiencias, hesitante na affirmacão de sua personalidade, artificioso ás vezes na ordenação da materia, inconsistente na de-



finição de certos aspectos históricos estudados; mas a verdade é que se podem reconhecer no chronista as melhores disposições para o genero de trabalho a que parece votado por irrevogavel vocação. Chronista com uma capacidade apreciavel para olhar o passado e para trazê-lo até nós, vivo e palpitante, no correr de uma historia tranquilla. Nessa biographia de cidade o autor nos leva até o tempo do simples arraial de casas de palha "ao sopé do calombo rispido do morro de Sant'Anna" e volta comnosco, amavel companhia, até a Porto Alegre de hoje. E' então, ao fim desse passeio ao longo das evocações de sabor historico e folclorico, que elle nos faz as suas interrogações de ineffavel saudosismo; pergunta pelos jardins, pelas ruas tortas, pelas torres, beirões e portões de Porto Alegre, pelas cadeiras nas calçadas, pelos velhos habitos e pelas tradições mortas. Perguntas que traduzem "a commovida mensagem do Passado" e a que ninguem entretanto responde, sob pena de apodrecer de conselheirismo. O tom de narrativa que o sr. Athos Damasceno Ferreira imprimiu á sua obra é, sem duvida, uma verdadeira delicia. Seria possivel apenas fazer restricções a uns tantos tiques de estilo que são de gosto discutivel: as suas phrases curtas, por exemplo, salpicadas e impertinentes ás vezes, que nos dão uma desagradavel impressão de babados literarios. Mas o assumpto é de natureza a vencer todas as resistencias de que possamos dispor contra qualquer artificialismo de factura e composição. — V. C.

PAUL KARLSON — A CONQUISTA DOS ARES (O romance da aviação). — Livraria do Globo. — Porto Alegre, 1941.

O assumpto é dos que mais interessam no momento: tudo quanto se refira á historia da aviação há de despertar a mais viva curiosidade no espirito de todos nós, contemporaneos do cyclo dramatico dessa historia, espectadores da transformação bruta dos objectivos de um invento scientifico. A

chronica da aeronautica é a chronica dos esforços desenvolvidos pelo homem para a conquista do espaço, mas é tambem, e necessariamente, a chronica da deformação deliberada dos resultados desses esforços: a redução cruel do sonho a pesadelo. De tal forma o destino dos homens está hoje ligado ao destino da aviação que não é de admirar se voltem elles para o assumpto, mesmo sob o seu ponto de vista historico, com alguma sofreguidão. O livro de Paul Karlson, que acaba de apparecer, na traducção de Marina Guaspari, revista por um tecnico, o sr. Dinis K. Campos, está bem no caso de attrahir a attenção dos curiosos, tanto mais quanto foi elle escripto no proposito de offerecer-lhes, em termos accessiveis e sem nenhum luxo de technicismo, todos os aspectos da evolução da aeronautica; em termos, direi melhor, de romance, uma vez que a preocupação do autor foi descrever e menos explicar os progressos da aviação, dentro de absoluto criterio chronologico e no sentido da vulgarização. O assumpto por si mesmo é que adquire os seus tons naturaes de epopéa, e nunca por effeito de qualquer emphase ou de declamação. Se o livro tanto se recommenda por essas qualidades apreciaveis, que se assignalam mesmo através de uma traducção, deixa, comtudo, a desejar no que se refere a um traço historico da "conquista dos ares": é o facto de haver o autor levado ao credito de Santos Dumont uma gloria precaria de continuador e não de pioneiro, consignando, ao contrario, aos irmãos Wrights a immortalidade de um feito cuja primazia ainda hoje se discute. Nesse ponto, cabe explicar que os brasileiros não reclamam a precedencia de Santos Dumont sobre os Wrights arrastados pelo animo patriotico, mas pelo desejo licito de restaurar uma verdade historica. Não seria demais exigir que, numa segunda edição, a editora brasileira fizesse incluir no capitulo necessario algumas notas explicativas, que afinal réduzissem ás naturaes dimensões o commettimento dos aviadores norte-americanos e pusessem nos devidos termos o episodio que nos



revelou o genio de Santos Dumont.
— V. C.

ALOYSIO DE CASTRO —
DISCURSOS MEDICOS. —
Vecchi Editor. — Rio, 1940.

Neste volume, em cuja apresentação tanto se esmerou a casa editora, o prof. Aloysio de Castro reuniu uma serie de discursos pronunciados no correr de trinta annos de magisterio superior. Discursos de inaugurações, discursos commemorativos, discursos a medicos, a estudantes, a intellectuaes. Todos elles, entretanto, marcados pela mais decidida temperança academica. O timbre de voz do mestre illustre é secco e solenne por natureza: chega aos nossos ouvidos como um eco de velhas vozes, resonancia literaria obtida por um milagre de acustica. Todas as paginas do prof. Aloysio de Castro respiram classico, sem que isso implique, todavia, artificialismo: esse gosto classico é a naturalidade do autor, cioso, como nenhum outro em nosso tempo, da elegancia fria e requintada de sua linguagem. Pode o seu estilo estremecer, uma vez ou outra, a uma emoção mais forte, a uma idéa menos macia. Mas ao prof. Aloysio de Castro sobra coragem ou sangue-frio para conter qualquer exagero na transmissão dessa idéa ou emoção. Tudo lhe sae da penna como que passado a ferro. E de gabar, porém, a nobreza de attitudes com que, deante da vida ou da sciencia, sempre se conduz o autor. Transmittindo a sua experiencia ás novas gerações, suggerindo itinerarios aos seus collegas, elle insiste na lição de servir ao proximo, numa impertinencia hoje cada vez mais rara. Varios vultos da medicina brasileira são evocados, varios themas scientificos modernos são referidos — perspectivas humanas e culturaes, em cujo exame se demora apaixonado o olhar do prof. Aloysio de Castro — olhar ás vezes vago de poeta. Nem só a nitida consciencia medica do autor está a exigir este registro especial, mas também a sua cultura, haurida em longinquas fontes. Disso é exemplo a sua pagina so-

bre a medicina e os classicos latinos, que é um primoroso exercicio de erudição. E de tal estofa é esse escriptor, que chega ao cumulo de pedir desculpas ao citar Georges Duhamel, pelo simples facto de tratar-se "de um autor em voga". Vale mais, comtudo, a sua ideologia: "Afinal, repartir, cada dia, entre vivos e mortos, o amor e o pensamento, é a melhor forma de viver." O conselheiral da phrase se compensa com o seu elevado teor. — V. C.

DANTE COSTA — **BASES DA ALIMENTAÇÃO RACIONAL (Orientação para o Brasileiro).** — 2.^a ed. — Cia. Editora Nacional. — São Paulo, 1940.

Acaba de apparecer a segunda edição do livro do dr. Dante Costa — **Bases da Alimentação Racional.** Além de alguns accrescimos ao texto, entre os quaes um estudo sobre a merenda escolar, o autor divulga a conhecida tabua do prof. Alfredo de Andrade sobre a composição dos alimentos brasileiros.

Nesse trabalho são estudados os nutrimentos e os alimentos e apresentadas suggestões para a dieta da gestante, da lactante, da criança, do escolar, do adulto e do velho.

A reedição da presente obra revela, antes de mais nada, o interesse que ella despertou, a ponto de haver sido adoptada em varias escolas normaes e outros institutos de ensino official do país, segundo informação do autor, no prefacio.

No capitulo referente ás vitaminas verifica-se certa imprecisão, o que queremos salientar apenas por se tratar de um livro de caracter didactico, de vulgarização, em que se deve exigir o maior rigor scientifico. O autor affirma, por exemplo, á pagina 69: "Não é das mais antigas a Vitamina A, pois só em 1916 foi descoberta." Sabe-se, no entanto, que as pesquisas realizadas independentemente por Osborne e Mendel em New Haven e McCollum e Davis em Wisconsin, levaram á descoberta, em 1913, de

um factor alimentar liposolúvel A, depois vitamina A, necessário ao crescimento. É verdade que Funk já havia criado em 1911 a expressão "vitamina" para a substancia existente no extracto do arroz, a qual curava a polynevríte das aves. Mas só em 1915 foi que McCollum e Davis identificaram o segundo factor hydrosolúvel B, cuja carencia produzia o apparecimento de paralyisia nos ratos, semelhante á observada nas aves.

O autor attribue a Funk a descoberta da vitamina C. E essa descoberta tambem não se deve ao chimico polonês, mas a Holst e Frolich. Alimentando cobaias com arroz polido, no intuito de estudar o beriberi, verificaram um dia aquelles pesquisadores o apparecimento de uma doença identica ao escorbuto humano, o que os levou a identificar o factor antiescorbutico.

Chick e Hume (1916-17), Hess e Unger (1918) e Cohen e Mendel (1918) confirmaram na sua essencia os resultados obtidos por Holst e Frolich, observa Sherman. Finalmente, em 1920, Drummond suggeriu o uso da expressão vitamina C para denominar o factor antiescorbutico.

Mais adeante, ao enumerar os "mineraes mais necessarios á vida", o autor esquece, inexplicavelmente, o sodio, o potassio, o magnesio, o chloro e o cobre, elementos sem os quaes todos sabemos que não há nem pode haver vida humana.

A certa altura, diz categoricamente que "as frutas frescas não são acidas". Linhas abaixo cita frutas secas: os figos seccos, as ameixas pretas, as bananas seccas, etc., que "tambem não são acidas". Realmente, as frutas, em sua maioria, mesmo as que possuem acidos, actuam como substancias alcalinizantes. Mas há três frutas — a ameixa, a ameixa preta e o arando — que possuem grandes quantidades de acido quinico, o que não lhes permite agir como alcalinizantes do organismo humano. (Veja-se a esse respeito Sherman, *Chemistry of Food and Nutrition*, 5th. ed., 1938, New York, The MacMillan Co.).

Vale a pena observar ainda que o

dr. Dante Costa, ao fazer certas citações, nem sempre tem o cuidado de referir a fonte, como, por exemplo, ao reportar-se a uma observação de Torres Homem, transcripta, sem duvida alguma, do **Sobrados e Mocambos**, de Gilberto Freyre, uma vez que se observa até a repetição de dois lapsos typographicos desse ultimo livro, entre elles a falta de um pronome obliquo, o que decerto não ocorreria se o autor houvesse recorrido á fonte original.

Bases da Alimentação Racional apresenta uma boa bibliographia. Boa, vasta e heterogenea. Seria conveniente, contudo, que noutra edição se procedesse a uma cuidadosa revisão, afim de evitar que trabalhos publicados em revistas surjam citados como se fossem obras. Tal é o caso, para só citar um, das experiencias do prof. Alvaro Ozorio de Almeida acerca do metabolismo basal do homem tropical, publicadas em três numeros do **Journal de Physiologie et Pathologie Générale**, e que apparecem citadas como se se tratasse de um livro. — **RUY COUTINHO**.

SERAFIM LEITE, S. I. —
NOVAS CARTAS JESUITICAS
(De Nobrega a Vieira). —
Companhia Editora Nacional.
— São Paulo, 1940.

Sobre a obra dos jesuitas no Brasil o muito que a seu respeito já tem sido dito e escripto parece-nos ser ainda pouco, á vista da extensão e da significação dos trabalhos pelos ignacianos aqui emprehendidos entre 1549 e 1759, da chegada de Nobrega á expulsão devida ao Marquês de Pombal.

Conseqüentemente, é com apreço cada vez maior que os estudiosos do passado brasileiro costumam acolher a publicação de quaesquer documentos novos, relativos ás actividades missionarias dos jesuitas em nosso país.

Nesse sentido, como continuação aos trabalhos de João Francisco Lisboa, Visconde de Porto Seguro, Antonio Henriques Leal, Alfredo do Valle Cabral, Capistrano de Abreu, Teixeira de Mello, Candido Mendes de Almei-

da, Barão de Studart e J. Lucio de Azevedo, com satisfação pode ser verificado que a tão insigne corrente vieram juntar-se, nos últimos annos, com preciosas contribuições, os srs. Afranio Peixoto, Rodolfo Garcia e Padre Serafim Leite, S. I.

Do ultimo, já foram aqui recebidos, com os entusiasticos applausos a que têm direito, os dois primeiros tomos da monumental **Historia da Companhia de Jesus no Brasil**. Como, entretanto, á margem dessa obra admiravel, muito há, quanto aos jesuitas em nosso país, que mereça publicação separada, ao seu volume intitulado **Paginas de Historia do Brasil**, apparecido na collecção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, um outro foi recentemente accrescentado — **Novas Cartas Jesuiticas** (de Nobrega a Vieira).

São quinze missivas de Nobrega, nove de diversos outros jesuitas e nove do Padre Antonio Vieira, todas até agora ineditas ou pouco conhecidas, as que foram reunidas e annotadas pelo illustre historiador português.

As primeiras, a serem accrescentadas ás **Cartas do Brasil**, publicadas pela Academia Brasileira de Letras em 1931, constituem mais uma notavel fonte de elementos comprovativos da extraordinaria actividade de organizador e de chefe aqui desenvolvida pelo grande Manuel da Nobrega. Suas insistentes idéas relativas á communicacão terrestre de São Vicente com o Paraguay, por exemplo, fartamente confirmam a amplitude de visão do insigne jesuita, antecipando, de muito, as penetrações bandeirantes na mesma direcção.

Das Cartas Avulsas incluídas no volume, e que devem ser reunidas ás que apparecem na collectanea que com esse mesmo titulo tambem editou a Academia, varias são as que igualmente interessarão aos estudiosos do passado brasileiro. Uma dellas, do Padre Luís da Grã, rica em louvores "á terra do Brasil, á sua bondade e fertilidade, pode-se comparar ás melhores de Nobrega, Anchieta, Ruy Pereira e Fernão Cardim", no dizer de seu erudito commentador.

As nove ultimas cartas, afinal, do Padre Antonio Vieira, não precisam, certamente, de referencias ao estilo peculiar a todo o epistolario do mais illustre jesuita do seculo XVII. Basta lembrar que muito contribuirão para o melhor conhecimento da historia das celebres missões do Maranhão, Grão-Pará e "Rio das Almazonas" e das difficuldades que a caracterizam, para que se possa fazer juizo do seu valor.

— HELIO VIANNA.

AUGUSTO DE LIMA JUNIOR — **A CAPITANIA DAS MINAS GERAES (Suas origens e formação)**. — Lisboa, 1940.

Tendo começado, effectivamente, apenas nos ultimos annos do seculo XVII, a historia da capitania das Minas Geraes mereceu a attenção de diversos estudiosos do nosso passado, justamente impressionados com a importancia logo resultante da descoberta do ouro, acontecimento que, entre outras, teve como immediata consequencia a formação da mais populosa unidade territorial brasileira.

Embora já tenham sido explorados, em boa parte, os archivos referentes á historia mineira do periodo colonial existentes no país, muito ainda existe, digno de aproveitamento, em depositos portugueses especialmente. Sabendo-o, e servindo-se, tambem, de quanto a seu respeito já foi divulgado, o sr. Augusto de Lima Junior muito se tem dedicado a investigar os fastos da terra montanhosa, inscrevendo-se, hoje, entre os que mais arduosamente procuram desvendar os pontos obscuros de suas origens e desenvolvimento.

Como resultado dessas pesquisas, publicou recentemente o referido escriptor, em Portugal, onde se encontrava, o volume intitulado **A Capitania das Minas Geraes**. Nelle se contém, ordenadas em oito succintos capitulos, preciosas informações relativas a pontos até aqui não muito explorados do passado mineiro. Taes são, por exemplo, os que se referem ao povoamento e á formação religiosa e militar da grande região central. Subs-

dios valiosos para o melhor conhecimento da constituição dos primeiros nucleos de povoação, uteis achegas á historia religiosa e dados inteiramente novos sobre as milicias e a tropa paga das Minas, ahi apparecem, muitas vezes.

Um interessante capitulo dedicado á "casa, o mobiliario e as alfaias", seguido de outro, susceptivel de receber contestações dos technicos, sobre "a arte barroca em Minas Geraes", encerram o livro do sr. Augusto de Lima Junior.

Alguns enganos, naturaes em trabalho escripto provavelmente longe de elementos de consulta, e a falta, quasi completa, de citação da procedencia das fontes ineditas utilizadas, tambem podem ser notados em **A Capitania das Minas Geraes**. — H. V.

ALUIZIO NAPOLEÃO —
OS ARCHIVOS PARTICULARES DO ITAMARATY. —

Publicação n.º 6, do Ministerio das Relações Exteriores. — Imprensa Nacional. — Rio de Janeiro, 1940.

Proseguindo em sua tarefa de editar quaesquer trabalhos uteis á Historia Diplomatica do Brasil e á nossa politica externa, a Secção de Publicações do Ministerio das Relações Exteriores resolveu publicar, recentemente, o folheto intitulado **Os Archivos Particulares do Itamaraty**, de autoria do consul Aluizio Napoleão, um dos mais novos e distinctos funcionarios da Casa de Rio Branco.

Tem por fim o referido opusculo divulgar algumas informações sobre os papeis hoje guardados no Archivo, Bibliotheca e Mappotheca do Ministerio das Relações Exteriores, e que pertenceram a alguns dos mais notaveis servidores com que contou essa Secretaria de Estado, sob o Segundo Reinado e mesmo na Republica: o Barão da Ponte Ribeiro, Rodrigo de Sousa da Silva Pontes, Visconde de Porto Seguro (Varnhagen), Barão de Penedo (Carvalho Moreira), o 2.º Visconde de Cabo Frio (Joaquim Thomás do Amaral), os dois José Maria da Silva Paranhos (Visconde e Barão do Rio

Branco), e, afinal, Joaquim Nabuco, ultimo dos erinentes diplomatas pelo Imperio legados ao novo regime.

Nas linhas, necessariamente succintas, de um folheto de divulgação, não têm cabimento senão ligeiros dados biographicos, acompanhados de indicações relativas ao material constante dos respectivos archivros particulares. Fazendo-o, com elementos informativos sempre seguros, o sr. Aluizio Napoleão consegue dar, com precisão e clareza, uma impressão bem eloquente do valor da contribuição á Historia Diplomatica do Brasil offerecida pelos documentos contidos nos referidos archivros, em boa hora recolhidos ao Palacio Itamaraty. — H. V.

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO — Vol. 173, de 1938, contendo a **Historia da Independencia do Brasil**, do Visconde de Porto Seguro. — Imprensa Nacional. — Rio de Janeiro, 1940.

Tendo em vista a difficuldade com que lutavam os estudiosos que desejassem obter exemplares da **Historia da Independencia do Brasil**, do Visconde de Porto Seguro, resolveu o Instituto Historico e Geographico Brasileiro reeditar essa importante obra, terminada pouco antes da morte de seu illustre autor, occorrida em 1878, e publicada, pela primeira vez, accrescida de abundantes notas do Barão do Rio Branco, em 1917.

Fazendo-o, a veneranda instituição novamente recorreu á reconhecida competencia do prof. Basilio de Magalhães, relator da Commissão do Instituto que preparou a primeira edição, afim de que tambem a segunda saisse digna dos grandes historiadores que ligaram o nome á **Historia da Independencia do Brasil**.

Enriquecida de longo Indice Onomastico, a obra de Varnhagen e Rio Branco está, agora, outra vez accessivel aos interessados, que nella encontrarão documentos e opiniões que continuam resistindo até mesmo ao apparcimento de novos dados e julgamen-

tos relativos á historia de nossa Independencia, tão notaveis foram as pesquisas feitas e tão ponderaveis eram os juizos emitidos pelo insigne historiador que foi o Visconde de Porto Seguro.

Completam o vol. 173 da **Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, referente ao anno de 1938, as actas das sessões nesse anno realizadas pela mesma instituição, muitas das quaes tiveram como objectivo commemorar importantes ephemerides, motivando conferencias pronunciadas por diversos membros de nossa Casa da Historia. Nesse sentido, offercem contribuições ás vezes valiosas aos respectivos temas as seguintes palestras: **Centenario do nascimento do ministro Antonio Joaquim de Macedo Soares**, pelo sr. Feijó Bittencourt; **Centenario do fallecimento de José Bonifacio, o Patriarcha da Independencia**, pelo sr. Barbosa Lima Sobrinho; **A Doutrina de Monroe e o Pan-Americanismo**, pelo sr. Rodrigo Octavio Filho; **A Genese da Abolição**, pelo sr. Feijó Bittencourt; **Caxias, Cidadão Político**, pelo sr. Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho; e **O General Hogen-dorp**, pelo sr. Max Fleiuss.

Dois outros acontecimentos marcaram, profundamente, a vida do Instituto Historico e Geographico Brasileiro nesse anno de 1938, tendo sido, portanto, convenientemente registados no respectivo tomo de sua **Revista**: o fallecimento do Conde de Affonso Celso, seu presidente desde 1912, e a passagem do primeiro centenario da fundação do Instituto, festejado, por todo o mundo cultural, a 21 de outubro. — H. V.

HOWARD SPRING — **MEU FILHO, MEU FILHO!** — "Bibliotheca do Espirito Moderno". — Companhia Editora Nacional. — São Paulo, 1940.

O amor de uma mulher interposto entre pae e filho: eis a trama psychologica do romance **Meu filho, meu filho!** — titulo exquisito, mas que denuncia a presença do drama, da agita-

ção, da inquietude no coração dos seus personagens. Howard Spring, grande romancista americano, não conquistou o exito com a publicação de uma obra que o sensacionalismo houvesse consagrado. Elle é um escriptor consciencioso, dono de grande parte do publico americano, um autor de livros de densidade psychologica, desses que permanecem, que não se diluem no sensacionalismo da propria publicidade.

DANTON JOBIM — **A EXPERIENCIA DE ROOSEVELT E A REVOLUÇÃO BRASILEIRA**. — Civilização Brasileira S. A. — Rio, 1940.

O sr. Danton Jobim foi levado aos Estados-Unidos em função de suas aptidões technicas e de lá trouxe um grande conhecimento da "realidade americana" — da realidade politica, é logico, pois a politica é a materia que intellectualmente o attrae. Dahi este livro: **A Experiencia de Roosevelt e a Revolução Brasileira**. Trata-se de um ensaio politico e de um confronto expressivo entre os dois governos. Qual o mais seductor? Qual o mais adequado ás largas ambições do nosso tempo?

DEFOE — **ROBINSON CRUSOE**. — Traducção revista por Nabor Cayres de Brito. — Edições "Cultura". — São Paulo, 1940.

Depois de lançar em edições integraes **Gulliver**, as **Fabulas de La Fontaine**, as **Cartas de Amor de Abelardo e Heloisa**, e as **Odes de Anacreonte**, apresentam agora as edições "Cultura", em sua serie clasica, o **Robinson Crusoe**, de Defoe. O volume traz um retrato do autor, feito por Tarsila, e um prefacio em que José Pérez estuda o sentido social do grande livro e traça a biographia do autor. O **Robinson** nos apparece em velha traducção portuguesa, revista por Nabor Cayres de Brito.

Defoe, a que Charles Duff chamou



"o pae da novella inglesa", titulo de rara importancia levando-se em conta a descendencia, que não encontra, em força e belleza, igual em qualquer outro país, tem no **Robinson Crusoe** a maior e a mais popular de suas obras. E' um desses livros cujo valor seria ocioso resaltar. A imaginação portentosa de Defoe traçou o quadro da vida solitaria com tanto realismo, com tanta "verdade", que seu editor suppôs que se tratasse de uma historia real. Um livro singular, em que uma unica figura — um homem perdido numa ilha — prende o leitor com suas aventuras e seus sentimentos.

COMMANDANTE VERDUN
— **O ESQUADRÃO CYCLO-
NE.** — Vecchi Editor. —
Rio, 1940.

Livro simples, sem verbalismos nem complicações, de acção muito movimentada, destinado a despertar enthusiasmo entre os jovens leitores.

E' seu autor um official do Exercito francês que se occulta sob o pseudonymo de Commandante Verdun. A obra destina-se a restabelecer nos jovens o culto pelos heróes.

A traducção foi feita por Abelardo Romero e a capa é de Fantappié.

MARUCIA DE OLIVEIRA —
FRAGMENTOS DA VIDA. —
Getulio Costa, Editor. — Rio,
1940.

Nesta pequena collecção de contos, todos elles marcados por uma leve tonalidade sentimental, Marucia de Oliveira procura fixar uma serie de flagrantes da vida, focalizando numerosos typos e temperamentos com louvavel naturalidade. Em carta dirigida á A., há quasi oito annos, Medeiros e Albuquerque, referindo-se a um dos seus contos, classificou-o de "excellente": "sente-se que é de pessoa habituada a manejar a penna e que o faz com força, com elegancia, com simplicidade."

CRAVEIRO COSTA — **A
CONQUISTA DO DESERTO
OCCIDENTAL (Subsidios para
a historia do Territorio do
Acre).** — Vol. 191 da "Brasili-
ana". — Cia. Editora Nacio-
nal. — São Paulo, 1940.

Trata-se de uma nova edição, illustrada, da obra de Craveiro Costa, escriptor alagoano, já fallecido — **O Fim da Epopéa**, que é uma synthese da historia do Territorio do Acre. A reedição desse trabalho é emprehendimento digno de louvor, tanto mais quanto os editores procuraram garantir-lhe a attenção do publico da **Brasiliana** e o apresentam, dessa forma, com uma longa introducção e notas do sr. Abguar Bastos. Não há duvida que este livro constitue a chronica mais completa hoje existente relativa á historia acreana, embora escripta há alguns annos.

AFFONSO SCHMIDT — **A
VIDA DE PAULO EIRO.** —
Vol. 182 da "Brasiliana". —
Cia. Editora Nacional. — São
Paulo, 1940.

Paulo Eiró, poeta paulista dos meados do seculo passado, encontrou o seu biographo em Affonso Schmidt — poeta e escriptor paulista de nossos dias. E' com a maior ternura que A. Schmidt nos fala do seu modelo e reconstitue a sua vida: elle escreve "como quem conta uma delicada historia de amor". O biographo se identifica com o biographado; poetas ambos, elles se entendem e se explicam. Affonso Schmidt narra com naturalidade e alguma paixão evocativa a existencia de Paulo Eiró: "Fazer-lhe a biographia — elle diz, no prefacio, — é contar a historia de um poeta que amou; mais do que isso, de um poeta que enlonqueceu de amor." Este livro, que contém illustrações de Wasth Rodrigues, apresenta, na parte final, uma collecção de poemas do biographado, organizada, prefaciada e annotada por José A. Gonsalves.

LETRAS PORTUGUESAS

JOSE' LOUREIRO BOTAS — LITORAL A OESTE

Poucos livros tenho visto tão diferentes do titulo quanto este. *Litoral a Oeste* tem um ranço de compendio de geographia, um ar desenxabido e presumpçoso de guia de turistas, suggere conferencias de divulgação, viagens em caravanas, somnolencia, esnobismo, tudo o que quiserem, menos o que é — um rico volume de contos regionaes, cheios de vida, com o cheiro forte do mar, com o pittoresco sadio de uma aldeia de pescadores, na praia da Vieira, vizinha de São Pedro de Muel.

Segundo o prefacio do sr. Thomás Ribeiro Colaço, o autor, um estreante, lá nasceu numa "casa na areia, tão sobre o mar, que ás vezes parece ouvir-se um aguaceiro a fustigar os vidros — a chuva é feita de espumas e borriões de ondas zangadas". O pae condecorado por "dezenas de vidas arrancadas ao mar", a mãe a lidar na casa, vivendo "um poema de trabalho e de amor", os oito filhos fadados ao mesmo destino humilde e bello... E, de repente, num dos meninos, surge essa cousa incomprehensivel e poderosa — a vocação para a vida do espirito. E então começou a luta já tantas vezes travada pelos filhos do povo que se sentem chamados a outros destinos, um caixeirinho estudando á noite, uma criança sacrificando o descanso para conseguir aproveitar a força que sentia em si, que a dominava. Até ahi, José Loureiro Botas não se distinguiu de tantos outros, que depois foram grandes homens, do nosso Machado de Assis, por exemplo. O que parece estranho é que, movido por tão decidida vocação, não se tivesse logo posto a escrever, não tivesse tido pressa de publicar. Soube esperar, evitar a estréa de menino-prodigio, quasi sempre tão perigosa. Só aos 37 annos, em plena maturidade, deu esse primeiro livro, em que se revela senhor dos temas e dos meios de expressão.

Nove contos, todos passados entre gente humilde, sem problemas outros que o da vida elementar, formam o volume. Nem enredos complicados, nem sentimentos complexos. Tudo simples, tudo girando em torno do amor, da morte, da fome — da vida reduzida ao essencial. Mas nem por isso mesquinha, nem triste. Há, ao contrario, em toda essa gente tão communicativa, uma constante nota de alegria. Alegre era o "Pichelim", velho pescador que, não podendo mais trabalhar, menos devido á idade que ao amor ao vinho, fez-se mendigo durante uma metade do anno, esmolando fora de sua terra, para passar nella, regalado, bebendo á vontade, a outra metade. Alegres a "Anna Fateixa", que conseguiu casar bem os filhos todos, inclusive a filha a quem o namorado fizera mal; a "Rita Rebôcha", que lançara ao antigo noivo da filha a praga de morrer no mar, e quando o soube em perigo, abraçou-se rezando á mãe do rapaz; ou a "Jacinthá Caréoa", que vivia a falar, a falar, mettendo-se com a vida de todas as vizinhas.

Talvez nem sejam propriamente contos esses rapidós flagrantes em que o pittoresco da narrativa e dos dialogos é mais importante do que os acontecimentos, em que o ambiente marca por vezes mais do que as personagens. Não

que estas não sejam vivas; mas, dominadas pelos mesmos problemas, levando a mesma existência, são muito parecidas, têm, diante da dor ou da alegria, as mesmas explosões instintivas. O mar, que devora os homens, a fome, que a todos ameaça, o amor, que incendeia rapazes e raparigas, formam como que uma fatalidade a que não podem fugir os destinos dessa gente sem defesa. O autor mal os menciona, mas sentê-se a sua presença terrível e familiar.

Não fôra uma ou outra intromissão do autor, em considerações de ordem geral que, embora curtas, perturbam o ambiente da ficção pela evocação do mundo cá de fora, esses contos seriam perfeitos em seu genero. Como estão, porém, já revelam um escriptor authenticico, com raios dons de observação e narração.

LUCIA MIGUEL-PEREIRA



LETRAS NORTE-AMERICANAS

ARCHIBALD MACLEISH —
POEMS (1924-1933) . —
Houghton, Mifflin Company —
Boston and New York.

Creio que a grande celebridade de MacLeish data do premio Pulitzer concedido ao seu poema **Conquistador**, soberbo canto em que a tragedia da conquista do Mexico pelos espanhóis é contada em tercetos de versos brancos de um rythmo novo, vigoroso e ondulante. Pelo menos as anthologias de dez annos atrás ainda não traziam nada do autor de **Streets in the Moon**, ao passo que hoje em toda selecta de poesia da lingua inglesa que se preza estamos certos de encontrar varios de seus poemas. Entre elles aquelles poucos versos que se intitulam **Ars Poetica** e que realmente valem por toda uma arte poetica da poesia moderna, como a **Epistola aos Pisões** valeu para os classicistas e os famosos versos impares de Verlaine valerem para o symbolismo. Segundo essa **Ars Poetica** de MacLeish,

**A poem should not mean
But be.**

Tal conceito parece collocar o poeta sob o signo daquillo que Ludwig Lewisohn chamou **the post-war despair of meaning**. Longe disso. MacLeish não é um desilludido da força democratica americana nem um desesperado do sentido emocional e moral da obra de arte. Os versos da **Ars Poetica** significam apenas que o poeta ouviu e assimilou as lições dos imagistas (cujo endereço esqueceu), de Valéry e da sua compatriota Gertrude Stein. Assimilou-as e superou-as.

De facto, os poemas de MacLeish têm um sentido intellectual, emocional ou moral, mas não é menos verdade que subsistem independentemente do conteúdo semantico como estrutura e musica. Leia-se, por exemplo, o poemeto que traz por titulo as datas **1892-19...** (1892 é o anno do nascimento do poeta):

**There will be little enough to forget
The flight of crows
A wet street
The way the wind blows
Moonrise: sunset
Three words the world knows
Little enough to forget**

**It will be easy enough to forget
The rain drips
Through the shallow clay
Washes lips
Eyes brain
The rain drips in the shallow clay
The soft rain will wash them away
The flight of crows
The way the wind blows
Moonrise: sunset
Will wash them away
To the bare hard bones
And the bones forget**

Poemas assim são, como a **Canção do Exilio** do nosso Gonçalves Dias, existentes em si e subsistem mesmo esvaziados do lastro intellectivo.

O mesmo se pode dizer de outros breves poemas de MacLeish como **Broken Promise, Memory Green, The Night Dream**. Mas o extraordinario é que se possa dizer tambem de uma longa e severa construcção como **Conquistador**.

Este livro é uma selecção de poemas feita pelo proprio autor. E a selecção não foi feita obedecendo ao proposito de traçar a evolução do poeta. MacLeish confessa em prefacio que escolheu entre os seus poemas publicados ou por publicar "**those pieces I can now reread without embarrassment**". Compreendendo-o tanto mais quanto adoptei o mesmo criterio na organização das minhas **Poesias Escolhidas**. Como quer que seja, esta selecção revela, através de sensíveis fluctuações de **mood** e processo, aquella unidade que é o sello das personalidades fortes e bem definidas. MacLeish é um dos grandes nomes da poesia norte-americana de hoje.

Na Anthologia da Poesia Moderna em lingua inglesa de Selden Rodman colhemos que Archibald MacLeish nasceu em 1892. Fez os seus estudos na Universidade de Yale, onde se distinguiu como estudante e atleta, depois na "Harvard Law School". Serviu na guerra de 1914 em França (e o commovente poema **Memorial Rain**, que vem nesta collecção, inspirou-se nella), viajou depois pelo Oriente até a Persia (**And strange at Ecbatan the trees...**) e regressando á America fez nome não só como poeta mas tambem como chronista dos negocios politicos e industriaes de seu país. Hoje occupa o cargo de director da Bibliotheca do Congresso de Washington. A sua obra poetica comprehende os seguintes volumes: **The Hamlet of MacLeish, The Pot of Earth, New Found Land, Streets in the Moon, Conquistador, Frescoes e The Fall of the City**. — MANUEL BANDEIRA.

A. L. BURT — **THE UNITED STATES, GREAT BRITAIN AND BRITISH NORTH AMERICA**. — Ed. da Universidade de Yale — Toronto e Londres, 1940.

Este notavel estudo, escripto por um professor de historia da Universidade de Minnesota e publicado dentro de uma serie preparada sob a direcção da Fundação Carnegie, — organização

destinada, como se sabe, a pugnar pela paz internacional, — preenche uma finalidade mais ampla do que aquella, já ambiciosa, que o seu titulo deixa entrever. Na verdade, uma exposição bem feita do que foram as relações entre os Estados-Unidos e a Inglaterra desde a época da guerra da Independencia até á duradoura paz que se seguiu á guerra de 1812, e que só foi definitivamente firmada em 1820, já seria um trabalho de grande utilidade.

O livro do sr. Burt vae, porém, mais longe. Tão bem esclarece elle o passado, que nos ensina providencialmente a melhor comprehender o presente. Com effeito, toda a crise sobrevida nas relações entre o velho Reino Unido europeu e a nova e pujante Republica americana, desde 1775 até 1820, teve como causa primeira e predominate o Canadá, a soberba colonia conquistada aos francezes pelos ousados marujos e soldados da Grã-Bretanha. Os laços complexos e importantissimos que ligam o Canadá de um lado á Inglaterra e do outro aos Estados-Unidos, se desvendam no decurso da exposição, e nos auxiliam a comprehender a causa talvez mais importante da actual posição americana em face da rapinagem nazista. Os interesses americanos e ingleses dentro do continente, que já chegaram, pelo seu choque, a causar uma guerra entre os dois países, se desenvolveram, depois, sabiamente orientados, num sentido que não permite mais aos Estados-Unidos tergiversar na defesa da Inglaterra, em face do risco de desaparecimento desta potencia e da intromissão de qualquer terceiro na partilha dos despojos. O collapso inglês poria immediatamente os Estados-Unidos na necessidade de defender o Canadá, ou toda a sua estrutura estaria em vespas de desabamento. A situação actual, de equilibrio entre os interesses, — sabia combinação de povos afinal irmãos pela origem historica, — não resistiria á entrada de outro senhor do Canadá, fosse elle alemão, russo, italiano ou japonês. A leitura deste livro nos convence ple-

namente disto. O caso do Canadá é desses arranjos só possíveis entre membros de uma mesma família.

Quanto ao livro em si mesmo, nada poderemos dizer mais do que qualificá-lo de magistral. Não fosse, aliás, obra de um mestre da especialidade, — uma dissertação historica feita por um professor de historia. Algumas das suas observações se applicam, tambem, perfeitamente á guerra actual, como as contidas no capitulo que descreve as hostilidades navaes. Vê-se que o problema da esquadra inglesa, em face da americana, era exactamente o mesmo que se colloca entre os navios britannicos e a frota corsaria alemã: o bloqueio contra a guerra de corso.

No relato das negociações diplomaticas, das operações militares, das situações politicas tanto européas quanto americanas, e que têm ligação com a sua these, o sr. Burt é abundante e completamente satisfatorio. A unica falta que se sente é a de um maior desenvolvimento no estudo dos aspectos economicos dessas relações anglo-americanas, coisa que nos viria seguramente ensinar muito de util e importante. — **AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO.**

CARLOS CHAVEZ — TOWARD A NEW MUSIC (Music and Electricity). — Ed. W. W. Norton & Co. Inc., New York, 1937.

Este conhecido musico mexicano, desde a sua primeira visita a Nova York em 1923, entusiasmou-se com as possibilidades musicas do radio, então ainda bastante imperfeito e primitivo. Nove annos mais tarde, numa das suas voltas aos Estados-Unidos, Carlos Chavez foi levado por Stokowski a visitar os studios e officinas da R. C. A. Victor em Camden e os laboratorios da Bell Telephone em Nova York. Dessas visitas e da commissão que lhe deu a Secretaria de Educação Publica, do Mexico, para estudar os desenvolvimentos e manifestações culturaes da electricidade applicada ao som, derivou uma serie de ar-

tigos publicados no **El Universal**, da capital mexicana. Recentemente esses artigos, um tanto reformados para maior unidade de conjunto, foram traduzidos para o inglês por Herbert Weinstock e publicados sob o titulo de "Toward a New Music".

Trata-se de um livro do maior interesse, em que o illustre compositor descreve com clareza e synthese todos os processos novos de manifestação musical, instrumentos mechanicos, instrumentos electromagneticos, a phonographia, a photophonographia e o radio, e lhes discute as possibilidades estheticas e sociaes. Não é possível descrever este livro interessantissimo nem lhe discutir todas as idéas, e principalmente os problemas estheticos que suscita.

Considerando os instrumentos electricos como meios de reprodução musical, o sr. Carlos Chavez os exalta por conservarem pela eternidade a execução das musicas taes como estas foram concebidas e desejadas pelos seus autores. Desenvolve a sua these em importantes considerações, verificando a profunda differença que existe entre a musica e as outras artes, pois que, se possuímos o poema de Dante e o **Moysés** de Miguelanjo taes como estes genios os conceberam e deram por acabados, nenhum de nós pode realmente aceitar que ouça actualmente a **Nona Symphonia** tal como Beethoven a concebeu. "Cada pessoa pode interpretar a obra-prima de um escultor, mas esta interpretação não affecta absolutamente a esculptura em si mesma. Já no caso da musica, a interpretação de um executante affecta directamente a obra em si mesma." E chega mesmo a affirmar que nem o próprio Miguelanjo poderia fazer uma nova versão do seu **Moysés**, sem des-tratar a obra original. . .

Me parece muito difficil dar inteira razão ao escriptor em tão delcado assumpto. Não é verdade indiscutivel que o "original" do **Moysés** seja exclusivamente a estatua que hoje existe para nós. Se Miguelanjo, desgostoso do actual **Moysés**, lhe desse uma nova versão, por elle considerada melhor e



definitiva, e destruiu a que existe, incontestavelmente a versão nova seria a única original. Fremiet deu duas versões em épocas diferentes á sua estatua de Joana d'Arc, e, pelos documentos conhecidos, sabemos que a segunda versão é melhor. Aliás o autor confunde bastante, no caso, obra com interpretação. Nada autoriza garantir que vejamos hoje um quadro de Mantegna como o artista e mesmo os seus contemporaneos o viam. A interpretação affecta tanto uma obra de musica como uma obra de qualquer outra arte, e a mais provavel das supposições é que um Cervantes, um Rabelais e um Phidias, como um Bach, ficariam assombrados se soubessem tudo quanto vemos hoje em suas obras geniaes. E cabe ainda perguntar se a eternização de uma interpretação musical, tal como desejada pelo compositor, não seria um empecilho ao desenvolvimento da musica e da cultura musical. . .

São numerosos, no livro, os pontos discutíveis e apaixonantes como esse que apenas aponte. Depois de um impressionantissimo capitulo em que se mostram as prodigiosas possibilidades novas da aparelhagem electrica de produção do som, o sr. Carlos Chavez conclue. Está convencido de que a musica electrica nos levará para uma nova musica, de nova technica, de nova esthetica, que será verdadeiramente representativa da época actual. Até agora, mesmo os compositores que escrevem directamente para o filme sonoro e o radio, não se penetraram nem da finalidade musical dos aparelhos electricos, nem da sua realidade. Fazem musica á antiga, escrevem musica que os instrumentos se limitam apenas a reproduzir, da mesma forma como reproduzem uma symphonia de Mozart e um coral de Palestrina. Isso não é fazer a musica nova que os instrumentos novos exigem, e, com elles, o nosso tempo novo. Os compositores têm que estudar e praticar as possibilidades de timbração, de obtenção de sons diferentes dos actuaes e de ajuntamentos sonoros diversos dos actualmente possi-

veis com a execução humana e os instrumentos musicaes conhecidos, inventando pois uma musica outra e escrevendo-a directamente no filme e no disco. Ao chegar a estas conclusões, o autor se recusa a dizer com o que essa musica nova se parecerá. Se nada accrescenta em seu livro sobre a esthetica dessa nova musica, não é porque não creia que ella deva ser a actual e real musica electrica, mas porque cabe aos compositores estabelecer as orientações dessa musica ainda não existente.

Não há duvida nenhuma que, neste ponto de vista, o sr. Carlos Chavez tem razão em sua prudencia. Não cabe a elle apenas a determinação das novas directrizes estheticas duma arte tão nova, tão imprevisivel em seus resultados sonoros e que será representativa da collectividade actual. A verdade é que elle nos deu um livro impressionante pelos horizontes que aponta, encantador pela facilidade de leitura e muito rico em suas idéas. — **MARIO DE ANDRADE.**

ROBERT LINCOLN KELLY
— THE AMERICAN COLLEGES AND THE SOCIAL ORDER. — The Macmillan C.^o. — New York, 1940.

O autor traça o desenvolvimento do systema universitario nos Estados-Unidos — se é que podemos falar em "systema" — e procura indicar suas relações com a ordem social. Sallienta os efeitos da influencia inglesa e da influencia alemã sobre tal desenvolvimento e os esforços, que se accentuaram na segunda metade do seculo passado, de cientistas, intellectuaes e educadores norte-americanos de visão larga e coragem de iniciativa, no sentido de associarem o mais possivel os centros universitarios do seu país a aspirações e necessidades sociaes distinctamente americanas. Destaca a esse proposito a importancia das chamadas "escolas graduadas", isto é, escolas para altos estudos de philosophia e da sciencia denominada pura, acima de qualquer interesse immediato de



profissionalismo. Foram essas escolas que permittiram a formação de mestres ou professores universitarios de accordo com as mais altas exigencias intellectuaes e scientificas e favoreceram o desenvolvimento, nas universidades, da pesquisa scientifica, da especulação philosophica e da cooperação intellectual nas suas formas mais elevadas. Isto, é claro, nas melhores universidades. Em seis ou oito. Pois é preciso não nos esquecermos de que o grande numero das universidades norte-americanas chegaram ao fim do seculo passado, e algumas até aos nossos dias, sem se elevarem áquella situação intellectual, embora desenvolvidas sob outros aspectos. Dahi ser tão difficil generalizar sobre universidades ou collegios universitarios dos Estados-Unidos.

O livro do sr. Robert Lincoln Kelly é um livro rico de informações sobre varios aspectos da vida universitaria no seu país. Informações por elle reunidas no afan de desenvolver, dentro de um idealismo ás vezes convencional, o thema: "é funcção dos collegios [universitarios] promover o bem geral". De modo que não lhe parece poder haver retrahimento da parte dos collegios universitarios em face das "aspirações populares". — **GILBERTO FREYRE.**

THOMAS HAMILTON ORMBEE — **THE STORY OF AMERICAN FURNITURE.** — The Macmillan C.º. — New York.

Essa historia do mobiliario americano, como foi comprehendida pelo autor, é, em alguns trechos, quasi uma historia social dos Estados-Unidos através dos seus moveis.

Sente-se a vida e a formação do país, quando se lê que dos primeiros colonos só consta que tenham levado um berço — naturalmente sem nenhuma intenção symbolica; que todos os moveis, a não ser o de um ou outro homem rico como Washington, que os mandava vir da Inglaterra, eram fabricados nas provincias do Norte que suppriam o Sul, mais agricola, e che-

gavam a exportar para a America latina; que a idéa que todos fazemos das antigas refeições familiares, em grandes mesas acolhedoras, cercadas de adultos e crianças, cobertas de pratos fumegantes, é falsa, pelo menos até o seculo dezoito, visto como as mesas eram até então muito pequenas, adaptadas do costume de comerem primeiro os homens e depois as mulheres e crianças; ou que, de gente afeita ao trabalho, as camas eram pequenas e simples, mas sempre providas de cortinas porque era commum não haver quartos de dormir, sendo as camas collocadas em cantos das salas; a expressão "curtain lecture" applicada ás scenas conjugaes vem, segundo o autor, desse habito de dormirem os casaes fechados por cortinas.

Quanta cousa interessante conta assim o autor, de passagem, em meio ás descripções de moveis e estilos, ás distincções entre um sofá "rainha Anna" e um Chippendale, ao meio de reconhecer a origem de uma commoda pela madeira com que foi fabricada! Ficamos, por exemplo, sabendo que Benjamin Franklin junta a todos os seus titulos o de inventor da cadeira de balanço, dessas **rocking-chairs** que se tornaram o grande conforto dos nossos avós.

Com mais de uma centena de illustrações, com o seu texto rico de informações, este livro não é util e agradável apenas para os colleccionadores americanos a que se destina, mas a todos os que sabem dar valor ao passado. — **LUCIA MIGUEL-PEREIRA.**

AMERICAN GUIDE SERIES
— MASSACHUSETTS — A
Guide to its Places and People. — Houghton Mifflin C.º. — Boston.

Pela maneira por que foi feito, este guia de Massachusetts representa uma novidade. A sociedade **Works Progress Administration**, querendo aproveitar e proteger intellectuaes sem trabalho, iniciou esta obra que permittiria a collaboração de artistas e estudiosos os mais diversos; pesquisadores

de todas as especialidades, escriptores, historiadores, ethnographos, anthropologistas, geologos, geographos, naturalistas, cartographos, desenhistas, photographos.

Com tantos especialistas, o guia não podia deixar de sair como saiu — excellente, sobrepujando de muito o fito inicial, pois os autores, de beneficiados, passaram a beneficiadores, sobretudo dos estrangeiros que visitarem Massachusetts. Estendida a todos os Estados, esta obra teria o maior alcance para o conhecimento dos Estados-Unidos. — L. M.-P.

LYNWOOD M. CHACE —
SOOK AT LIFE! — A collection of Nature Photographs.
— A. A. Knopf. — New York.

Este album de photographias de animaes, com precisas e rapidas legendas explicativas, revela sobretudo o progresso admiravel da arte photographica, e o auxilio que pode prestar á sciencia. Com nitidez admiravel, as photographias augmentadas de insectos, por exemplo, farão as delicias dos entomologistas; e algumas, como a de uma borboleta entre rosas, tão clara que se vêem os menores detalhes das asas, encherão tambem os olhos dos artistas. — L. M.-P.

E. WIGHT BAKKE — **THE UNEMPLOYED WORKER, e CITIZENS WITHOUT WORK.**
— Publicação do "Instituto of Human Relations" da Yale University. — Yale University Press, 1940.

Em dois bem fundamentados volumes, E. Wight Bakke, professor de economia e membro do Jonathan Edwards College, da Universidade de Yale, reúne suas pesquisas e suas conclusões sobre o mais importante dos problemas que os Estados-Unidos enfrentaram com a crise de 1929. **The Unemployed Worker** e **Citizens Without Work** são, antes de tudo, um consciencioso panorama da questão

dos sem-trabalho, visto através de dados colhidos durante dez annos.

O autor iniciou seus estudos da questão em Londres, no anno de 1931, resumindo-os mais tarde (1933) no seu **The Unemployed Man**, reeditado em Nova York em 1935. Agora, nos dois novos volumes, que representam o resultado de pacientes inqueritos procedidos nas classes desempregadas americanas, propõe-se a responder a algumas perguntas de ordem vital para a extinção do **chômage**: a multiplicidade de problemas de administração e justiça social surgidos com os sem-trabalho, a verificação da existencia ou não de uma causa especifica para a falta de empregos, os efeitos da falta de empregos nas instituições da comunidade, a segurança social, e finalmente os serviços sociaes que poderão ser postos em pratica após o conhecimento de todos os dados do problema.

E. Wight Bakke afastou-se assim do que, para quaesquer outros perquiridores de problemas sociaes, seria um trabalho de gabinete. Elle, por assim dizer, desprezou todos os dados que não fossem colhidos directamente entre os desempregados. O "Institute of Human Relations" vem mantendo, até os dias de hoje, uma commissão que desde 1932, sob a direcção de Wight Bakke, se entregou aos mais cuidadosos inqueritos junto ao proprio desempregado. O plano mesmo dos dois volumes orientou-se no sentido de pesquisar a vida do **chômeur**, tendo por principio as seguintes fontes de informação: 1.º — a participação como desempregado na vida do desempregado, durante o periodo de 32-40; 2.º — estudo intensivo dos casos e problemas orçamentarios na vida de 25 familias de desempregados, no periodo de 32-39; 3.º — testes e entrevistas com duzentas familias de desempregados escolhidas ao acaso, entre duas mil familias de New Haven, em 1933; 4.º — investigação, em 10 por cento dos casos, sobre administração domestica, em 1938; 5.º — entrevistas com dirigentes do trabalho social, ministros, officiaes administrativos e funcionarios que tenham contacto com desem-

pregados, incluindo pagadores de salários, policia e firmas industriaes e commerciaes de New Haven; 6.º — exame de documentos e relatorios sobre os auxilios sociaes prestados a esses mesmos desempregados.

Com esses dados, E. Wight Bakke faz um levantamento de todos os officios que, com a crise de 29, deixaram operarios sem seus empregos e sem oportunidade para novo trabalho. Em todo ramo de actividade agricola, industrial ou commercial, onde um novo elemento pudesse ser colhido, o autor e seus auxiliares levaram o inquerito a minucias surprehendedentes, que vão das condições especiaes de cada caso isoladamente, ás condições de ordem politica, social, economica e religiosa, de grupos, da familia ou de individuos. A maior ou menor dependencia do dinheiro, o desejo de tarefas particulares, os anseios, as aspirações, as difficuldades, os dramas de uma massa humana que chegou a attingir uma cifra assustadora, estão ali condensados, de tal maneira que se tornou perfeitamente possivel traçar uma linha de forças que fosse a media de necessidades e garantias a serem estudadas. Os proprios desempregados fazem ali, principalmente em **The Unemployed Worker**, a critica das medidas adoptadas pelo governo, indicando onde estavam as falhas para seus casos particulares, ou a sua especie de profissão. A luta dos caçadores de trabalho, o drama das constan-

tes mudanças de especialização, o contacto do **chômeur** com a comunidade e seus principaes effeitos, tudo serviu para finalmente Bakke concluir que o desemprego modificou do modo mais completo a technica do proprio trabalhador, e todo o systema de socorro social até então existente. No final desse volume, uma serie de tabuas fixa as inclinações de toda ordem do desempregado, e será, evidentemente, um guia precioso para o administrador ou o legislador que tiver de enfrentar o problema.

Em **Citizens Without Works** é toda a vida do homem desempregado que se focaliza. A sua posição religiosa, o maior ou menor vigor moral das comunidades, as condições de hygiene, o proprio folclore desses novos grupamentos humanos, a desorganização da familia, os habitos, a alimentação, as recreações e diversões. Finalmente, Wight Bakke passa a dedicar-se á cura do mal — não somente á cura do **chômage**, mas á dos effeitos que produziu, não só em cada individuo, como na comunidade. São capitulos admiraveis de segurança e justiça social aquelles em que encara de frente o problema da segurança da familia e do Estado, nos quaes aponta as necessidades de socialização do trabalho e as possibilidades de equilibrio economico com a adopção de medidas do mais alto alcance social. — **GUILHERME FIGUEIREDO**.

ARTES PLASTICAS

O PERIGO DAS FORMULAS

Li há dias, numa revista de jovens, uma serie de conceitos sobre arte, particularmente sobre a pintura, referindo-se a um ponto muito discutivel e que, me parece, ainda não foi plenamente discutido. A questão se resume no esquema Pintura — Decorativismo X Pintura — Pintura. Essa equação levantada para comparação de duas maneiras de pintar — a maneira do Rio e a maneira de São Paulo — concluia que os pintores do Rio, dando uma função decorativa á sua pintura, em opposição á pintura pura dos artistas de São Paulo (representados pela formula Pintura — Pintura), estavam, por essa razão, num plano alheio aos verdadeiros e severos problemas da arte.

Esse ponto representa a compreensão da pintura em si mesma, e a fere e a confunde na sua intima essencia, no seu mais legitimo modo de revelar-se.

Sem uma nitida definição do conceito esthetico, que reciprocamente rege a obra de ambos os grupos, o problema apresentou-se sem ter sido desdobrado em suas partes, ficando apenas uma terminologia arbitraria e confusa.

O esquema Pintura — Decorativismo X Pintura — Pintura, deixa assim de ter um sentido estricto, preciso, dentro dos dados reaes pelos quaes se comprehendem os seus componentes.

O que se deve ver no quadro e o que lhe dá a verdadeira qualidade é o meio plastico de que se serve o artista para exprimir o seu assumpto, é a sua organização de colorido, o dominio da composição sobre os elementos que a constituem.

O equilibrio dessas partes deve dar um resultado fortemente expressivo, altamente emotivo.

Pois se a pintura é uma linguagem de criação, o que dá ao quadro o seu caracter é a authentica revelação dessa linguagem, no seu modo mais particular, mais desligado de outros compromissos.

O que dá, porém, á pintura a função decorativa, é o seu aproveitamento com uma finalidade ornamental. Nesse caminho, a pintura se despoja de toda intensidade, de conteúdo dramatico, para realizar-se dentro de qualidades plasticas puramente sensoriaes.

Não percebo por que se intitula desse modo a pintura dos artistas do Rio, uma vez que a arte delles está ausente desse sentido ornamental de que falei acima.

Analysando no que a pintura do Rio se distingue da pintura de São Paulo, encontramos, apenas, entre as características de constituição do quadro, a differença no colorido.

A pintura de São Paulo é, na sua generalidade, realizada por meio de tons baixos e discretos, conseguidos das terras (ocre, terra de Sienna) mais o branco, e, raramente, o preto, emquanto que a pintura do Rio usa a palheta franca, com todos os componentes do espectro, dando-lhe a applicação que o espirito do motivo pede á symbolica das côres.

Resulta disso que a pintura do Rio se torna mais brilhante, mais variada de côr, enquanto que a pintura de São Paulo, devido aos tons empregados, fica opaca e discreta.

Não vejo nisso nenhuma diferença estrutural marcante, que dê a uma, em detrimento da outra, maior ascendencia.

Esse ponto de vista, de fixar nos tons de terra (que dão a qualquer motivo a discrição que o seu reflexo psychologico desperta) uma superior característica de qualidade, não vem ao caso, pois o emprego dessas côres, além de poder ser feito, tambem, em função estrictamente decorativa (frisos, gregas), não dá, em si mesmo, nenhuma força verdadeiramente plastica, se o artista não as utilizar dentro da real e poderosa linguagem da pintura.

O uso de certas côres brilhantes, como o azul, o vermelho e o amarelo, não tira ao quadro a sua importancia como authentica pintura, nem o torna automaticamente uma obra decorativa, pois nesse genero não é a organização de côr que o distingue, mas o proprio modo eschematico de conceber a forma, no qual se enquadra a estilização.

Essa concepção da pintura baseada na limitação de colorido está errada. Seguindo aquelle caminho, que teria sido da pintura veneziana, do Goya dos brinquedos de Espanha? Por que temer a côr? O que importa é empregá-la com harmonia, como authentico pintor, dando-lhe a maior intensidade, tirando das suas relações o maximo de vigor. Não recusá-la, por um preconceito que se justifique através de um raciocinio sophista.

E nisso o peor é que se cria a coisa mais perigosa em materia de arte: o *poncif*.

O grupo paulista é um grupo homogeneo, de artistas applicados, estudiosos, porém, dentro desse eschema, terminará por deshumanizar-se, dispensando-se de sentir profundamente o mundo e a vida, de dar uma contribuição autonoma, que ultrapasse os fins puramente technicos, a que serão levados pela estreiteza de tal conceito.

SANTA ROSA



THEATRO

O DRAMA NORTE-AMERICANO

A arte theatral nos Estados-Unidos, em seu aspecto educativo, já nos mereceu uma chronica nesta secção. Falavamos do grande surto de educação artistica naquella paiz e dos principaes focos desse movimento de cultura em favor das artes de theatro. Hoje, podemos voltar ao assumpto com novos dados que esclarecem desta vez a propria historia literaria e profissional do theatro dramatico norte-americano. Devemos esses dados interessantes ao sr. John Gassner, autor de uma anthologia sobre a literatura dramatica em seu paiz e de um prefacio em que faz o resumo historico dessa literatura e de sua realização theatral: *Twenty Best Plays of the Modern American Theatre* (Crown Publishers, New York, 1939). Essa publicação inicia uma serie que será editada pelo Departamento de Cooperação Intellectual da União Pan-Americana, de Washington, com o fim de desenvolver intellectualmente o seu programma continentalista. Taes estudos serão traduzidos nas demais linguas americanas e trarão assim uma excellente oportunidade á divulgação da cultura continental. O estudo que serve de prefacio á mencionada anthologia do sr. John Gassner já é traduzido em portuguez e publicado á parte com o titulo de "Um Decennio do Drama Norte-Americano". Esse estudo nos fala de uma literatura theatral já merecedora desse nome, cuja formação tem-se accentuado nestes ultimos dez annos e já apresenta nomes de valor. O que nos faz pensar no estado da nossa propria literatura theatral, que aguardará possivelmente mais um seculo para dar signal de existencia.

Nos Estados-Unidos, a literatura dramatica foi naturalmente acompanhando o movimento da organização theatral. E' phenomeno que nada tem de novo. A primeira peça nacional de que há noticia chama-se *The Contrast*, de Rajall Tyler, e foi encenada em 1787. Mas somente um seculo depois, isto é, no fim do seculo XIX, é que apparece o primeiro autor de certa importancia, James A. Herne. Ainda assim, tudo estava muito longe de poder competir com o producto europeu da mesma época. E' a partir do começo deste seculo que se podem encontrar os dados de um movimento theatral realmente decidido.

Em 1915, surgiram ao mesmo tempo três companhias dramaticas com os nomes de "Washington Square Playcrs", "Provincetown Players" e "Neighborhood Playhouse". A entrada do paiz na guerra restringiu o alcance do movimento. Fimda a guerra, surgem por volta de 1920 os indícios de uma primeira maturidade da arte dramatica americana. Nesse anno, estréa Eugene O'Neill com *Beyond the Horizon* e a primeira versão de *Anna Christie*; e ainda oito meses depois, a terceira peça do mesmo autor, *Emperor Jones*. Poucos annos bastaram para reunir um punhado de nomes de valor ao já consagrado de O'Neill, e assim surgem: Maxwell Anderson, George Kelly, Elmer Rice, George Kaufman, Marc Connelly, Sidney Howard, John Howard Lawson, Philip Barry, Robert Sherwood, Paul Green, S. N. Behrman. Esse periodo, que vae de 1920 a 29, marca não só a grande expansão economica e social dos Estados-

-Unidos como também o verdadeiro surto da independência intellectual do país já em franca emancipação dos preconceitos provincialistas e puritanos.

O decennio de 1930 começou para o theatro sob o mau signo da grande crise financeira. A organização profissional ficou praticamente desmornada e a competição do cinema tornava tudo ainda mais precario. Mas os factos iriam provar quanto era forte o "moral" do theatro norte-americano desse tempo, o qual pôde reagir e dominar heroicamente as difficuldades praticas de reorganização. No principio, foram dezenas de companhias que desapareceram. Em importancia quasi que restava um unico sobrevivente, "The Theatre Guild". Esse manteve-se pelo prestigio de sua orientação artistica. Do seu repertorio faziam parte obras nacionaes de primeira ordem, como: *Elizabeth, the Queen, Hotel Universe, Green Grow the Lilaçs, Mourning becomes Electra, Reunion in Vienna, American Dream, Biography, Both Your Houses, Ph. Wilderness, Mary of Scotland, They shall not die, Valley Forge, Rain from Heaven, The Philadelphia Story*. A persistencia dessa companhia foi o maior estimulo para o futuro proximo da arte scenica. Alguns annos mais de reconstituição permitiram o apparecimento de novas empresas, uma dellas com antigos elementos mesmo do "Theatre Guild". Em 1928, antes da crise, alguns tinham já tomado parte nas experiencias que levaram á scena *New Year's Eve*, de Waldo Frank, e *Balloon*, de Padraic Colum. Entre 1930 e 31, reorganizaram-se numa companhia autonoma, "The Theatre Group", e tratam de encenar uma peça famosa, *House of Connelly*.

A nova companhia atravessou uma phase incerta, até surgir a personalidade que seria o maior autor dramatico do ultimo decennio — Clifford Odets, um ex-actor. Na opinião do sr. John Gassner, é essa a figura que mais tem contribuido para a vitalidade do theatro norte-americano nestes ultimos annos. Dois novos nomes foram attrahidos pelo grupo: os escriptores Irwin Shaw e William Saroyan.

A crise econômica, dissolvendo no começo tantas empresas theatraes, produziu em seguida outros effectos. O numero de desempregados levou muitos a procurar o theatro profissional e, por outro lado, o descontentamento social inspirou uma orientação no sentido do chamado theatro esquerdistista. Essa orientação se completava por uma outra: o combate ideologico ao fascismo. A companhia "New Theatre League" se caracterizava pelo seu programma "social". Publicava uma revista de grande successo, *New Theatre*. Quando Clifford Odets ganhou um concurso promovido por essa revista, tornou-se o dramaturgo official do grupo. Paul Green e Irwin Shaw foram também dos que escreveram para o *New Theatre*, cujas representações foram levadas a todo o país. Daquelle ultimo autor, a peça *The Gentle People*, a revolta dos debeis contra os violentos, foi recebida com entusiasmo. Em 1937 a companhia entrou em decadencia, depois de descobrir mais um autor dramatico, Marc Blitzstein.

Outra organização em favor do drama social foi "The Theatre Union", que teve de se dissolver devido aos excessos da propaganda praticada. Teve porém o merito de encenar um drama sobre o conflicto racial do Sul norte-americano, *Stevedore*, um outro sobre as regiões mineiras, *Black Pit*, de Albert Maltz, e ainda o drama dos montanhesees do Sul em luta contra o industrialismo, *Let Freedom Ring*, de Albert Bein.

Outra iniciativa de significação foi o "Federal Theatre", esta de caracter official e subordinada á "Administração Nacional de Obras". Começou a existir em 1935, sob a direcção de Miss Hallie Flanagan, do Collegio Universitario de Vassar, e encerrou o seu programma no verão de 39. Foi uma obra de incentivo official do theatro, no interesse de canalizar uma parte da onda de desemprego. Duas interessantes iniciativas ligadas a essa obra foram o "The-

atro Negro" e o "Theatro Infantil". O primeiro encenou uma versão de *Macbeth* e a peça *Haiti*, do autor afro-americano William Du Bois. O theatro official não repudiou a propaganda politica e orientou-se pela acção antitotalitaria. Uma informação preciosa sobre esse theatro subvencionado é a que nos dá o sr. Gassner: "criou a mais original contribuição dos Estados-Unidos ao genero dramatico: o "jornal vivo", dramatização de problemas da actualidade relacionados com a agricultura, o trabalho, as empresas de serviços publicos, as doencas venereas ou a vivenda popular"... Não podia faltar, na historia do theatro nos Estados-Unidos, uma nota humoristica propria de tudo que é incipientemente norte-americano. O sr. Gassner, com uma innocencia perfeitamente nacional, explica: "Porém sem procurar sobreviver como literatura, o que tinha em vista era enriquecer a scena theatral com honradez intellectual, appellando para os sentimentos e proporcionando distracção."

Um nome a ser lembrado entre os primeiros é o do director de scena Orson Welles, que formou uma notavel companhia theatral, "Mercury Theatre", dedicando-se á reconstrucção de obras antigas, principalmente o *Julio Cesar*, de Shakespeare. Sempre uma ideologia democratica a inspirar o theatro. Em 1938, já se podia tambem apontar uma sociedade de autores theatraes como "The Play wrights' Theatre", composta de cinco autores já consagrados, que inaugurou uma tarefa rigorosamente artistica.

*

A anthologia do sr. John Gassner seleccionou as seguintes obras dramaticas: Maxwell Anderson, *Winterset* e *High Tor*; Robert Sherwood, *Idiot's Delight*; Paul Green, *Johnny Johnson*; Marc Connelly, *Green Pastures*; George Kaufman e H. Hart, *You can't take it with you*; S. N. Behrman, *End of Summer*; Philip Barry, *Animal Kingdom*; Bella e Samuel Spewack, *Boy Meets Girl*; Clare Boothe, *The Women*; Mark Reed, *Yes, My Darling Daughter*; J. C. Hilm e George Abbott, *Three Men on a Horse*; Zillian Hellman, *Children's Hour*; Jack Kirkland e Erskine Caldwell, *Tobacco Road*; John Steinbeck, *Of Mice and Men*; Sidney Kingsley, *Dead End*; Irwin Shaw, *Bury the Dead*; Archibald MacLeish, *Fall of the City*; Clifford Odets, *Golden Boy*; E. Ferber e S. Kaufman, *Stage Door*.

R. NAVARRA

POLITICA INTERNACIONAL

NEUTRALIDADE TECHNICA

O Presidente Roosevelt está agora investido dos plenos poderes que impetrara ao Congresso, no mês de janeiro. Representantes e senadores, por grande maioria, votaram o projecto 1.776, que dá ao primeiro magistrado faculdades especiaes para emprestar ou arrendar á Grã-Bretanha e a outras democracias o material de guerra de que necessitarem. E' uma autorização ampla, que se estenderá pelo tempo até 14 de julho de 1943.

Assim, aquillo que os países do Eixo mais temiam, ou seja uma intervenção americana na guerra, acaba de dar-se.

A posição de "neutralidade technica", consistindo apenas em não enviar soldados e marinheiros, é um puro euphemismo. Na realidade das coisas, a America do Norte está empenhada no conflicto.

Dependerá apenas da Alemanha acceitar a situação, tal como se apresenta, ou repelli-la como um acto de guerra. Esse novo passo, como se vê, não depende mais de Roosevelt, mas dos governos totalitarios.

O chanceller do Reich, como o declarou Rauchning, no seu livro **Hitler disse-me**, punha toda a esperança do exito da campanha contra a França e a Inglaterra na Lei de Neutralidade americana.

Interpretava aquelle documento como uma disposição explicita do povo de não se envolver mais nas contendas européas, á vista dos mesquinhos resultados da guerra anterior.

Os insulacionistas, movidos pelo famoso conselho de Washington, haviam prevalecido, emfim, sobre a grande massa daquelles que queriam que os Estados-Unidos continuassem a desempenhar um papel relativo á sua importancia no mundo, na politica dos povos.

Quando acontecesse, pensava o sr. Hitler, que os americanos se decidissem a tomar uma posição intervencionista, fá-lo-iam, deante mesmo da lentidão das resoluções propria dos regimes democraticos, a más horas. O seu auxilio chegaria tardiamente, quando a França e a Inglaterra já houvessem caído. A previsão foi certa quanto á grande republica latina. Mas a Grã-Bretanha resistiu o verão, o outómno e o inverno de 1940. Durante oito meses, sob a commoção dos pesados bombardeios das cidades inglesas, o povo americano sentiu o choque psychologico necessario á evolução dos seus pontos de vista. Reelegeu Roosevelt, com um programma nitidamente intervencionista. Compenetrou-se de que o destino das liberdades publicas americanas está vinculado á permanencia da esquadra britannica.

Depois disso, tudo o mais seriam consequencias secundarias e inevitaveis. A lei de plenos poderes foi um simples corollario. Depois della fez-se a unanimidade. Numerosos representantes e senadores insulacionistas pas-



saram a apoiar o Presidente Roosevelt, em nome do sentimento patriótico da unidade nacional, e um magnata da imprensa, como William Randolph Hearst, implacável adversário da intervenção, acabou curvando-se aos impositivos da vontade colectiva.

Rendeu-se á evidencia das novas condições psychologicas da nação. A "neutralidade technica" é demasiado fragil, porque a sua manutenção depende de factores imprevisíveis. Um mero accidente no mar acarretará consequencias definitivas.

Alemães e italianos, accusando a reacção do acto do Congresso dos Estados-Unidos, asseguram que o auxilio á Inglaterra não chegará aos portos ingleses. E' a ameaça da campanha submarina vastamente annunciada pelo chanceller Hitler, para a primavera deste anno. Basta que seja torpedeado um navio americano para que o quadro se transmude e a "neutralidade technica" se torne em belligerancia activa.

O REGIME REPRESENTATIVO EM FUNCCÃO

Certos circulos da opinião universal deram signaes de impaciencia deante do rythmo demorado das discussões no Congresso dos Estados-Unidos. Os tramites da rotina parlamentar pareciam estafantes e punham em perigo a propria finalidade da lei.

Ora, seria illogico que os americanos, que estão decididos a bater-se pela permanencia dos ideaes democraticos, na forma de governo representativo, comessem por derogá-los como inuteis ou perigosos.

O debate em nada prejudicou a execução do decreto legislativo, nem sequer retardou a marcha do trabalho industrial necessario ao cumprimento das suas clausulas.

Antes hauriu maior força e prestigio, no vasto debate nacional que se travou em torno delle.

Em virtude dessa liberdade consciente e fecunda é que se verificou, assignada a lei, a rendição da grande maioria dos que a haviam combatido.

NÃO FUNCIONARA' A ALLIANÇA EURO-ASIATICA?

A' medida que na America do Norte se accentuavam os indices de que se daria uma intervenção americana no conflicto europeu, a linguagem de estadistas, porta-vozes e jornaes japoneses ia se modificando. As ameaças e insinuações do uso da força cederam aos conselhos e advertencias amigas.

O almirante Nomura, novo embaixador nipponico em Washington, enviado expressamente para "afastar o conflicto", chamou os jornalistas e assegurou-lhes que o Imperio não atacaria os Estados-Unidos.

Verificou-se logo uma differença de tonus entre os commentarios da imprensa japonesa e os dos jornaes alemães e italianos. Esses ultimos pretendiam apresentar a lei de plenos poderes como um acto de aggressão, previsto no tratado da Alliança Triplice, e exigiam o cumprimento da clausula que obriga o Japão a atacar a America.

A imprensa nipponica, mais cautelosa e senhora das responsabilidades do país, mostrou-se prudente e serena. Produziu-se então um acontecimento inesperado: a viagem do ministro do Exterior, sr. Matsuoka, para "conhecer pessoalmente os srs. Hitler e Mussolini, novos aliados do Imperio".

No longo itinerario, de Tokio a Berlim, o sr. Matsuoka abandonou a linguagem vehemente e aggressiva do fim do anno passado. Há mais comprehensão e pacifismo nas suas declarações. Quanto mais se aproxima da Europa, menos bellicosas são as suas idéas.

E' que o Japão não contava com a energia da acção anglo-americana, que se fez sentir promptamente. Os ingleses transformaram o archipelago malaio numa fortaleza, enquanto a esquadra americana tomava posições bem claras no Pacifico.

A impressão dominante é que a alliança euro-asiatica, pelo menos por enquanto, não funcionará de accordo com as previsões e a vontade de Berlim e Roma. Haverá um longo compasso de espera, conforme, aliás, com os methodos da diplomacia oriental.

O Japão não está preparado para uma guerra com os Estados-Unidos, o Imperio Britannico e a China. Basta acompanhar o desenvolvimento da campanha contra o governo nacionalista chinês para comprehender-se que a potencialidade do Exercito e das forças aereas nipponicas não corresponde á vastidão da politica de conquista que o seu governo deseja realizar, implantando a "nova ordem" na Asia.

O sr. Matsuoka exporá todos os problemas com que se debate o Imperio e os perigos de lançar-se a um conflicto com a União Americana, sem garantir-se primeiro da neutralidade russa e sem haver concluido a paz com o generalissimo Chiang-Kai-Shek.

Os estadistas totalitarios do Occidente ficarão decepcionados quando ouvirem do illustre ministro do Exterior japonês que as condições bellicas do Imperio estão longe do que suppunham. Se a Marinha de Guerra é optima e poderosa, a mechanização do Exercito está muito atrasada e as forças aereas são diminutas e anachronicas dcante do progresso realizado na Inglaterra e nos Estados-Unidos.

Emquanto perdurar essa inferioridade, a alliança euro-asiatica terá sido apenas uma formula escripta.

AUSTREGESILIO DE ATHAYDE



NOTAS E COMMENTARIOS

IMAGENS DA GUERRA EUROPÉA

Na esphera das cogitações quotidianas do homem brasileiro, mesmo o mais distraído das cousas do mundo, não há duvida que a guerra européa occupa lugar do maior relevo. O drama de tantos povos attrae o interesse e fere a sensibilidade de todo o mundo, só se conservando distante e á margem de tamanha tragedia um ou outro espirito arido e sem communicações. Dahi, evidentemente, a verdadeira emoção literaria despertada, nos ultimos tempos, por alguns livros que, sob angulos diversos, nos offerecem imagens da guerra actual — preparação, perspectivas ou reflexos della.

Das modas literarias será esta talvez a mais benefica, porque os livros que agora apparecem sobre esse dramatico episodio da vida européa contemporanea, de uma forma ou de outra, trazem ao espirito brasileiro uma quota apreciavel de convicções, de idéas e sentimentos, pondo-nos em contacto com uma realidade cruel a respeito da qual precisamos todos andar bem prevenidos.

Dentro de curto prazo, appareceram em nossas livrarias innumeras obras de palpitante interesse — traducções de livros que, no original, pelo seu elevado custo, se destinam á leitura privativa de intellectuaes ricos ou de ricos intellectuaes. E' assim que poderemos citar alguns volumes significativos desse phenomeno literario: Tragedia na França, de André Maurois (trad. de Antonio Lage), ... E eu não encontrei a paz! — Memorias de um correspondente estrangeiro, de Webb Miller (trad. de Orlando Sattamini Duarte), O drama da Europa, de John Gunther (trad. de Gilberto Miranda), Os sete mysterios da Europa, de Jules Romains (trad. de Emíl Farhat), A derrocada de uma nação — A historia intima dos homens que traíram a França, de André Simone (trad. de Noel Madeira), Estes dias tumultuosos — Biographia de uma geração desesperada, de Pierre van Paassen (trad. de Leonel Valandro), etc. Não é só: já se annunciam mais dois livros de certa sensação: Noite de agonia em França — no original A travers le désastre —, de Jacques Maritain, traduzido e annotado por Tristão de Athayde, e Eu vi a França cair, de René de Chambrun, em traducção de Giuseppe Anado.



O publico literario brasileiro vae, assim, acompanhando de perto, através de depoimentos de inexcedivel importancia, as reacções que a guerra provoca na sensibilidade dos homens.

“LIÇÕES DA VIDA AMERICANA”

O esforço que o Instituto Brasil-Estados-Unidos vem realizando, no sentido de offerecer-nos um contacto vivo e permanente com as realidades do mundo americano, é realmente digno da nossa maior sympathia, pelo que representa em relação á boa e fecunda politica de aproximação cultural, favoravel ao melhor entendimento e comprehensão entre os povos do continente.

Seja porque o exame da actualidade dos Estados-Unidos, sob qualquer aspecto, hoje interessa fundamente ao nosso publico intellectual, seja porque os especialistas incumbidos desse exame gozau de merecido conceito nos circulos culturaes do país, o certo é que a serie de conferencias patrocinadas por aquella entidade, intitulada “Lições da Vida Americana”, tem obtido surprehendente exito.

Essa iniciativa, de si mesma auspiciosa, se reveste ainda de maior alcance com a divulgação, em folhetos de feição uniforme, dos interessantes comptes-rendus que, em conjunto, constituem um panorama dos Estados-Unidos de hoje e um documento de sua expansão e influencia sobre o mundo moderno e o Brasil em particular.

Dessas conferencias, cinco já appareceram em letra de fôrma, e permittimo-nos citá-las, sem encarecer-lhes, por desnecessario, a importancia de cada uma: A imprensa americana e seus reflexos no Brasil, de Nobrega da Cunha; Contribuição americana á educação, de F. Venancio Filho; A expressão musical dos Estados-Unidos, de Mario de Andrade; A sciencia a serviço da agricultura americana, de Heitor Grillo, e Viagem através da literatura americana, de Erico Verissimo. Estão annunciadas: Contribuição americana ao progresso da medicina, de Osvaldo Pinheiro Campos, e O cinema e sua influencia na vida moderna, de Annibal M. Machado.

NOMES

Uma das grandes singularidades do Brasil é a escolha dos nomes.

No Occidente christão, ao nascer uma criança, o nome que se lhe dá, se não obedece a uma tradição de familia, segundo a qual se põe ao recém-nascido o nome dos paes, dos avós, de algum tio ou padrinho, é o do santo ou santa do dia ou o do padroeiro celeste da especial devoção dos paes. E' o criterio mais corrente e o menos arbitrario, embora não evite de todo nomes estranhos, de difficil pronuncia, nomes exóticos e inadequados ás criaturas que os usarão depois. Ao lado dos milhares de Marias, Josés, Antonios, Franciscos, Tere-



sas, Pedros, Paulos, Annas, Migueis, Gabrieis, Raphaéis, vêm os Zenobios, os Pancracios, os Tiburcios, as Quiterias, as Gertrudes, nomes todos da côrte celeste, mas nem por isso bellos e sonoros.

No Brasil, entretanto, é incrível o destemor do ridiculo por parte dos paes. Ler um lista de reservistas militares, uma relação de funcionarios, ou o livro de inscripção de socios de uma associação qualquer, é encontrar a todo o instante Homeros, Platões, Aristoteles, Leonidas, Ciceros, Cesares, Napoleões. E tambem Voltaires, Racines, Diderots, Victor Hugos, Washingtons.

Todos os grandes nomes da Historia, poetas, grandes capitães, homens de Estado, resurgem em loiras ou tostadas criaturas enfeitadas de um Silva, Sousa ou Azevedo.

Em geral, os portadores desses nomes illustres vegetam na mais triste mediocridade — pobres escripturarios de modestas repartições, caixeiros obscuros.

Que pena não causa ver aquelle infeliz Aristoteles de Assumpção, servindo café, no gabinete do director geral! E que dizer de Napoleão Meirelles, cobrador da Light?

Como corrigir essa deploravel mania? Muitos são os meios aconselháveis. O menos efficaz não será a intensificação do tratamento antiluetico.

UM LIVRO SOBRE O BRASIL

Da Londres heroica e martyr chega a noticia do apparecimento de um livro sobre o Brasil: Feudal Island, de Desmond Holdrige. E' o que registra o supplemento literario do Times, de dois meses atrás, redigido e composto sob as bombas dos aviões inimigos, sem que se demonstre qualquer alteração — o mesmo papel, o mesmo numero de paginas, as mesmas secções. Os ingleses não admittem que a guerra lhes modifique a vida. Combatem, soffrem, morrem, mas continuam os mesmos.

Voltando ao livro: a "ilha feudal" é a ilha de Marajó. Pelo que se deprende da nota do Times, trata-se de obra de turista, trabalho de viajante attento, em que se estuda a ceramica indigena e ao mesmo tempo as condições economicas da ilha amazonica.

A vida intellectual não está paralyzada na Inglaterra.

PESQUISAS E DOCUMENTOS

CARTA DE FARNCISCO ADOLPHO VARNHAGEN AO DR. FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO

O livro a que se refere a carta é a Physica Vegetal da Comarca de Ilhéos, ms., que nunca foi publicado, nem se conhece o destino que tomou. Não vem mencionado no Catalogo da Bibliotheca de Varnhagen, hoje na posse do Ministerio das Relações Exteriores. E' possível que voltasse para Portugal, porque em uma das Bibliothecas Publicas desse país, a da Ajuda, talvez, existe um ms. botânico de Balthazar da Silva Lisboa, com bellas estampas de plantas brasileiras. — R. G.

Madrid, 4 de Novembro de 1852. — Meu caro amigo. Apresso-me a transmittir-lhe a carta inclusa, como legitima justificação de haverem sido entregues as cartas e papéis. Se ha engano na direcção facil será verificar isso. Com effeito, duvido que o St. Hilaire de quem trata a carta seja o nosso.

Quanto ao Balthazar, já fiz procurar em Lisboa uma folha que andava solta, em que vinha a dedicatoria, creio que ao Principe (o Sr. Dr. João 6.º). O titulo constava de um pedaço de papel da lombada, que estava a cair e caído ficou, quando comprei o livro aos Bertrand que, como sabe, são os mais famosos livreiros de Lisboa.

A compra effectuei-a depois de escrever as *Reflexões Criticas*, pois como V. S. pode ver da ultima ou penultima pagina destas, quando as publicava ainda o livro pertencia aos Srs. Bertrand, que m'ó venderam por não sei quantas peças (lembro-me que o preço era em peças, e que em ouro paguei). Estava como V. S. inclinado a não fazer viajar de novo o livro para a Europa, uma vez que elle pode ainda ser util, e apezar de que sou pobre para fazer presentes do que me custou tanto dinheiro, que o dia que queira posso aqui embolsar com vantagem, lá o deixo depositado onde está até resolver aonde o hei de destinar. Não duvido de que pertencesse á Bibliotheca real antiga, uma vez que era offerecido ao Principe; porem nesse caso veio para Portugal com outros manuscritos, e só foi extraviado em Portugal. Entretanto, a isso tenho' a oppor a falta absoluta dos sellos da nossa Bibliotheca, que se houveram posto no principio, no meio e no fim. Não ficaria antes em mão de algum ministro, cuja familia o vendera?

Termino, felicitando-me de haver salvado este livro de ir a outras mãos e de haver tido occasião de o emprestar a V. S., que se aproveitará d'elle com gloria para o nosso paiz. Creio que o serviço valia um genero *Varnhageniano*...

Se estiver disposto a fazer esta commemoração com uma das plantas novas cuja estampa salvei, desde já me offereço a fazer-lhe o presente do livro. Dê-me V. S. mais ordens e creia-me.

Muito de coração
Obrigado Creado
F. A. de Varnhagen.

VARIEDADES

UM ESTUDIOSO DE ASSUMPTOS BRASILEIROS — Passou pelo Brasil o prof. William Berrien, representante do Conselho Americano das Sociedades Eruditas e figura de projecção nos circulos culturaes dos Estados-Unidos. Alludindo á actuação desenvolvida pelo illustre professor universitario de literatura espanhola e hispano-americana, Gilberto Freyre, em artigo de jornal, accentuou a importancia dos seus estudos de critica literaria sobre assumptos brasileiros, os quaes são realizados com um criterio “que se destaca dos estreitos especialistas puramente philologicos ou chronologicos ou dos dilettanti superficiaes e de entusiasmo facil, pela amplitude de suas analyses reunidas a uma penetração, a uma sensibilidade, a uma segurança de erudição, raras nos criticos do seu país ou da Europa que se dedicam ao estudo das literaturas chamadas exoticas.”

Ouvido pela imprensa paulista, o prof. Berrien, que foi o primeiro professor de lingua e literatura brasileira nos EE.-UU. — em 1938, na Universidade da California —, referiu-se aos cursos que vão ser criados pela Comissão de Estudos Latino-Americanos, em Texas, sobre assumptos americanos, sob methodos modernos.

“O meu interesse pelas coisas do Brasil nasceu, propriamente, em 1935. Passei cinco dias no Brasil e, de volta ao meu país, resolvi estudar português e literatura brasileira. Hoje, felizmente, posso dizer que falo relativamente bem o português. Dessa maneira posso ler todos os romances interessantissimos que se publicam aqui e travar contacto com as mais importantes expressões da intelligencia brasileira.”

William Berrien é redactor da secção de musica da famosa publicação norte-americana *Hand Book of Latin America* e pretende publicar em breve um volume intitulado *Manual de Estudos Brasileiros*, em collaboração com o sr. Rubens Borba de Moraes, director da Bibliotheca Publica Municipal de São Paulo. Será um completo documentario da vida brasileira.

A respeito das directrizes culturaes norte-americanas, assim falou:

“Pode dizer-se que a tendencia mais profunda do romance norte-americano é o protesto social. Os romancistas procuram traçar um panorama das difficuldades sociaes da época. Uma expressão forte desse romance moderno dos Estados-Unidos vocês conheceram agora, há pouco: *Vinhas da Ira*, de John Steinbeck, que o cinema popularizou ainda mais. Aliás, John Steinbeck, justamente por causa dessa tendencia, é vivamente combatido pela critica academica.

“John dos Passos é um problema complexo, que merece um estudo á parte. Na minha opinião, elle é um artista que se entrega á vólupia artistica de fazer audaciosas experiencias em busca de uma nova expressão. Sob muitos aspectos John dos Passos é o escriptor

característico de um povo que se está formando, de uma comunidade social que se transforma em seus hábitos e costumes, de momento a momento. A sua novella *Manhattan Transfer* é bem expressiva nesse sentido. E' confusa, chaotica, quasi inintelligivel."

Por ultimo, o prof. Berrien disse:

— "Depois da guerra as gerações novas de escriptores passaram a desprezar tudo que tivesse uma tendencia moralizante. Tinham horror aos sermões, abominavam os moralistas. Ficaram completamente desilludidos, perderam a fé nos conceitos abstractos de liberdade, democracia, fraternidade, etc. Alguns dos escriptores de após-guerra não eram propriamente amoraes, mas não se permittiam o luxo de querer guiar as novas gerações. Recentemente, um ensaista norte-americano publicava um ensaio muito curioso sobre essa crise de scepticismo que adveio em seguida á Grande Guerra, intitulado *Os irresponsaveis*. Nesse trabalho, o autor confessou que talvez os escriptores que contribuíram para o descredito dos conceitos abstractos não tivessem razão. Nos ultimos dez annos vem-se verificando uma comprehensão mais nitida dos problemas sociaes, tanto na literatura como na arte. Escriptores e artistas lutam contra a tendencia deshumanizante. Diego de Rivera e Orosco, por exemplo, no principio, negaram mais do que construíram. Quando pintavam um "afresco" contra o capitalismo e contra a Igreja, elles não tinham em vista affirmar a figura empolgante do camponês, que tambem pintavam, mas negar o capitalismo e a Igreja. Hoje elles abandonaram essa attitudo e ao invés de pensar exclusivamente em destruir, constroem com uma serenidade que denuncia novas tendencias, tendencias certamente mais humanas."

DE CINEMA — Ginger Rogers, James Stewart e John Ford conquistaram os três premios cinematographicos mais importantes de 1940, da Academia de Artes e Sciencias Cinematographicas, sendo proclamados, respectivamente, a melhor actriz, o melhor actor e o melhor director.

Rebecca foi declarada a melhor pellicula de 1940.

Os principaes trabalhos de Ginger Rogers em 1940 foram *Primrose Path* e *Kitty Foyle*, o ultimo considerado a sua melhor criação. Os de James Stewart foram *Mr. Smith goes to Washington* (A mulher faz o homem), *A loja da esquina* (*The shop around the corner*), *Tempestade mortal* (*The mortal storm*), *No time for comedy* e *Nupcias de escandalo* (*A Philadelphia Story*).

Os films dirigidos por John Ford foram *Vinhas da ira* e *A longa viagem de volta*.

ESPAÑA-AMERICA — Segundo telegrammas de Madrid, o poeta espanhol Luis Gonzaga e o academico José Maria Peman virão brevemente á America do Sul, devendo realizar varias conferencias em Buenos Aires e Santiago do Chile.

ARCHEOLOGIA — Uma cidade maya em ruinas, até agora desconhecida dos archeologos, foi descoberta, nas vizinhanças da aldeia de Corquin, na provincia de Copán, ao Norte de Honduras, por monsenhor Frederico Lunardi, nuncio apostolico na America Central.

"JEAN CHRISTOPHE" E OUTROS — O ministro da Educação de Vichy prohibiu, nas escolas publicas e superiores, a novella *Jean Christophe*, de Romain Rolland, e 22 outros livros, didacticos.



A' MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS

A MENINA-LOBO

A historia de Kamala, a menina-lobo, capturada há cerca de vinte annos na India, é a mais extraordinaria das aventuras já-sucedidas a uma menina. Nada se sabe da sua vida até os oito annos presumiveis; não se sabe como teria caído em poder dos lobos, nem por que a adoptaram estes, em vez de a devorar.

Em outubro de 1921, levado por sua missão evangelizadora, chegava á aldeia de Godamuri o rev. J. A. L. Singh; ouvindo falar de um fantasma com face humana que apparecia, ao anoitecer, na mata dos arredores, resolveu investigar e descobrir o que havia. Guiado por um homem que já vira o "fantasma", escondeu-se no seu trajecto habitual. Escurecia, quando viu sair, de uma cova, um lobo adulto, logo seguido por dois outros, do mesmo tamanho, e mais dois menores. Logo depois destes vinha o "fantasma" — uma horrivel figura —; as mãos, os pés, o corpo eram humanos, mas a cabeça parecia uma bola ianosa, deixando de fora apenas os olhos brilhantes, com o brilho dos animaes nocturnos. Em seguida, outro "fantasma", em tudo semelhante a este, apenas menor. Andavam de quatro, com os pés e os joelhos.

Certo de que se tratava de criaturas humanas, resolveu o missionario capturar-las, o que foi feito pou-

cos dias depois, não sem luta, tendo sido necessario matar a loba-mãe, que defendia ferozmente as duas meninas. Porque os "fantasmas" eram duas meninas, de oito e dois annos presumiveis, a que deram o nome de Kamala e Amala, e que conduziram para o Orphanato de Midnapore.

Mais nova, Amala foi mais facil de domesticar, mas morria pouco depois, quando já começava a falar.

Kamala, que viveu até os dezeseite annos, dos quaes quasi metade como lobo, teve de soffrer um longo e penosissimo processo de reeducação. Reeducação é bem o termo, porque fôra educada — mas á maneira dos lobos. Todos os seus musculos, os seus nervos, os seus orgãos mesmo, se haviam adaptado ao modo de vida que levará. O olhar adquirira uma acuidade animal, o olfacto e o ouvido igualmente. Não falava, como bem se imagina, mas uivava como os lobos. Comia sem se servir das mãos, dormia o dia todo, e á noite era difficil contê-la; três vezes durante a noite, uivava longamente. Andava habitualmente com as mãos e os joelhos, mas, para correr, usava as mãos e os pés. Para conseguir que ficasse de pé, foi primeiro necessario dar-lhe massagens diarias para reabilitar seus musculos á posição normal. Assim mesmo, só um anno e meio depois da sua entrada no orphanato é que co-

meçou a ficar de joelhos quando queria alcançar algum objecto mais alto, e pouco depois começou a andar; mas, para correr, conservou sempre o habito de ficar de quatro, e só três annos depois pôde andar sem apoio. Com as outras crianças, procedia como um animal, rosnando se se aproximavam, rangendo os dentes e até mordendo. Então quando estava comendo, não permitia que ninguem chegasse perto. Sempre que podia, roubava comida, especialmente carne crua. Duas vezes, sendo que a segunda depois de dois annos de estadia no Orphanato, matou frangos e os devorou.

Amala, muito mais docil, porque menos deformada, foi, nos primeiros tempos, o unico meio de acção sobre Kamala; mas a sua morte como que augmentou ainda a selvageria da companheira, que se sentia só num meio estranho. Não queria sair de junto do corpo de Amala, recusando alimentar-se, uivando tristemente; oito dias depois, ainda cheirava os lugares em que a outra estivera, e se isolava mais do que nunca, resfolegando, com a lingua pendente.

Uns cabritinhos, que lhe deram para brincar, foram a sua distracção nesse momento; e foi com elles

que teve o primeiro vislumbre de noção da differença entre ella e os animaes; pouco a pouco os foi tratando, não mais como camaradas, mas como os tratam as outras crianças. Era um primeiro passo. Outros se seguiram, lentos, com recuos. Já se lhe podia pôr o prato sobre a mesa, e não mais no chão, como nos primeiros annos; servia-se das mãos para levá-lo á boca. Começou a ser menos arisca, pelo menos com a mulher do missionario, que lhe fazia as massagens.

Todavia, só três annos depois de capturada conseguiu articular certas palavras.

Lentamente, foi adquirindo attitudes e gostos humanos, perdendo a immobilidade da face, communicando-se com os outros, acostumando-se a preferir o dia á noite.

Em 1926, com seis annos, portanto, de aprendizagem, a sua adaptação estava completa. No anno seguinte já auxiliava nos trabalhos do orphanato. Quando morreu, em 1929, era a predilecta de todos, sociavel, natural, humana.

ARNOLD GESELL, M. D.

(Condensado do *Harpers Magazine*)

UMA REPLICÁ FEMININA DE T. E. LAWRENCE

Assim se chamou a si propria, uma vez, Marion Carstairs, mais conhecida por Jo Carstairs. Filha de um coronel escocês, neta materna de um dos fundadores da Standard Oil, ella herdou de sua mãe quatro milhões de dollares e o espirito aventureiro. Aos dezeseis annos, deixou o collegio em que se educava, em Connecticut, para ir dirigir ambulancias na primeira guerra européa.

Chauffeuse de taxi em Brighton, membro de uma *troupe* de ciganos, combatente durante a revolta em Dublin, dona de uma garage em Dalmur, de um bar em Lowestoft, promotora de uma excursão á volta

do mundo, caçadora de tigres na India, dedicou-se depois, durante algum tempo, ás corridas em botes-motores, cujo campeonato levantou mais de uma vez para a Inglaterra. Um braço tatuado e varios trophéos de caças e de campeonatos são as recordações dessas aventuras.

Em 1933, cansada de tanto correr mundo, desinteressada das corridas maritimas, Jo Carstairs estava em Miami, entediada, sem saber o que fazer de si, quando lhe caiu sob os olhos o annuncio da venda de uma ilha nas Bahamas. O preço era convidativo, e, imaginando um paraíso tropical, Jo fechou negocio em

uma semana, sem sequer visitar a sua propriedade. E, alguns dias depois, chegava a Whale Clay, que assim se chamava a ilha, para encontrá-la em completo abandono, habitada apenas pelo pharoleiro e sua mulher. Eram cerca de cento e vinte milhas quadradas de terra selvagem e só então a nova proprietaria lembrou-se de que nada sabia de agricultura. Começou por mandar vir sete operarios, e, só com elles, construiu, com plano seu, a casa de morada, clara e ampla, em estilo espanhol. Mas isso não bastava; precisava de um posto de telegraphia sem fio para communicar-se com o mundo, de uma usina para fornecer electricidade, de um rebocador para conduzir viveres e materiaes. Tudo isso foi feito na propria ilha, sob a sua direcção. Mas, com tantas obras, foi augmentando o numero de trabalhadores. Estes precisavam de casas. Quarenta *cottages* se ergueram, abrigando familias numerosas. Uma escola, uma igreja e um armazem eram indispensaveis, com tanta gente, e tambem boas estradas, e um porto.

Tudo isso representava apenas despesas, e Jo Carstairs, mulher de senso, não se queria arruinar. Era preciso que a ilha produzisse alguma coisa. Mas o solo era arido e mal irrigado. O primeiro trabalho foi aproveitar os regatos, nascentes, minas, por insignificantes que fossem, levando cada gota d'agua para os açudes artificiaes, de onde partem canaes de irrigação. Depois, o exame das terras revelando-as muito pobres, Jo cuidou do problema da adubação. Ninguem acreditava que ella pudesse tornar fertil o seu

carrascal; e, de facto, as primeiras experiencias não deram resultado satisfatorio. Mas a perseverança é invencivel. Depois de algum tempo, conseguiu bons milharaes; em seguida, o arroz foi aclimatado em Whale Clay. Hoje a ilha produz para o consumo de uma população de 500 almas, e exporta, em quantidade, cereaes, frutas e legumes.

Tudo isso foi feito com trabalhadores negros. Dando-lhes excellentes condições de vida, Jo prôvê á sua instrução, formando operarios e agricultores. Os seus dominios, progredindo, estenderam-se, e hoje mais três ilhas menores lhe pertencem. As suas exportações sobem a setecentos mil dollares.

Nos seus dominios, ella é senhora absoluta, governando com mão de ferro os seus subditos. Uma pequena policia mantem a ordem, e as leis, humanas, mas severas, são rigorosamente cumpridas. A expulsão da ilha é a pena maxima, temida por todos, porque em Whale Clay e nas ilhas que Me são subordinadas a vida é muito melhor do que no resto das Bahamas. Escolas, hospitaes, clubes de diversões e esportes asseguram a instrução, a saúde e a alegria dos negros, cuja vida espiritual está a cargo de um pastor.

Sempre vestida de roupa de montar, com faca á cinta, parecendo muito mais moça do que os seus quarenta annos, Jo Carstairs é a alma de tudo, temida mas amada pelos negros que civilizou, feliz na terra que transformou de charneca em campos productivos.

(Condensado de *The Saturday Evening Post*)

RESENHA DO MÊS

11 DE FEVEREIRO — Em reunião do Instituto Nacional de Sciencia Política, o coronel Ayrton Lobo dissertou sobre o thema **O que o Estado Novo espera do professor.**

13 — Commemorou-se em todo o país o centenario do nascimento de Campos Salles. * Por acto do presidente da Republica, foi aposentado Catullo da Paixão Cearense. * No Museu Nacional de Bellas-Artes, inaugurou-se a exposição de pintura da Escola Flaminga.

14 — O governo federal baixou dois decretos-leis, um dispondo sobre a criação de grandes colonias agricolas, outro extinguindo a Escola de Geographia do Exercito.

15 — Sob os auspicios do Instituto Nacional de Sciencia Politica, o sr. Ubaldo Ramalhete pronunciou uma conferencia sobre **Soluções praticas do problema da educação popular.** * Falleceu o poeta e jornalista Alberto Ramos.

18 — No salão do Lyceu Literario Português, o prof. Fernando Barata fez uma conferencia sobre **O professor e a defesa nacional.**

19 — Foi criada, por decreto-lei, a Colonia Agricola Nacional de Goiás.

20 — O presidente da Republica assignou um decreto-lei dispondo sobre o estatuto dos funcionarios estaduaes e municipaes. * Na Associação Brasileira de Educação, o comm. João Corrêa Dias da Costa fez uma conferencia sobre **O Brasil e as classes armadas.**

22 — Chegou ao Brasil o sr. James A. Farley, illustre figura do scenario politico norte-americano, portador de uma mensagem do presidente Roosevelt ao chefe da nação brasileira.

27 — Foi assignado um decreto-lei referente á locação dos empregados em serviços domesticos.

28 — O presidente da Republica assignou um decreto-lei tornando obrigatorio o registro dos estrangeiros entrados no país em caracter temporario.

1 DE MARÇO — Foi promulgado o estatuto dos militares.

3 — O presidente da Republica assignou um decreto-lei que dispõe sobre o registro provisorio dos professores.

4 — Foram baixados dois decretos-leis: um criando o Serviço de Registro de Estrangeiros na Policia Civil do Districto Federal e outro dispondo sobre a exploração de fontes de aguas mineraes. * No Palace Hotel, o Nucleo Bernardelli inaugurou o seu V Salão de Artes Plasticas.

5 — Chegou ao Recife a escriptora norte-americana Vida Hurts Osterston.



7 — Por actos do presidente da Republica foi criada a Comissão de Marinha Mercante e extincta a Escola de Especialização e Aperfeiçoamento para Officiaes da Armada.

8 — Na A. B. I. o Instituto Nacional de Sciencia Politica realizou mais uma reunião publica, em que o sr. Santa Cruz Lima falou sobre **Getulio Vargas, o pensador**. * Acompanhado do chefe do Estado-Maior do Exercito, o chefe da Nação visitou o Museu Imperial, de Petropolis.

10 — A bordo do cruzador **Rio Grande do Sul**, partiu com destino ao Norte do pais, em viagem de inspecção aos estabelecimentos navaes, o ministro Aristides Guilhem.

OUTRAS NOTICIAS — Criado o Departamento Estadual de Imprensa, de São Paulo, foi nomeado director o escriptor Cassiano Ricardo. * Vieram ao Brasil os jornalistas norte-americanos Richard Scott e Rosamond Cole Mourer, redactores internacionaes do **Chicago News**, que vão realizar uma serie de reportagens sobre o nosso pais. * Gilberto Freyre foi convidado para realizar conferencias no Instituto de Sociologia da Faculdade de Philosophia da Universidade de Buenos Aires e, bem assim, na Universidade de Chicago, onde se reunirá este anno um grupo de intellectuaes e cientistas de renome internacional para discutirem problemas de solidariedade inter-americana. Ao sociologo brasileiro confiou-se um dos mais importantes assumptos do programma: **Relações de cultura entre as nações das Americas**. O autor de **Casa-Grande & Senzala**, livro, aliás, que está sendo traduzido para o espanhol, na Argentina, foi ainda convidado, como anthropologista social, para constituir o Conselho Director da revista internacional de sciencias, **Science**, a ser fundada em Nova York, conselho de que fazem parte alguns dos maiores scenentistas contemporaneos, como os professores Boas e Ruth Benedict, da Universidade de Columbia; Fernando de los Rios, antigo cathedratico da Universidade de Madrid; Von Heine-Geldern, Briefs, da Universidade de Georgetown; Fubini, da Universidade de Princetown; Funaro e Von Brunebaum. * A revista **Directrizes** acaba de instituir dois premios literarios annuaes, intitutados "Samuel Ribeiro", para o melhor livro de historia publicado cada anno, e "José Carlos de Macedo Soares", para a melhor estréa literaria, ambos de 2:000\$000. * Deverão viajar para os Estados-Unidos, a convite do governo norte-americano, dentro em breve, os srs. Pedro Calmon, Pacheco da Silva e Jorge Americano, membros de uma caravana de intellectuaes sul-americanos. * Já foi divulgado o resultado do concurso de literatura infantil instituido pela Secretaria Geral de Educação e Cultura do Districto Federal. A comissão julgadora, composta do cel. Ayrton Lobo, major Affonso de Carvalho, Manuel Bandeira, Maria Eugenia Celso, Almir de Andrade e Julio Nogueira, resolveu conceder o primeiro premio, de 1:500\$, ao livro **O Gigante de Botas**, de Ophelia e Narbal Fontes; o segundo premio, de 1:000\$, aos **Contos inspirados na Historia**, de Rita Amil de Rialva; o terceiro, de 500\$000, a **O Principe Aventureiro**, de Lucia M. Parajá; e o quarto, de 250\$000, a **Bob-Bolach e seu criado Paúra**, de Joaquim Silveira Thomás. Obtiveram menção honrosa os seguintes trabalhos: **Patria, Coragem e Devotamento**, de Euclides Godofredo Vianna; **Brasileiros**, de Marina de Padua Barros; **Meu Brasil**, de Sergio D. T. de Macedo; **Voluntarios da Patria**, de Candido Duarte; **A Menina Diferente**, de Naylor Bastos Villas-Beas; **Princesinha Flor da Lua**, de Noemia Salvo Sousa.

A LITERATURA BRASILEIRA

"O MELHOR INDICE DA VIDA INTELLECTUAL BRASILEIRA", DIZ DA REVISTA DO BRASIL O ESCRIPTOR PORTUGUÊS JOSÉ OSORIO DE OLIVEIRA

O meu artigo publicado neste acolhedor jornal: *Adeus á Literatura Brasileira* provocou nos meios literarios do Brasil certa agitação, transcripto, como foi, pelo diário do Rio de Janeiro *A Noticia* (aliás todo gralhado), e pela *Revista Academica*. Em longo artigo no *Diario de Noticias* do Rio, sob o titulo: *Portugal, o grande escriptor Mario de Andrade, autorizado pela comprehensão, tantas vezes manifestada, do valor do meu esforço em prol do conhecimento da literatura brasileira em Portugal, contra mim arremette, com rude amizade, accusando-me de "deserção". Sabendo que o interesse por essa literatura faz parte da minha personalidade, Mario de Andrade considera o meu Adeus como "a derrapagem de um momento de irritação", recusando-se a acreditar "que abandone os seus titulos brasileiros quem não só conseguiu realizar em Portugal a intelligencia brasileira, mas ainda é o melhor estímulo de outras terras para que nos (os brasileiros) acreditemos reaes". Considera Mario de Andrade o meu artigo "completamente isento de malicia" (e isso é em mim, para elle, uma falha), porque só viu o motivo confessado da minha despedida, não das letras brasileiras, mas da actividade critica sobre a literatura do Brasil. Não reparou no momento em que foi escripto e publicado, em Lisboa, o meu artigo — momento de consagração de talentos officiaes brasileiros. Se alguma vez manifestei ingenuidade, não foi, por certo, ao escolher esse momento para me despedir de uma actividade que data, pelo menos, de 1926. Seria ingenuo o motivo confessado, de não receber do*

Brasil os livros necessarios ao proseguimento da tarefa, ia quasi a dizer da missão de que me incumbi, de revelar a literatura brasileira aos portugueses? Talvez. Não foram, porém, ingenuas as intenções. Quis mostrar, com effeito, que só por actos voluntarios, e nunca por obrigação, me tenho occupado, em livros, em opusculos, em conferencias e em numerosos artigos, da literatura do Brasil. E' essa literatura em si, e no que tem de mais brasileiro, e não o chamado "intercambio", o que me interessa, livremente, sem consideração alguma pelas conveniencias. Não tem sido sempre da literatura "viva" que tenho falado, e não tenho escripto sempre, sobre essa literatura, com inteira independencia, sem me importar de saber se sou, ou não, agradável seja a quem for? Estranhou alguém que eu não fosse a certo banquete, e eu só respondi que o homenageado estranharia que estivesse presente quem, na sua *Historia Breve da Literatura Brasileira*, lhe dera tão pequeno lugar. A outros compete promover a "aproximação luso-brasileira"; não a mim, que sou apenas um critico e, possivelmente, um historiador da literatura do Brasil, responsavel, perante os leitores, por qualquer acto publico que exceda ou desminta os meus juizos.

Que não foi inutil o meu artigo prova-o o facto de ter tido mais efficacia do que todos os pedidos, feitos em cartas a um e a outro, para que os escriptores brasileiros me mandassem os seus livros. E agora me vejo eu em difficuldades, pois escasseiam as revistas, e o espaço nos jornaes é diminuto, para que possa, nesta hora tragica da

Europa, occupar-me de livros brasileiros. E se voltasse a consagrar artigos á literatura brasileira, quantos não me accusariam, mais uma vez, de inconstancia? E' certo que pouco me importa esse julgamento, porventura justo, do meu gosto pela renovação das idéas e das opiniões proprias. Sempre considerarei abusiva tyrannia a daquelles que nos querem amarrar á opinião uma vez expendida. Mas é cedo, ainda, para escrever o artigo que começa a querer impor-se á minha consciencia, com este titulo: **A impossivel despedida**. Olho para a minha estante brasileira, e vejo nella novos livros que reclamam uma referencia: o estudo exhaustivo de José Honorio Rodrigues e Joaquim Ribeiro sobre a **Civilização Holandesa no Brasil**; o romance de estréa de Emil Farhat, **Cangerão**, de tão profunda humanidade, apesar de tendencioso; o romance **Um rio imita o Rheno**, em que Vianna Moog, descendente de alemães, estuda o caso das colonias alemãs do Sul do Brasil á luz do ideal brasileiro de nacionalização de todos os immigrantes; o novo livro de poemas de Adalgisa Nery, **A mulher ausente**, em que se repete o grito do seu primeiro volume — um grito vindo das entranhas; as **Noções de Historia das Literaturas**, obra didactica na qual o poder de synthese é ainda uma manifestação do grande talento poetico do seu autor, Manuel Bandeira (não passarão sem reparo meu as lacunas da parte em que trata da literatura portuguesa contemporanea). Isto para não falar de outras obras, recebidas há mais tempo e que têm aguardado de mim as palavras de apreço ou admiração que merecem, como, por exemplo: o estudo definitivo de **Tobias Barreto** por Hermes Lima; o ultimo livro de poemas do grande lyrico Augusto Frederico Schmidt, **Estrella So-**

litaria; os volumes que me faltavam da obra de Plinio Salgado, de tão extraordinario poder verbal e de tão poderosa concepção mythica. Se estivesse ainda nos bons tempos do generoso fervor, falaria, ainda, de um livro que só pude ler por emprestimo: **As três Marias**, o ultimo romance de Rachel de Queiroz. Mas já deu commigo a fadiga do enthusiasmo.

Uma coisa só me penaliza, já que de arrependimento não se pode falar, convencido, como estou, de que tive toda a razão para escrever o **Adeus á Literatura Brasileira**. E' grande a magoa que me causa ver que a minha attitude entristeceu um generoso portuguez que no Brasil tem feito milagres para conseguir estreitar as relações dos escriptores brasileiros com os confrades de Portugal — esse admiravel Antonio Amorim, exemplo de desinteressada dedicação pelas letras. Outra coisa provoca em mim uma especie de remorso, apesar do muito que fiz anteriormente. E' que, como se constituísse uma resposta á minha accusação sobre o pouco caso que os brasileiros fazem da nossa literatura, o ultimo numero da **REVISTA DO BRASIL**, [o autor refere-se ao de setembro] entre dez collaboradores, inclui seis portugueses. Que fazemos nós, de comparavel, pelos escriptores do Brasil? E o director dessa revista, que é o melhor indice da vida intellectual brasileira, o notavel historiador Octavio Tarquinio de Sousa, ainda por cima me diz em carta: "Terei sempre a maior satisfação em acolher na **REVISTA DO BRASIL** os escriptores portugueses e cuído que mais do que nunca devemos estar unidos, na hora terrivel que vivemos". A verdade é que nunca o meu espirito se separou do Brasil.

JOSE' OSORIO DE OLIVEIRA

(Diario de Lisboa, 24-12-940).

REGISTRO BIBLIOGRAPHICO

André Simone — A DERROCADA DE UMA NAÇÃO (A historia intima dos homens que traíram a França) — Traducção de Noel Madeira — 283 pags. — *Edições Meridiano*, Porto Alegre, 1941 — 10\$000.

H. G. Wells, Julian Huxley e G. P. Wells — A NOSSA VIDA MENTAL — Vol. VIII da collecção "A Sciencia da Vida" — Trad. de Almir de Andrade — Capa de Raul Brito — Illustrações de L. R. Brightwell — Cartonado — 318 pags. — *Livraria José Olympio Editora*, Rio, 1941, 15\$000.

Carolina Nabuco — A SUCCESSORA (Romance) — 3.^a edição — Capa de Santa Rosa — 299 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1941 — 10\$000.

Van Leon — A VIDA E A ÉPOCA DE REMBRANDT — Vol. 14 da collecção "O Romance da Vida" — Trad. de Tasso da Silveira — Prefacio do autor — Capa de Santa Rosa — 499 pags. *Livraria José Olympio*, Rio 1941 — 22\$000.

Raymundo de Moraes — COSMORAMA — 151 pags. — *Irmãos Pongetti*, Rio, 1941 — 6\$000.

Dostoiewsky — CRIME E CASTIGO (Romance) — Trad. revista por Marques Rebêlo — 455 pags. — *Pongetti*, Rio, 1941 — 15\$000.

Weeb Miller — ...E EU NÃO ENCONTREI A PAZ! (Memorias de um correspondente estrangeiro) — Vol. 1 da collecção "Os homens vistos por elles mesmos" — Trad. de Orlando Sattamini Duarte.

Zoroastro Vianna Passos — EM TORNO DA HISTORIA DE SABARÁ — Vol. 5 das Publicações do Serviço do Patrimonio Historico e Artístico Nacional — Ed. illustrada, e com reproducção photographica dos documentos referentes ao Aleijadinho — Rio, 1941 — 6\$000.

Almir de Andrade — FORMAÇÃO DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA — (Vol. I — Os primeiros estudos sociaes no Brasil — Seculos XVI, XVII e XVIII) — Vol. 27 da Collecção Documentos Brasileiros — Prefacio do autor — Ed. illustrada — 318 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1941 — 20\$.

Ethel Vance — FUGA (Romance) — Vol. 2 da collecção "Fogos Cruzados" — Trad. de Lucio Cardoso — 456 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1941 — 15\$000.

Maria Eugenia Celso — O DIARIO DE ANNA LUCIA (Romance) — 235 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1941 — 8\$000.

John Gunther — O DRAMA DA EUROPA (A historia dos ditadores e estadistas) — Trad. de Gilberto Miranda — Prefacio do autor e do traductor — 604 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1941 — 25\$000.

João Luso — ORAÇÕES E PALESTRAS — 257 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1941 — 10\$000.

O CONFLICTO EUROPEU

“BOLAS” — Ao pé de interessantes reportagens e artigos, as *Selecciones del Reader's Digest* trazem sempre, recolhidas aqui e ali, umas boas “bolas”.

Estas duas são de uma publicação mexicana:

“Que faria Mussolini se se apoderasse da cidade de Londres? Esta pergunta, formulada por um diário inglês, recebeu numerosas respostas, mas a premiada foi a seguinte: — Rebaptizaria em seguida o nosso famoso relógio **Big-Ben**, pondo-lhe **Big-Benito**.”

“Goebbels, o ministro alemão de propaganda, enfureceu-se uma vez mais ao ler o que escreveu Virginio Gayda, o articulista oficial de Mussolini. Desta vez não pôde conter-se e ordenou uma comunicação telephonica extraurgente de Berlim com Roma.

Quando a ligação foi feita, escutou-se a voz potente do ministro de Hitler, que exclamava:

— Senhor Gayda! Temos que nos pôr de accordo alguma vez!... E' impossivel que o senhor continue afundando no Mediterraneo os navios ingleses que eu já tenho afundado no Mar do Norte!”

FORNECIMENTO DE SANGUE — Um dos materiaes de immensa importancia que os Estados-Unidos estão fornecendo á Inglaterra sem que a elle se referisse a excepcionalissima lei de auxilio ás democracias, é o sangue humano.

Em artigo numa revista scientifica americana diz Edith Roberts: “As crueis necessidades da guerra trouxeram um beneficio: as transfusões de plasma sanguineo a feridos separados por enormes distancias do doador de tão precioso liquido. Graças a este novo methodo, o sangue generoso de muitos norte-americanos circula hoje nas veias dos que travam a batalha da democracia no solo britanico.

Passaram de 8.000 os homens e mulheres que, no espaço de quatro meses, doaram sangue nos Estados-Unidos. Por ora as doações se effectuam só na cidade de Nova York, onde, desde agosto do anno passado, cerca de 1.000 pessoas semanalmente, a metade dellas mulheres, offerecem sangue para aquelle fim. Mas á medida que se vá aperfeiçoando a technica empregada agora para extrahir o sangue e enviá-lo, convertido em plasma, ao seu destino, haverá outras cidades norte-americanas onde, como acontece actualmente em Nova York, porfiam homens e mulheres em secundar a generosa iniciativa. Da oportunidade e ainda da urgencia que há em fazê-lo, dá perfeita idéa a circumstancia de que um dos pedidos do governo inglês fixava em 20.000 o numero de pessoas cujos donativos de sangue eram necessarios durante 30 dias.

Uma vez extrahido o sangue do doador, procede-se á separação do plasma, que é submettido depois a repetidas provas destinadas a precaver o risco de possiveis contaminações; mistura-se com uma solução salina; acondiciona-se e se envia á Inglaterra, já nos vapores mais rapidos, já nos *clippers*, grandes e velocissimos aeroplanos do serviço transatlantico.”

"OS SETE MYSTERIOS DA EUROPA" — Já se pode ler muita coisa de profundamente interessante sobre os segredos da actual guerra. O livro de Jules Romains, que a Livraria José Olympio Editora acaba de traduzir (*Sept Mystères du Destin de l'Europe* no original francês), é um depoimento tão empolgante que parece novellesco.

Como chefe das juventudes do seu país, presidente dos P. E. N. Clubs, amigo de chefes de Estado e grandes personagens da Europa, escriptor com um grande renome como pacifista, teve oportunidade de agir, segundo seu processo, sobre innumeros "pontos vi-taes" com o objectivo de evitar a catastrophe que desabou sobre a Europa e o mundo.

Do seu contacto com primeiros ministros, diplomatas, chefes de exercitos, dá Jules Romains um relato impressionante.

A edição brasileira de *Os Sete Mystérios da Europa* saiu com annuncio já de duas outras edições do mesmo genero: *Noite de Agonia em França*, de Jacques Maritain, em traducção de Tristão de Athayde, e *Eu vi a França cair*, de René de Chambrun, traduzido por Giuseppe Amado.

GUERRA E TURISMO — A guerra tem favorecido extraordinariamente o turismo dos Estados-Unidos para o Canadá. Uma estatística do governo canadense menciona 14.100.000 norte-americanos em terras do Dominio, com permanencia de mais de 48 horas, durante o anno de 1940.

A VEZ DA YUGOSLAVIA — Na sua secção de noticias do exterior, a revista americana *Time* trata da situação nos Balkans, começando por descrever os processos de Hitler para obtenção do que pretende.

Diz que a tactica de Hitler consiste em applicar series de pressões identicas sobre homens individualmente dentro dos partidos, sobre partidos dentro de nações e sobre nações dentro de blocos. O primeiro passo a dar é fazer com que cada união destrua outra união. Occupando-se particularmente da Yugoslavia, diz *Time*:

"A Yugoslavia, encarando o facto consummado da queda da Bulgaria na orbita nazista, firmou-se na sua posição e prepara-se para cair tambem. Especialmente convidados, o premier da Yugoslavia, Dragisha Cvetkovitch, e o ministro do Exterior, dr. Aleksandar Cincar-Markovitch, foram ao retiro da montanha de Adolpho Hitler, onde se realizou uma conversação de três horas.

Se Herr Hitler gritou, desperdiçou seu folego. O premier Cvetkovitch não fala alemão; o interprete de Hitler, dr. Paulo Schmidt, não faz eco dos seus gritos. E o ministro do Exterior Cincar-Markovitch, que fala bem o alemão, é sabidamente o homem mais paciente da Yugoslavia.

Herr Hitler disse: — A Yugoslavia será sabia em unir-se ao Eixo.

Os dois homens disseram: — Transmittiremos ao Regente Paulo o que acabamos de ouvir.

Herr Hitler disse: — Estimarei ter a segurança de que a Yugoslavia nada fará se a Alemanha invadir a Bulgaria e atacar a Grecia; necessito de permissão para passar tropas através da Yugoslavia para a Grecia; quando tiver vencido a guerra, darel á Yugoslavia Salonica e o Nordeste da Albania.

Os dois ministros disseram: — Contaremos ao Principe Paulo.

Então elles voltaram e contaram ao Principe Paulo."

RAUL LIMA

Dê-lhes uma Renda Mensal

- durante a phase de reajustamento



EVITE que, por um imprevisto, sua família fique sem meios de subsistência. Assegure-lhe uma renda mensal, em relação ao seu ordenado de hoje. Isto é possível mediante a nova "Apólice de Reajustamento".

Sul America

COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA

erico

FUME UM E FUMARÁ SEMPRE



CIA. SOUZA CRUZ

